

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

DOUGLAS PINHEIRO COSTA



O PRECONCEITO RELIGIOSO E A CULTURA DE CONGO NAS AULAS DE ARTES

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 13/11/2017.

VITÓRIA-ES
2017

DOUGLAS PINHEIRO COSTA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 13/11/2017.

O PRECONCEITO RELIGIOSO E A CULTURA DE CONGO NAS AULAS DE ARTES

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

Trabalho final de Mestrado profissional para
obtenção de grau de Mestre em Ciências das
Religiões Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-graduação em Ciências das
Religiões
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. José Mário Gonçalves.

VITÓRIA-ES
2017

Costa, Douglas Pinheiro

O preconceito religioso e a cultura de Congo nas aulas de arte / Douglas Pinheiro Costa. - Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

xii, 145 f. ; 31 cm.

Orientador: José Mário Gonçalves

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

Referências bibliográficas: f. 137-145

1. Ciência da religião. 2. Religião e esfera pública. 3. Cultura de Congo. 4. Preconceito religioso. 5. Cultura popular e preconceito religioso. 6. Arte e educação. - Tese. I. Douglas Pinheiro Costa. II. Faculdade Unida de Vitória, 2017. III. Título.

DOUGLAS PINHEIRO COSTA

O PRECONCEITO RELIGIOSO E A CULTURA DE CONGO NAS AULAS DE
ARTES

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.


Doutor José Mário Gonçalves – UNIDA (presidente)


Doutor Julio Cezar de Paula Brotto – UNIDA


Doutora Terezinha Maria Schuchter – UFES



“Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre os povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir”.

AGRADECIMENTOS

Aos que gentilmente contribuíram, colaboraram, serviram de inspiração e participaram de forma direta ou indireta no desenvolvimento deste trabalho:

Dr. José Mario Gonçalves, professor do curso de mestrado em ciências das religiões e orientador desta pesquisa. Minha gratidão pela atenção, apoio, pela sabedoria e preciosos conselhos;

Dr. Júlio Brotto e Dr. Kenner Terra, pelos conselhos referentes à qualificação desta dissertação;
Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro e Luana Cordeiro Ribeiro, respectivamente coordenador e secretária do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória;
Professores e demais funcionários da Faculdade Unida de Vitória;

Companheiros da décima turma do mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória;

Dr^a. Terezinha Maria Schuchter e Dr. Alexsandro Rodrigues, docentes do centro de educação da Universidade Federal do Espírito Santo;

Dr^a. Ângela Francisca Caliman, gerente de Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Vitória;

Ma. Débora Almeida de Souza, gerente de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Vitória;

Adriana Sperandio, Secretária de Educação do Município de Vitória;

Equipe de recursos humanos e equipe de formação da Secretaria Municipal de Educação de Vitória (Dr^a. Karla Veruska Azevedo, Ma. Jandira Gualberto dos Reis, Rogério Moreira Norbim, Roberto Sarcinelli Neves, Rosa Helena Rangel Rosa, Ma. Heloísa Ivone da Silva de Carvalho, Dr^a. Vasti Gonçalves de Paula Correia e Larissa Schmaedeke Lange);

Diretora Flávia Chisté Rocha, equipe pedagógica e funcionários do Centro Municipal de Educação Infantil “Carlita Corrêa Pereira” do município de Vitória;

Ma. Vanusa Stefanon Maroquio, Secretária de Educação do Município de Cariacica;

Equipe de profissionais da Secretaria Municipal de Educação de Cariacica (Ione Aparecida Duarte Santos Dias, Ma. Dirlan de Oliveira Machado Bravo, Ma. Adriana Pereira de Almeida, Elismar Antônio da Silva, Juliana Rohsner Vianna, Dr. Júlio de Souza Santos, Tatiana Silva Machado de Oliveira e Salomé de Sá Oliveira)

Equipe de profissionais que atuam no Ensino de Jovens e Adultos do município de Cariacica;

Diretores, corpo técnico administrativo e funcionários das escolas pesquisadas;

Alunos e responsáveis que colaboram e participaram das entrevistas nesta pesquisa.

Thiaya Freitas Mattos, companheira e incentivadora deste trabalho;
Me. José Elias dos Santos, músico, professor e pesquisador da Cultura de Congo;
Osnília Avelar Meireles, professora e congueira;
Ana Maria Ramos, professora e incentivadora da Cultura de Congo na escola;
Zuilton Ferreira, artista plástico;
Ma. Juliana de Jesus Chinelli e Me. Rubens Dornelas da Silva, colegas, conselheiros e pesquisadores;
Ma. Dagmar Alves de Freitas, pesquisadora da Cultura de Congo;
Me. Gabriel José da Vitória Fonteles, revisor;
Hemerson Carvalho Valentim, amigo e tradutor;
José Geraldo das Mercês Junior, sacerdote religioso de religiões afro-brasileiras;
Mestre Itagiba e sua banda de Congo “Mestre Tagibe” de Cariacica/ES;
Mestre Ricardo da banda de Congo “Amores da Lua” de Vitória/ES;
Demais pesquisadores, congueiros e mestres de Congo entrevistados;
Em especial aos meus estimados amigos e minha amada família.

RESUMO

O termo Congo se refere ao conjunto de músicas e manifestações folclóricas desta tradição cultural. É uma manifestação cultural popular trazida pelos escravos africanos no período colonial brasileiro. No Congo Capixaba temos o encontro das três principais matrizes culturais do povo brasileiro: O africano, o europeu e o indígena. Apesar de sua origem religiosa, ao longo dos anos, a tradição de Congo não se ateuve apenas a expressão da fé dos seus praticantes. Canções sobre variados temas passaram a fazer parte do repertório das bandas. A expressão cultural popular também representa um ritmo musical característico que inspirou trabalhos de diversos artistas. É considerada a principal manifestação folclórica do estado. Contudo, este trabalho de pesquisa sobre o preconceito religioso em relação à cultura de Congo nas aulas de Artes e na escola parte do problema que fatores de preconceitos, dentre eles religiosos, culturais, raciais e/ou mesmo sociais, impedem que muitos alunos, familiares e mesmo profissionais da educação estejam abertos para atividades relacionadas à temática. Neste trabalho, a pesquisa bibliográfica apresenta os principais aspectos culturais, históricos e religiosos da manifestação. Em campo, a observação e vivência *in loco* de festividades, eventos e manifestações de Congo, possibilitou levantar registros e informações significativas. Através de entrevista qualitativa presencial com questões semiabertas e também com preenchimento de outro formulário com questões fechadas, a pesquisa de campo obteve dados de congueiros, artistas, profissionais da educação, familiares e alunos de seis escolas públicas de ensino fundamental pesquisadas nas cidades de Cariacica e de Vitória. Os resultados apontam que existe o preconceito religioso em relação a esta cultura, que a sua manifestação não é amplamente e profundamente conhecida por alunos e familiares das escolas pesquisadas. O desconhecimento desta manifestação cultural também demonstra certa invisibilidade desta tradição nos meios de comunicação e nas instituições públicas que não a enxergam como uma potência cultural de identidade do povo capixaba. Contudo, a identificação cultural com temáticas afro-culturais se mostrou como um fator relevante na relação dos entrevistados com a manifestação. Igualmente, os hábitos culturais dos entrevistados interferem na compreensão e apreciação da cultura de Congo. A escola foi o principal espaço de vivência e de apreciação da cultura popular mencionada por grande parte dos entrevistados. Com isso, exaltamos a importância e necessidade da abordagem da temática do Congo na escola e da interdisciplinaridade entre as disciplinas de Artes, História e Ensino Religioso. Trabalhando-se com a proposta triangular de ensino da arte, a tradição popular capixaba é um excelente meio para apresentar aos alunos a cultura popular local, assim como as origens e características da mesma. Dessa forma, atende-se as leis de valorização da história e culturas afro-brasileiras e indígenas nas aulas de artes. A pesquisa apresenta os principais aspectos culturais, históricos e religiosos da manifestação. As principais teorias que sustentam os argumentos e análises deste trabalho são as de Laraia sobre o dinamismo cultural, de Bakhtin sobre a circularidade cultural, de hibridismos mencionados por Burke, os conceitos de sagrado e profano conforme apresentados por Eliade, de invisibilidade do negro e da cultura popular, também de preconceitos religiosos referentes a manifestações de matriz africana mencionados por vários autores. Com a abordagem triangular de Barbosa sobre o ensino de Artes, apontamos caminhos para abordar a temática em sala de aula e apresentamos propostas para maior divulgação da cultura popular do Congo Capixaba.

Palavras-chave: Cultura de Congo, Preconceito Religioso, Artes, Educação.

ABSTRACT

The term “Congo” refers to a set of music and folkloric manifestations of this cultural manifestation. It’s a popular cultural manifestation brought by African slaves in the Brazilian colonial period. At Capixaba Congo, we have the meeting of the three main cultural matrices of Brazilian people: The African, the European and the Indigenous. Despite its religious origins, along the years, the tradition of the Congo hasn’t stuck to its practitioners expressions of faith only. Songs about many themes have come to be part of the bands’ repertory. The popular cultural expression also represents a characteristic musical rhythm that has inspired the work of many artists. It is considered the main folkloric manifestation of the State of Espírito Santo. However, this research work about religious prejudice in relation to the culture of Congo at Art classes and at school starts from the problem that prejudice factors, as such as religious, cultural, racial and/or social kinds, prevent that many students, relatives and even education professionals to be open minded to activities related to the subject. This work, a bibliographical research, presents the main cultural, historical and religious aspects of the manifestation. In field, the observation and experience of the festivities, events and manifestations of Congo *in loco* made possible to record up meaningful information. Through presential qualitative interviews with semi open questions and also the filling of objective forms, the field research got data from the “congueiros”, artists, education professionals, relatives and students from six primary public schools researched in the cities of Cariacica and Vitória. The results show that there is religious prejudice related to this culture and that its manifestation isn’t fully and widely recognized by the students and relatives from the researched schools. The unfamiliarity of the cultural manifestation also shows a kind of invisibility of the tradition by means of communication and by public institutions that can’t see it as a cultural power of the capixaba people's identity. Yet, the cultural identification with the Afro-cultural thematic has shown itself as a relevant factor in the relation between the interviewed people and the manifestation, equally, the interviewee’s cultural habits interfere in the comprehension and appreciation of the culture of Congo. School was the leading space of experience and appreciation of the popular culture mentioned by the majority of the interviewed. Thereby, we exalt the importance and necessity of dealing with the thematic of Congo at school and of the interdisciplinary between the Arts, History and Religion disciplines. Working with the triangular proposal to the teaching of Arts, the popular capixaba tradition is an excellent way to introduce the students to the local popular culture, as well as its origins and characteristics. This way, we attend to the laws of valorization of the Afro-Brazilian and indigenous history and culture. The research presents the main cultural, historic and religious aspects of the manifestation. The primary theories the sustain this work’s arguments and analyses are authored by Laraia about cultural dynamism, by Bakhtin about cultural circularity, about hybridisms by Burke, the concepts of the sacred and the profane as presented by Eliade, of invisibility of black people and of the popular culture mentioned by various authors. With the triangular approach of Barbosa about the Arts teaching we point the way to deal with the thematic in classroom and we present proposals for a better divulgation of the capixaba’s popular culture of Congo.

Keywords: Congo’s culture, Religious prejudice, Art, Education.

LISTA DE SIGLAS

- ABCC - Associação de Bandas de Congo de Cariacica.
- CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior.
- CD - *Compact Disc*, em português Disco Compacto.
- CEAFRO - Comissão de Estudos Afro-brasileiros.
- CERER - Comissão de Educação e Estudos das Relações Étnico-raciais.
- CMEI - Centro Municipal de Educação Infantil.
- CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.
- DNIT - Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes.
- DVD - *Digital Versatile Disc*, em português Disco Digital Versátil.
- ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.
- EJA - Educação de Jovens e Adultos.
- EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental.
- ES - Espírito Santo.
- IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- IURD - Igreja Universal do Reino de Deus.
- LDB - Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional.
- MEC - Ministério da Educação.
- MPB - Música Popular Brasileira.
- PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais.
- SEME - Secretaria Municipal de Educação.
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 - Mestre da Banda de Congo da Vila do Riacho, senhor Antônio Ramos ..	29
FOTOGRAFIA 2 - Mestre Aroldo Silva e suas vestes de capitão, líder da banda de Congo Konfogo de Fundão	29
FOTOGRAFIA 3 - Mestre Ricardo, da banda Amores da Lua de Vitória, com seus trajes que se assemelham a vestes de marinheiro e Ana Maria Ramos na festa cultural da EMEF Rosa da Penha – Cariacica	29
FOTOGRAFIA 4 - Integrantes da Banda de Congo São Sebastião de Taquaruçu no Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água de 2015	30
FOTOGRAFIA 5 - Dona Darinha, primeira mestre de Congo	30
FOTOGRAFIA 6 - Banda de Congo Tupinikim, de Caieras Velhas, município de Aracruz Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água de 2015.....	30
FOTOGRAFIA 7 - Integrante da banda de Congo Tupinikim dançando	30
FOTOGRAFIA 8 - Índio tocando a casaca. 1979	30
FOTOGRAFIA 9 - Banda de Congo Mestre Tagibe.....	56
FOTOGRAFIA 10 - Mestre Vardinho com a buzina, o chocalho e o apito, ao fundo porta bandeira, tocadores de tambores, cuíca e casacas	59
FOTOGRAFIA 11 - Congueiro tocando a Casaca ao centro. Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água de 2015.....	60
FOTOGRAFIA 12 - Pequeno índio tocando a casaca.....	60
FOTOGRAFIA 13 - O artista Zuilton Ferreira (vestido com camiseta branca junto à estátua) acompanhando por representantes de bandas de Congo do município e do personagem João Bananeira na inauguração de sua obra no Centro Cultural de Cariacica.....	83
FOTOGRAFIA 14 - Banda de Congo se apresenta na festa da Penha de 2017.....	84
FOTOGRAFIA 15 - Fincada do mastro no canto da praça, distante do palco principal da festa.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 A CULTURA E O CONGO.....	20
1.1 A influência do ambiente na formação cultural do Congo.....	26
1.2 Origem das Congadas, as raízes do Congo.....	33
1.3 São Benedito e o sincretismo religioso	42
2 O CONGO CAPIXABA.....	50
2.1 Características e festividades da manifestação cultural do Congo	55
2.2 Preconceitos raciais e religiosos em relação ao povo negro.....	66
2.3 Preconceitos religiosos na cultura de Congo.....	71
3 O CONGO NA ESCOLA E NAS AULAS DE ARTES	86
3.1 Entrevista com representantes das secretarias de educação dos municípios pesquisados..	94
3.2 Percepções e relatos da pesquisa de campo.....	102
3.3 Entrevistas nas escolas e relatos sobre o preconceito em relação ao congo na escola	105
3.4 Hábitos culturais dos entrevistados	115
3.5 Desafios na difusão da Cultura de Congo na escola e na sociedade	120
CONCLUSÃO.....	132
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICÊ A - DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS GRAVADAS – TRANSCRIÇÃO PARA NÚMEROS QUANTITATIVOS – QUADRO 1	144
APÊNDICÊ B - DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS GRAVADAS – TRANSCRIÇÃO PARA NÚMEROS QUANTITATIVOS – QUADRO 2	145
APÊNDICE C – PESQUISA SOBRE O HÁBITO CULTURAL DOS ENTREVISTADOS – QUADRO 1	146
APÊNDICE D – PESQUISA SOBRE O HÁBITO CULTURAL DOS ENTREVISTADOS – QUADRO 2	147
APÊNDICE E – PESQUISA SOBRE O HÁBITO CULTURAL DOS ENTREVISTADOS – QUADRO 3	148
APÊNDICE F – PESQUISA SOBRE O HÁBITO CULTURAL DOS ENTREVISTADOS – QUADRO 4	149
APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA – PRATICANTES DO CONGO	150
APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA – ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I	152
APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA – ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II E EJA.....	154

APÊNDICE J – QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA – PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E QUADRO TÉCNICO ESCOLAR	156
APÊNDICE K – QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA – PAIS OU RESPONSÁVEIS DE ALUNOS	158
APÊNDICE L – QUESTIONÁRIO SOBRE HÁBITOS CULTURAIS E DE ACESSO À CULTURA	160



INTRODUÇÃO

O Congo é uma manifestação cultural típica no estado do Espírito Santo, conhecido como Congo Capixaba ou espírito-santense. É uma tradição popular com heranças culturais indígenas, europeias e principalmente africanas, que também pode ser reconhecido pelo ritmo musical e uso de instrumentos característicos. A tradição é mantida por mestres congueiros que a transmite por gerações.

Não existem muitos documentos que precisam a formação histórica do Congo, porém suas características, como as semelhanças religiosas, musicais e até mesmo o nome da manifestação remontam as congadas, festejos realizados pelas irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos homens pretos. Esta relação religiosa também acontece no Congo Capixaba, onde diversas bandas são batizadas e carregam estandartes de santos católicos, marcadas por um antigo sincretismo religioso em que os praticantes cultuavam santos católicos para que pudessem manter tradições, devoções e celebrações de origem africana ressignificadas e aceitas pelo catolicismo dominante da sociedade escravocrata.

Atualmente, a expressão cultural da manifestação ganhou mais força e destaque do que a sua vertente e origem religiosa. O sincretismo que existia no passado não é louvado pelas bandas e pelos praticantes, mas essa matriz ainda se mostra presente nos folguedos, festas religiosas carregadas de rituais realizadas pelas bandas de Congo em devoção a São Benedito, São Sebastião e a Nossa Senhora da Penha, esta última padroeira do Espírito Santo. As festas são formas de homenagear os santos ligados a algum tipo de intercessão ou milagre acontecido no passado que favoreceu os antepassados dos congueiros.

O ensino de arte nas escolas é uma maneira de promover o conhecimento das expressões humanas culturais e artísticas. As tradições populares se inserem nas produções de patrimônio materiais e imateriais, também nas construções identitárias de um povo. Conhecer as manifestações culturais e artísticas ajuda a compreender as relações sociais, seus valores religiosos, éticos e estéticos. A compreensão desses valores proporciona o conhecimento desta cultura assim se permitindo a crítica, a fruição, admiração, participação e também de assimilação que pode ocasionar influência em outra prática cultural por meio de ressignificações em processos de trocas como a apropriação e acultramento. A formação do conhecimento artístico e cultural promove a compreensão da pluralidade e do respeito às diferenças.

Dentro dos objetivos gerais da disciplina de Artes nos Parâmetros Curriculares Nacionais, está o conhecimento da variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas

presentes na história das diferentes culturas e etnias.¹ Nesta perspectiva se insere a cultura regional com a valorização de manifestações folclóricas e populares. Objetivos estes, também solicitados pelas secretarias de educação através das diretrizes curriculares dos municípios de Vitória² e de Cariacica³, cidades da região metropolitana da capital do estado do Espírito Santo.

Atuo como professor de Artes há 12 anos. Trabalhei em instituições públicas e privadas, com experiência na educação infantil, ensino fundamental I e II, ensino médio e ensino superior. Nascido e criado em Minas Gerais, resido no estado do Espírito Santo a cerca de 9 anos, onde exerço a função de professor de Artes em escolas públicas da região metropolitana. Desde então venho observando estranhamentos e falas preconceituosas de alunos e colegas em relação a cultura de Congo na escola. Manifestação popular essa que pouco conhecia, mas que devido a estes fatos, motivou-me a investigar e conhecer mais sobre essa importante e significativa forma de expressão cultural para o estado, e que resultou neste trabalho de pesquisa. Atendendo desse modo, a um dos documentos orientadores da política educacional do município de Vitória, o qual atuo como professor de Artes. O documento de 2016 sobre a *Política de formação continuada para os profissionais da educação da rede de ensino de Vitória*⁴, menciona o caráter do professor como pesquisador e da articulação da produção acadêmica com a prática profissional:

O presente documento considera as demandas identificadas nos registros avaliativos dos profissionais, estes ocorridos nos diferentes espaços de formação e de diálogos, assim como o debate de natureza teórica e conceitual realizado nos espaços de formação acadêmica, em especial as pesquisas que envolvem a rede municipal como campo. No que diz respeito às demandas identificadas e ao debate teórico conceitual, podemos destacar que eles se relacionam e apontam para necessidades voltadas para: [...] a aproximação de produção teórico-acadêmica e sua articulação entre teoria e prática; a reflexão sobre a prática pedagógica; a formação coletiva/grupos de estudo e encontros coletivos interdisciplinares; a ação reflexiva e articuladora com as diretrizes curriculares municipais; os estudos sobre a diversidade; as formas institucionais de incentivo à pesquisa em consideração à ideia da/o professora/or como pesquisadora/or; o incentivo à participação em cursos de pós graduação e/ou demais espaços de formação como congressos, seminários e afins.⁵

¹ BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental*. Parâmetros curriculares nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1998. p. 48.

² PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. *Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos*. Prefeitura Municipal de Vitória/ Secretaria de Educação. SPERANDIO, Adriana (Coord.); CASTRO, Janine Pereira de Castro; FIORIO, Ângela Francisca Caliman. Vitória: Seme. 2016. p. 77-91

³ PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA. *Diretrizes Curriculares do Município de Cariacica/ES - Ensino Fundamental (6º ao 9º Ano)*. Cariacica: Prefeitura Municipal de Cariacica/ Secretaria Municipal de Educação de Cariacica. 2012. Disponível em: <<http://www.cariacica.es.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/DIRETRIZES-FINAL-6%C2%BA-AO-9%C2%BA-ANO.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. *Política de formação continuada para os profissionais da educação da rede de ensino de Vitória*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória/ Secretaria Municipal de Educação/ Subsecretaria Político-Pedagógico/ Gerência de Formação e Desenvolvimento em Educação. 2016.

⁵ PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2016, p. 3-4.

O trecho do documento também orienta ações interdisciplinares e para estudos sobre a diversidade, dentre elas, podemos considerar as diferenças culturais, raciais e religiosas, argumentações que são discutidas nesta dissertação.

Este trabalho aponta que apesar de o Congo ser uma manifestação tradicional na região metropolitana e rica em elementos culturais das principais matrizes formadoras do povo brasileiro, muitos alunos a desconhecem ou não entendem suas características e influências, gerando resistências ao trabalho realizado nas aulas e eventos escolares. A religiosidade e as características culturais africanas presentes na manifestação causam desconforto em algumas pessoas. A abordagem desta cultura na escola é carregada de desafios e preconceitos, desde professores que não se identificam com esta expressão cultural e não abordam o tema em suas aulas, até escolas que não proporcionam eventos ou não valorizam apresentações folclóricas e tradicionais regionais. Sobretudo, pais e responsáveis que não permitem a participações dos alunos em atividades relacionadas à cultura de Congo, juntamente com comunidade e alunos que repassam mensagens equivocadas e preconceituosas que associam a manifestação a rituais de feitiçaria.

Esta pesquisa se propõe a investigar as manifestações de preconceitos existentes em relação a abordagem desta forma de expressão cultural popular na escola e na sociedade. Também apresentar soluções e boas práticas para combater este problema seguindo a metodologia acadêmica de pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, relatos dos entrevistados, coleta de dados e análise dos resultados.

No primeiro momento desta pesquisa me debrucei em conhecer um pouco mais sobre a Cultura de Congo. O levantamento bibliográfico contou com pesquisas de livros descritivos, artigos, monografias e dissertações sobre o tema. Entrei em contato com pesquisadores, produtores culturais e mestres de Congo. Assisti registros e produções audiovisuais referentes a esta manifestação. Participei de eventos e apresentações de festividades de Congo, como o Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água no município de Cariacica, Festa de Nossa Senhora da Penha em Vila Velha e Festa do Queimado no município da Serra. Participei de evento acadêmico realizado por pesquisadores da Cultura de Congo na Universidade Federal do Espírito Santo com o objetivo de conhecer os pesquisadores e seus trabalhos relativos à manifestação cultural, ouvir relatos de mestres sobre a cultura e a história do Congo Capixaba assim como conhecer e compreender os aspectos da expressão cultural, que serão descritos neste trabalho.

Apresentei comunicações sobre a temática em eventos acadêmicos. Também entrevistei mestres e praticantes de Congo para compreender a relação que eles fazem da expressão e prática cultural com a manifestação religiosa. Também os questionei sobre os preconceitos que enfrentam ou não em relação a diversos aspectos como os religiosos, culturais, raciais e sociais.

No segundo momento, desenvolvi a pesquisa em escolas de ensino fundamental das redes públicas municipais de Vitória e de Cariacica, escolas chamadas de EMEF's, sendo três escolas por município, em um total de seis escolas pesquisadas contando com cento e oitenta e três participações de entrevistados autorizados. As escolas selecionadas para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa levaram em conta a localização das mesmas em relação à proximidade e afastamento das manifestações, para que então fizesse comparações e análises em relação ao envolvimento, contato e identificação cultural dos entrevistados com a Cultura de Congo.

Em cada município foi escolhida uma escola inserida em comunidade próxima a banda e festividades de Congo: Em Vitória, a pesquisa aconteceu na EMEF “Marieta Escobar”, no bairro Santa Martha, que sedia a banda de Congo *Amores da Lua*. Em Cariacica, na EMEF “Euvira Benedita Cardoso da Silva”, localizada no bairro Novo Brasil, pois esta escola está inserida no centro de uma região com várias bandas de Congo do município.

Também foi selecionada em cada município uma escola localizada distante de manifestações de Congo, posicionadas em áreas urbanas e próximas aos principais centros comerciais da cidade: Em Vitória, a pesquisa foi realizada na EMEF “Anacleto Schneider Lucas”, do bairro Fonte Grande, escola fundamental de tempo integral no centro de cidade. Em Cariacica, a pesquisa foi realizada na EMEF “Rosa da Penha” localizada na região de Campo Grande, conhecido centro comercial de cidade.

E por fim, uma escola intermediária entre centros comerciais e manifestações de Congo que possuem ou possuíram atividades e trabalhos relacionados ao Congo ou manifestações da cultura afro-brasileira. Em Vitória, a pesquisa foi realizada na EMEF “Heloisa Abreu Judice de Mattos”, do bairro Bela Vista, inserida na região da grande Santo Antônio, oeste da ilha de Vitória, escola que trabalha ativamente temas relacionados à cultura afro-brasileira e possui uma banda de Congo de crianças comandadas por um professor de Artes. Em Cariacica, a pesquisa foi realizada na EMEF “Ângelo Zani” no bairro Mucuri, localizado nas proximidades da BR 101, também conhecida como rodovia do Contorno. Esta escola já teve banda de Congo e atualmente conta com atividades de um grupo de capoeira.

Nestas escolas desenvolvi entrevistas gravadas, estruturadas em questionários, com o objetivo de verificar os conhecimentos sobre a manifestação e a identificação cultural dos entrevistados com a cultura popular e o Congo, entre eles, diretores, pedagogos, professores, bibliotecários, alunos e seus responsáveis. Para isso foram feitas perguntas que indagavam os entrevistados a respeito da idade, escolaridade, renda familiar e classificação social, identificação racial, prática e devoção religiosa, preferências musicais, conhecimento sobre a manifestação do congo e as relações dela com a cultura afro-brasileira e práticas religiosas, do trabalho realizado pela escola em relação ao ensino de cultura afro-brasileira e indígena e a opinião dos entrevistados sobre este trabalho, identificação de preconceito religioso em relação à cultura afro-brasileira e de Congo Capixaba. Os pais e responsáveis pelos alunos não foram entrevistados diretamente com gravações, para estes foram enviados questionários com perguntas que respondiam abertamente.

Algumas respostas e depoimentos prestados foram fundamentais e contribuíram para uma análise qualitativa, abordando preconceitos relacionados ao tema pesquisado. Estas afirmações foram transcritas de forma literal e serão mencionadas no decorrer da pesquisa. Como instrumento de registro da memória da cultura popular e de formação de acervo acadêmico sobre o Congo, as entrevistas com as falas e opiniões devidamente autorizadas dos mestres, congueiros e artistas serão identificadas e creditadas de modo a valorizar suas produções e suas contribuições no desenvolvimento desta expressão da cultura popular regional.

A auto identificação étnica mencionada pelos entrevistados, agregada aos depoimentos, visaram compreender questões relativas a discriminações, ancestralidade e herança cultural que dialogam com temáticas culturais afro-brasileiras e de militância em movimentos negros.

As contribuições dos profissionais das escolas que relataram boas práticas e sugestões em relação à abordagem e ao trabalho com o Congo na escola serão mencionadas destacando e identificando os entrevistados. Entretanto os demais relatos e dados fornecidos pelos alunos, seus responsáveis e profissionais das escolas pesquisadas que abordem principalmente questões relacionadas a preconceitos terão a identificação preservada. Deste modo, estes indivíduos serão identificados por letras.

Na transcrição geral dos dados fornecidos tentei sintetizar e organizar as ideias principais das falas em tabelas e planilhas para também ter um levantamento quantitativo em relação aos depoimentos. Paralelamente a entrevista gravada, os participantes preencheram um formulário fechado abordando os seus hábitos culturais mais frequentes. O objetivo deste foi

identificar o envolvimento do entrevistado em relação às formas de culturas eruditas, de massa e popular, bem como, analisar o acesso dos entrevistados às formas de exposição, manifestação e expressão culturais tradicionais, e a participação direta dos entrevistados com práticas artísticas e culturais. Estes questionários também foram organizados em gráficos e planilhas para compreensão geral e comparação entre comunidades de diferentes localizações.

No terceiro momento aconteceu a transcrição e análise dos dados obtidos, juntamente com a elaboração desta dissertação. Neste trabalho de pesquisa, foram feitas abordagens sobre a cultura e as tradições de festejos populares. A descrição histórica e das características das manifestações de Congadas e do Congo forma baseadas nos estudos de historiadores, pesquisadores e na contribuição dos relatos dos mestres e produtores culturais. Foram analisadas a religiosidade presente nos rituais culturais. As análises referentes aos preconceitos religiosos, sociais e raciais, revelam achados importantes para a pesquisa. Já a abordagem sobre a educação cultural e sobre cultura popular na disciplina de Artes, indicou uma distância entre a proposição governamental e a prática.

As principais teorias que sustentam os argumentos deste trabalho são as de Laraia sobre o dinamismo cultural⁶, de Bakhtin sobre a circularidade cultural⁷, de hibridismos⁸ mencionados por Burke; os conceitos de *sagrado e profano*⁹ conforme apresentados por Eliade; de invisibilidade do negro e da cultura popular, também de preconceitos religiosos referentes a manifestações de matriz africana mencionados por vários autores; e da proposta triangular¹⁰ no ensino da Artes de Ana Mae Barbosa, que se refere ao conhecimento e análise do objeto artístico, a contextualização e a prática artística.

Este trabalho de pesquisa de pós-graduação em Ciências das Religiões dialoga e se relaciona diretamente com a área da Educação, área de conhecimento correlata dentro da grande área das Ciências Humanas, classificação esta conferida pela CAPES.¹¹ O caráter interdisciplinar e a reflexão epistemológica contemporânea das Ciências das Religiões são apontadas pelo consultor Haroldo Eimer em documento do MEC e da CAPES que evidencia

⁶ LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

⁷ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento - O contexto de François Rebelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

⁸ BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

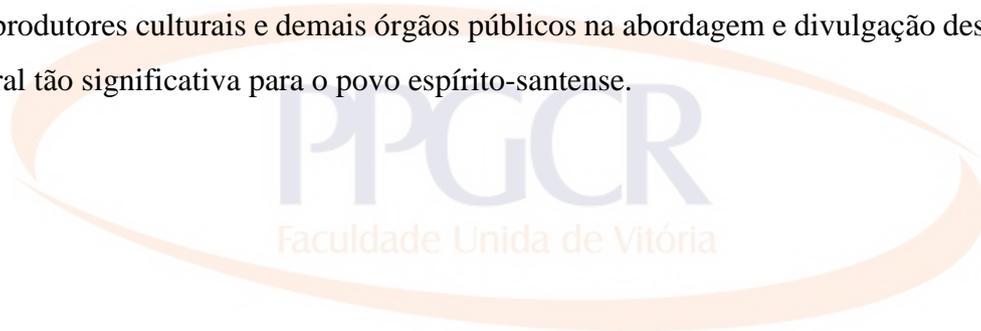
⁹ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

¹⁰ BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

¹¹ CAPES. *Tabela de áreas do conhecimento*. Brasília: MEC/CAPES, 2017. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/documentos/documentos_diversos_2017/TabelaAreasConhecimento_072012_atualizada_2017_v2.doc>. Acesso: em 12 dez. 2017.

que muitas questões novas só podem ser tratadas através da integração entre diferentes saberes.¹²

Esta dissertação versa principalmente sobre o preconceito religioso relacionado à manifestação cultural de matriz afro-brasileira, abordando de forma interdisciplinar o ensino de folclore e manifestações de cultura popular nas aulas de Artes, enfatizando a necessidade e a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena pelas disciplinas de História, Literatura e Educação Artística, afim de dar visibilidade a história e contribuição cultural desses povos na formação da sociedade e identidade cultural brasileira. Essas garantias de abordagens temáticas são descritas nas leis 10.639/03¹³ e 11.645/08¹⁴. Porém, salientamos que a manifestação do Congo Capixaba, foco deste estudo, pode ser trabalhada não somente pela disciplina de Artes, mas também por várias disciplinas e em todo ambiente escolar. Além das contribuições para professores, diretores escolares, secretarias municipais e estadual de educação, este trabalho pode ultrapassar os muros da escola, servindo de referência e auxílio para produtores culturais e demais órgãos públicos na abordagem e divulgação desta expressão cultural tão significativa para o povo espírito-santense.



¹² EIMER, Haroldo. *Considerações sobre multidisciplinariedade e interdisciplinaridade na área*. Brasília: MEC/CAPES, 2012. p. 2. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Interdisciplinaridade_Teologia.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.

¹³ BRASIL. *Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003*, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 12 dez. 2017.

¹⁴ BRASIL. *Lei nº 11.645, de 20 de março de 2008*, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm>. Acesso em: 12 dez. 2017.

1 A CULTURA E O CONGO

As relações humanas se desenvolvem através de linguagens, sejam elas gestuais, orais, escritas ou visuais. Essa capacidade de estabelecer diálogos e repassar informações promove a aquisição e troca de conhecimentos. Em uma sociedade organizada, o conjunto de conhecimentos é chamado de cultura. Tylor define a cultura como “[...] todo complexo que inclui conhecimentos, as crenças, a arte, a moral, as leis, os costumes ou qualquer capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”¹⁵ (tradução nossa).

É através das manifestações culturais de um povo que podemos conhecer sua história e sua forma de pensar, fato que reflete o modo como ele se vê e percebe o mundo. A partir disso, se dá o processo de identificação cultural, onde o conhecimento transmitido pela comunidade é somado aos saberes vivenciados pelo próprio indivíduo.¹⁶

A cultura revela a identidade de um povo. Identificamos determinado povo por seus costumes, seu folclore, suas músicas, suas danças, suas vestes, seus hábitos, suas crenças. Percebemos pelo contato e pelo conhecimento dessa cultura a maneira de viver desses indivíduos, como se relacionam entre si e com o mundo. A cultura é assimilada pelos os indivíduos pertencentes a esse povo através das relações sociais vividas e organizadas por várias gerações. As tradições que são construídas nestas relações são importantes para a constituição de uma identidade cultural. De acordo com Laraia:

O homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de uma comunidade.¹⁷

A cultura popular, que pode ser representada tanto de modo material como de modo imaterial, é a manifestação em que o povo produz e participa de forma ativa. Expressa pelas tradições e costumes transmitidos de forma oral através das gerações, essa característica

¹⁵ *Culture or Civilization, take in its wide ethnografic sense, is that complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, laws, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society.* TYLOR, Edward Burnett. *Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and custom.* London: Murray, v. I. 1920. p.1.

¹⁶ SILVA, Patrícia Santos; LOUREIRO, Andressa Maria Rodrigues. Carnaval de Congo de Roda D'água: cultura e memória de um povo. In: II Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação - II EREBD SE/CO/SUL, 2015, São Carlos. *Anais...* São Carlos: UFSCR, 2015. p. 161-166. Disponível em: <<http://www.2erebd.ufscar.br/index.php/erebd/erebd/paper/view/47>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

¹⁷ LARAIA, 1996, p. 46.

folclórica carrega uma didática que não depende de metodologia ou tempo regular, mas transmite saberes de forma espontânea. “Em folclore aprendemos por necessidade, por vontade de participar de algo, porque percebemos que somos parte do grupo, da sociedade em que vivemos.”¹⁸ A Carta do Folclore Brasileiro, documento da Comissão Brasileira de Folclore, aprovada no Congresso Brasileiro de Folclore conceitua o folclore:

Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade.¹⁹

A identidade cultural poder ser entendida como a apropriação de um conjunto de manifestações com características típicas e específicas que são incorporadas culturalmente aos valores e hábitos adotados por determinado sujeito, comunidade ou povo. É um processo em movimento contínuo de construção através de trocas e assimilações. Não existe uma cultura imutável, o contato com outros povos, outras formas de pensar e enxergar o mundo pode gerar influências, adaptações e transformações. Segundo Laraia a cultura não é estática, ela é dinâmica.²⁰

O sentimento de pertencimento a um determinado grupo social ou elementos culturais caracterizam uma identidade cultural. Esse sentimento pode ser determinado por diversas características como a localização geográfica, nacionalidade, idioma, história, gênero, raça, etnia, orientação sexual ou crença religiosa.

A identidade cultural é um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade. Sendo um conceito de trânsito intenso e tamanha complexidade, podemos compreender a constituição de uma identidade em manifestações que podem envolver um amplo número de situações que vão desde a fala até a participação em certos eventos.²¹

Assim como na formação cultural brasileira, os primeiros povos que se assentaram em terras espírito-santenses foram os indígenas e o primeiro povoamento colonizador ocorreu em

¹⁸ GUIMARÃES, *apud* GARCIA, 2004, p. 85.

¹⁹ COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. *Carta do folclore brasileiro*. Salvador, 16 dez. 1995. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

²⁰ LARAIA, 1996, p. 98.

²¹ XAVIER FILHO, José Luiz. Identidade negra no contexto pós-colonial: construção do sujeito negro. In: VII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL – “Escritas, Circulação e Recepções”, 2014, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo -USP, 2014. p. 1-13. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Jose%20Luiz%20Xavier%20Filho.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

1535,²² em quase quinhentos anos de civilização, a população do estado foi formada por povos de diferentes culturas. “O Espírito Santo recebeu imigrantes de diversas partes da Europa, principalmente da Alemanha e da Itália que, junto com os portugueses, africanos e indígenas aqui residentes deram os traços principais da cultura capixaba.”²³ As heranças culturais dos colonizadores portugueses, dos imigrantes europeus vindos em meados do século XIX, dos negros e dos povos indígenas, constituíram características culturais próprias representadas através da culinária, artesanato, pela religiosidade, arquitetura, pelas festas e manifestações populares, expressões musicais e artísticas que juntamente com aspectos geográficos determinam uma identidade cultural capixaba, Garcia expressa esse imaginário identitário afirmando:

[...] o Espírito Santo pode participar do imaginário nacional, simbolizado de alguma forma, (pela panela de barro e a moqueca capixaba, pelo batuque do congo, pelo marlim-azul do nosso litoral, pela religiosidade presente nas festas populares, pelas montanhas de clima europeu ou pela receptividade dos seus habitantes) [...]²⁴

O conjunto de bens culturais produzidos de um povo ou cultura é chamado de Patrimônio cultural, que podem ser materiais ou imateriais, também chamados de intangíveis. “O Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes.”²⁵ Os patrimônios materiais são representados pelas produções físicas:

Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.²⁶

Guimarães citado por Garcia classifica as formas de expressões culturais como acordo como essas formas são assimiladas, construídas, produzidas ou propagadas:

²² VENTORIM, Luciano. *Colonização*. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo. c2015-2017. Disponível em: <<https://es.gov.br/historia/colonizacao>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

²³ VENTORIM, c2015-2017, p. 1.

²⁴ GARCIA, A. L. A identidade capixaba em questão: uma análise psicossocial. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte: Associação Brasileira de Psicologia Social, v. 16, n. 3, p. 82-90, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n3/a10v16n3.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

²⁵ UNESCO. *Patrimônio Cultural Imaterial*. Brasília: Unesco, c2016. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

²⁶ IPHAN. *Patrimônio material*. Brasília: Iphan, c2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

A cultura erudita caracteriza-se pela informação sistemática, orientada ideologicamente por determinadas posturas intelectuais. É aprendida e divulgada na escola ou por intermédio de instituições por ela reconhecida como legítimas. É uma cultura perene, duradoura, capaz de perpetua-se no tempo e no espaço, porque cultiva o conhecimento teórico, científico e exercita-se constantemente, a fim de manter suas ideias como verdadeiras. [...] A cultura de massa surge com o desenvolvimento de múltiplos fenômenos sociais, tais como a urbanização, a industrialização e o desenvolvimento econômico e social. Rádio, televisão, cinema, jornal, Internet, etc. são seus principais veículos. A informação produzida é precária, porque dura um curto espaço de tempo, o que interessa é a novidade. [...] A cultura popular ou espontânea, não necessita de meios (mídias) sofisticadas para sua divulgação, mesmo podendo recorrer a eles. A cultura espontânea faz parte do nosso dia-a-dia de maneira tal, que se torna perene, duradoura, comum na vida de todos nós; tão comum que, muitas vezes, passa despercebida.²⁷

Porém, devemos levar em consideração que não há uma cultura homogênea. Existe a chamada circularidade cultural expressa nas obras de Bakhtin e Ginzburg. Esses autores afirmam que existem trocas, apropriações, circulação de informação e cultura entre as classes sociais.

Nos anos de 1940, em pleno período stalinista, o lingüista e literário russo, Mikhail Bakhtin, formula o conceito de circularidade cultural. Por meio dele, explica que a cultura popular, pautada pelo cômico, utiliza-se do deboche e da sátira como uma forma de resistência aos valores e à ideologia dominante. [...] Bakhtin identificou que existia um profundo diálogo entre a cultura cômica popular e a oficial no período do Renascimento, momento em que as fronteiras entre essas duas culturas ficaram indefinidas e pouco precisas. Para Bakhtin essa relação entre as culturas ao mesmo tempo em que é harmoniosa, também é marcada pelo conflito e pelas dissonâncias.²⁸

Na obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento - O Contexto de François Rabelais*,²⁹ Bakhtin analisou a circularidade cultural na obra de Rabelais, padre e médico francês que também foi autor de vários livros no período do renascimento que exploravam lendas e contos populares, bem como obras clássicas. Bakhtin criticou estudiosos que ignoravam o diálogo das produções rabelaisianas com a cultura popular e o compreendiam apenas no viés de uma cultura oficial. Nas palavras dele, “Rabelais é o herdeiro, o coroamento de vários milênios de riso popular. A sua obra é a chave insubstituível que dá acesso à inteligência da cultura popular nas manifestações mais poderosas, profundas e originais.”³⁰ Nos textos de Rabelais, Bakhtin observou que o encontro do chamado erudito com o popular criava

²⁷ GUIMARÃES, 2002 apud GARCIA, 2004, p. 89.

²⁸ FRESSATO, Soleni. Jeca Tatu: Uma representação cômica da cultura popular no cinema nacional. In. II ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDICINLARES EM CULTURAS, 2016, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA - CULT - Centro de estudos multidisciplinares em cultura, 2016. p. 1-15. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecul2006/soleni_fressato.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2017.

²⁹ BAKHTIN, Mikail. *A cultura popular na idade média e no renascimento - O contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

³⁰ BAKHTIN, 1993, p. 418.

espécies de fusões culturais. Observação da circularidade cultural também feita por Carlo Ginzburg:

[...] termo circularidade: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo [...]³¹

O folclore se insere dentro da Cultura popular por se tratar de produções e criações culturais realizadas pelo povo, que com a transmissão dos conhecimentos da manifestação para novas gerações de participantes, do passar dos tempos marcado pela prática cultural ou periodicidade das festividades e pelos ritos empregados, caracterizam uma tradição popular.

No estado do Espírito Santo, uma tradição popular que expressa uma característica de identidade cultural é o Congo Capixaba.

Em 2014 o governo do Estado oficializou o congo como o primeiro patrimônio imaterial do Espírito Santo, pois o ritmo é considerado essencial na cultura do Estado. De acordo com a Constituição Brasileira, quando um bem é reconhecido como patrimônio imaterial, o Poder Público passa a ter maior responsabilidade na promoção, preservação e proteção do objeto cultural.³²

A cultura popular do Congo Capixaba traz consigo as raízes culturais africanas com alguns traços semelhantes às manifestações de congadas realizadas pelas irmandades de escravos que buscavam a resistência cultural através do sincretismo religioso e uma reorganização sociocultural com a eleição de novas lideranças ou “coroação” de reis negros, manifestação expressa em autos que celebram a coroações do rei do Congo e da rainha de Angola,³³ porém não existem muitos documentos para precisar essa relação direta com a Congada e a origem da tradição espírito-santense. Abordando relatos em livros e documentos antigos, o folclorista Guilherme dos Santos Neves apontou as origens das bandas de congos e de instrumentos peculiares como a casaca em grupos indígenas.³⁴ De fato as influências mútuas do contato entre os povos negros e ameríndios com a religiosidade europeia, contribuíam para a constituição dessa expressão musical e cultural.

³¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 17.

³² SILVA; LOUREIRO; RODRIGUES, 2015, p.165.

³³ BRUYM, Maria José Carmo Alves de; MARTINS, Lizete Caires Barros. *Festa da Banda de Congo de São Benedito de Piranema Cariacica: transição do século XX ao XXI e sua representação para a comunidade local*. 2010. 72p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Graduação da Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Teixeira de Freitas, 2010. p. 15.

³⁴ NEVES, Reinaldo Santos (Org.). *Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982*. v. 2. Guilherme Santos Neves. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008.

O Congo praticado no Espírito Santo se mantém como folclore e tradição popular onde os ensinamentos, simbolismos e rituais são transmitidos pelos mestres aos familiares e integrantes da banda. Geralmente a liderança de um grupo é uma tradição familiar, mas no desinteresse e na falta de identificação cultural de novas gerações, outros integrantes da banda podem assumir o papel de novas lideranças.

O interesse pela temática cultura popular e identidade, liga-se à percepção de que o lugar do indivíduo no mundo passa por investimentos simbólicos – comportamentos, atitudes, opiniões – pelos quais ele se afirma e negocia com os demais atores, sua forma de inserção na sociedade. Afinal, a cultura popular, à margem do ensino oficial, vem assegurando a constituição de uma base cultural comum nas diversas sociedades, onde sua sobrevivência é garantida e decerto permanecerá, pela transmissão de geração em geração.³⁵

O sentimento de pertencimento, reconhecimento dos elementos simbólicos e culturais, de admiração e orgulho são fundamentais para essa construção da identidade cultural. Na tradição popular, essa identificação é de extrema importância para que as novas gerações continuem praticando, participando e transmitindo o legado cultural. Para Santos, “[...] a identidade é fruto das relações sociais.”³⁶

As relações sociais constituídas em um grupo folclórico ou tradicional de cultura popular constroem relações políticas e organizacionais, de regras e condutas, de espírito de conjunto, de ensino e transmissão dos saberes, de criação e produção cultural, dentre outras. O desenvolvimento dessas relações constitui um território rico para pesquisadores de cultura que observam e analisam conceitos ligados à sociologia, antropologia e psicologia.

Sob esse prisma, o folclore, entendido como cultura popular, forma de saber e processo intelectual de criação ou renovação de valores, constitui-se objeto de investigação científica privilegiado para a Psicologia Social, que, numa perspectiva renovadora – temática, teórica e metodológica – tem buscado considerar tanto os comportamentos individuais, como os fatos sociais em sua concretude e singularidade histórica.³⁷

A formação e origem religiosa da manifestação que se assemelha a de grupos e irmandades religiosas dos negros no período escravagista determinaram as características religiosas e devocionais na fundação das bandas. Grande parte das bandas de Congo no estado foi batizada com nomes de santos católicos, exceções são as bandas que levam o nome de seus

³⁵ GARCIA, 2004, p. 82.

³⁶ SANTOS, José Elias Rosa dos. *Processos organizativos e identidade afro-brasileira: a transmissão do Congo em Cariacica/ES*. 2013. 213p. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. p. 22.

³⁷ GARCIA, 2004, p. 83.

mestres ou da localidade que estão sediadas. Muitas toadas, canções de músicas de Congo, foram feitas em homenagem a santos católicos ou ao próprio padroeiro da banda.

1.1 A influência do ambiente na formação cultural do Congo

A cultura de Congo Capixaba se desenvolveu principalmente em áreas rurais e litorâneas. No repertório musical das bandas, além de toadas religiosas, são comuns temas de exaltação a localidade e a vida cotidiana dos trabalhadores do campo, no caso de bandas de regiões rurais, e de marinheiros e pescadores em bandas de regiões litorâneas. O determinismo geográfico é um dos fatores de identificação e de influências culturais apontadas por Garcia, citados por Silva e Loureiro:

Garcia ressalta que os costumes são adquiridos de acordo com o local de crescimento do indivíduo. O determinismo geográfico terá grande influência nos fatores culturais. Portanto, a identidade cultural será refletida nas crenças, na arte local e nos costumes de um povo.³⁸

Laraia discorda que determinismos biológicos e/ou geográficos interferem na formação cultural.³⁹ Para ele a hereditariedade não necessariamente interfere em fatores relativos às diferenças culturais, mas sim a história cultural é que ocasiona as diferenças culturais em povos e etnias. Afirma também que as diferenças comportamentais entre homens e mulheres, é cultural.⁴⁰ As condições geográficas também não determinam uma forma específica de cultura, citando exemplo dos lapões que habitam o norte da Europa e dos esquimós que habitam o norte da América. Era de se esperar que eles tivessem comportamentos semelhantes, mas seus estilos de vida são bem diferentes. Os esquimós constroem suas casas com blocos de gelo e forram a parte de dentro com peles de animais, o fogo mantém o interior do iglu aquecido. Quando precisam se deslocar para outro local levam o essencial e constroem um novo abrigo. Os habitantes da região da Lapônia, norte da Escandinávia, vivem em tendas feitas com peles de animais. Quando tem que se deslocar, desmontam acampamento, secam as peles e transportam para o novo local. Os lapões são criadores de renas e os esquimós apenas são caçadores deste animal.⁴¹ Laraia exemplifica também diferentes tribos de índios norte-americanos que em um mesmo habitat desenvolveram sistemas de agricultura, pecuária e caças

³⁸ GARCIA, apud SILVA; LOUREIRO, RODRIGUES, 2015, p.162.

³⁹ LARAIA, 1996, p. 17-24.

⁴⁰ LARAIA, 1996, p. 19.

⁴¹ LARAIA, 1996, p. 22.

distintos. Também cita exemplo de tribos de índios brasileiros que se diferem em relação à caça.⁴² O autor afirma que não é possível admitir que as condições geográficas determinem a cultura de um povo. Dois povos que habitam condições geográficas semelhantes podem desenvolver culturas diferentes. O ser humano rompeu as limitações por ser dotado de cultura. O pensamento de Laraia se opõe ao de Ratzel⁴³, pois para este, o ser humano seria produto do meio, ou seja, as condições naturais é que determinam a vida em sociedade.

Ratzel foi um exemplo de destaque ao propor uma via geográfica ou terrestre ou territorial para as interpretações das diferenças na evolução e nos padrões (tipos) culturais dos povos. Sua contribuição interpretativa, mediante a idéia das difusões geográficas como o mecanismo das diferenciações ou variabilidades dos padrões culturais no espaço geográfico, é uma das mais importantes colunas teóricas da Geografia, e tornou Ratzel reconhecido na história da antropologia.⁴⁴

No primeiro exemplo citado por Laraia, ele aponta dois povos que não tiveram contato por motivos geográficos; um oceano separou esses povos por centenas de anos. Portanto, não houve influências e trocas culturais entre eles, muito menos uma herança cultural citada como fator de construção de cultura pelo autor, entretanto, as condições climáticas, de vegetação e de fauna fez com que esses povos desenvolvessem relações sociais, artefatos, vestuários e culinária adaptados ao seu ambiente. As tribos de índios norte-americanas e as tribos indígenas brasileiras citadas trazem as diferenças mencionadas pelo autor, mas também muitas semelhanças em outros aspectos culturais, devidos à herança histórica cultural, das tradições de seus antepassados em comum, também pela proximidade e contato desses povos. Contudo, o ambiente determinou sua forma de vida, de subsistência, seja de coleta, plantio ou caça, assim como suas produções de ferramentas e artefatos, construção das relações sociais e espirituais.

Ratzel inspira-se neste contexto de idéias (biologia evolucionista/ecologia) para propor a investigação das influências do meio geográfico sobre as experiências de diferenciação ou evolução cultural e histórica dos povos, e refletir sobre as possibilidades culturais humanas de mudança.⁴⁵

Assim como nas civilizações pré-colombianas da América Central e do Sul, que de certo modo tinham fatores geográficos semelhantes e apontavam diferenças culturais, porém notasse-se influencias no desenvolvimento delas. Essas civilizações possuíam características e

⁴² LARAIA, 1996, p. 23-24.

⁴³ Friedrich Ratzel (1844-1904), geógrafo e etnólogo alemão, precursor da Geopolítica e do Determinismo Geográfico.

⁴⁴ BARROS, N. C. de. Antropogeografia: ecologia, cultura e europeização. *Revista de Geografia – Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE*. Recife, v. 29, n. 2, p. 25-33, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/229047>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

⁴⁵ BARROS, 2012, p. 30.

marcas semelhantes como assentamentos urbanos, agricultura, arquitetura cívica e monumental, além de complexas hierarquias sociais e religiões com rituais de sacrifício.⁴⁶

Para Ratzel, o foco das explicações das variações nos padrões culturais era o espaço, a terra, o meio, o teatro da história, e particularmente os empréstimos de características culturais mediante as difusões/migrações neste espaço, não o interior biológico do homem (gene).⁴⁷

Os povos indígenas são integrados à natureza e a consideram sagrada, os povos beduinos árabes se adaptam a vida no deserto, os hunza nepaleses e os quíchuas da região andina com a vida nas montanhas e o desenvolvimento cultural dos povos polinésios foram influenciadas pelas ilhas, vulcões e o mar. Com isso, não podemos desconsiderar que o ambiente é um fator de grande influência na formação cultural como diria Ratzel interpretado por Barros:

O meio biofísico exercia, sim, influência, mas na medida em que os seus elementos (rios, oceanos, montanhas, florestas, ventos, etc) favoreciam ou dificultavam as possibilidades dos contactos difusores dos traços culturais entre as populações distribuídas no espaço geográfico.⁴⁸

Assim também acontece no Congo Capixaba, características geográficas influenciaram em alguns aspectos da manifestação. A composição de toadas referentes aos temas rurais ou litorâneos e a preferência por elas no repertório do grupo dependem das características culturais das bandas, que são influenciadas pela localidade onde estão sediadas, assim como a identificação cultural dos integrantes que são determinadas pelas relações com o ambiente onde residem ou trabalham, seja no campo ou no mar.

O visual dos uniformes das bandas de congo é inspirado pelas características do meio em que estão inseridas e também pelas tradições culturais expressas pelas festividades que comemoram, como no caso de festas que revivem a lenda do naufrágio de um navio na costa do Espírito Santo, com rituais de puxada, fincada e derrubada do mastro, por vezes a procissão com a réplica de um navio⁴⁹, e de festas que revivem a tradição de comemorar o dia da padroeira

⁴⁶ SZKLARZ, Eduardo. Os deuses se alimentavam de carne humana. *Super interessante*. São Paulo: Editora Abril, edição especial n. 280, p. 40-45, julho de 2010.

⁴⁷ BARROS, 2012, p. 31.

⁴⁸ BARROS, 2012, p. 31.

⁴⁹ Festas inspiradas pela tradição oral dos mestres de congo. A tradição relata a lenda de um navio carregado de escravos que naufragou na costa do Espírito Santo. Os naufragos invocaram a proteção de São Benedito, estes conseguiram se salvar agarrados ao mastro que se desprende do navio que os levou até a praia. Pela ocasião do livramento da morte os escravos prometeram realizar uma festa em homenagem ao santo e assim surgiu a primeira festa de São Benedito. Os festejos carregam vários símbolos e elementos referentes a esta lenda.

na localidade rural ao ritmo dos tambores de congo.⁵⁰ As roupas e os chapéus usados pelos mestres e os músicos se assemelham ao usados por marinheiros e pescadores, enquanto nas bandas do campo os trajes e chapéus são influenciados pelas vestimentas de trabalhadores rurais. Há também bandas de Congo formadas por índios que mantêm a tradição de seu povo e usam vestes indígenas.

Congueiros com trajes marítimos:



FOTOTGRAFIA 1 - Mestre da Banda de Congo da Vila do Riacho,⁵¹ senhor Antônio Ramos. 2013. Fonte: Imagem da internet.⁵²



FOTOGRAFIA 2 - Mestre Aroldo Silva e suas vestes de capitão,⁵³ líder da banda de Congo Konfogo de Fundão.⁵⁴ 2017. Fonte: Acervo pessoal.



FOTOGRAFIA 3 - Mestre Ricardo, da banda Amores da Lua de Vitória, com seus trajes que se assemelham a vestes de marinheiro e Ana Maria Ramos na festa cultural da EMEF Rosa da Penha – Cariacica. 2013. Fonte: Acervo pessoal.

⁵⁰ O Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água em Cariacica acontece no dia de Nossa Senhora da Penha, padroeira do estado do Espírito Santo, sempre em uma segunda-feira, oito dias após o domingo de Páscoa. A santa é homenageada pelos habitantes locais que não podiam ir ao convento da Penha no município de Vila Velha. Segundo a pesquisa de FREITAS entrevistando antigos moradores da região, estes realizavam um cortejo com o batuque dos tambores de Congo que saía estrada fora até a casa de um morador que os recebia com comidas e bebidas, o cortejo era seguido por moradores que brincavam vestidos com fantasias e máscaras.

⁵¹ Vila do Riacho se encontra no município de Aracruz, localizado na região do litoral norte do estado do ES.

⁵² Imagem disponível em: <<https://pousadacareba.files.wordpress.com/2013/06/dsc08435.jpg>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

⁵³ Em conversa com o mestre Aroldo Silva durante o carnaval de Congo e Máscaras de Cariacica em 2017, o experiente congueiro relatou que o uso do quepe o deixava mais elegante e bonito, que a veste representava o uniforme de um capitão de navio, ressaltando as ligações com o litoral, que antigamente os mestres de Congo eram chamados de capitães, que atualmente usa uma muleta, mas segundo ele, quando liderava a banda usava um “mastro”, espécie de bastão ou batuta que juntamente com o apito o ajudava a reger a banda. Podemos ver esse bastão usado pelos mestres da localidade na figura nº3.

⁵⁴ Fundão é um município localizado na região metropolitana da Grande Vitória, com características rurais e possui uma pequena faixa litorânea.

Congueiros com trajes rurais:



FOTOGRAFIA 4 – *Integrantes da Banda de Congo São Sebastião de Taquaruçu no Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água de 2015.* Fonte: Acervo pessoal.



FOTOGRAFIA 5 – *Dona Darinha, primeira mestre de Congo.*⁵⁵ 2015. Fonte: Lucas Calazans e Claudio Postay.

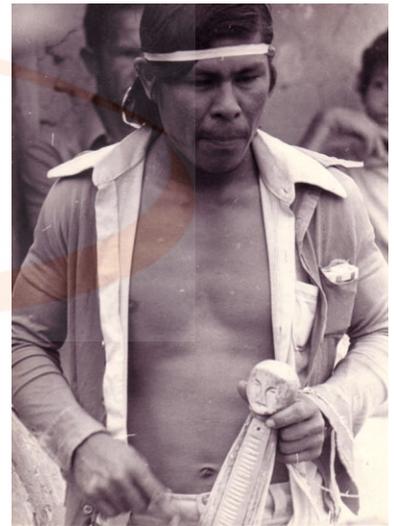
Congueiros indígenas:



FOTOGRAFIA 6 - *Banda de Congo Tupinikim, de Caieras Velhas, município de Aracruz. Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água de 2015.* Fonte: Acervo pessoal.



FOTOGRAFIA 7 - *Integrante da banda de Congo Tupinikim dançando.* 2015. Fonte: Acervo pessoal.



FOTOGRAFIA 8 - *Índio tocando a casaca.* 1979. Fonte: Fotógrafo desconhecido.⁵⁶

Além de canções referentes ao ambiente geográfico em que se inserem as bandas e a vida daquela comunidade, outro tema marcante presente na cultura de Congo é o amor. Canções de cortejamento e de galanteio expressam o romance nessa tradição popular. Em meados dos

⁵⁵ PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA. *Dona Darinha, primeira mestre de Congo.* 2015. Foto: Lucas Calazans e Claudio Postay. Disponível em: <<http://www.cariacica.es.gov.br/dona-darinha-1a-mulher-mestre-de-congo-do-es/>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

⁵⁶ Imagem disponível em: <<http://www.ijsn.es.gov.br/bibliotecaonline/Record/14744>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

anos oitenta, uma toada de Congo chamada “*Madalena do Jucu*”⁵⁷, que conta uma história de amor acontecida na região litorânea do município de Vila Velha, ficou famosa nacionalmente interpretada em ritmo de samba na voz do cantor Martinho da Vila.

A projeção e popularização do Congo Capixaba nos anos seguintes influenciaram outros artistas locais proporcionando o surgimento do Congopop,⁵⁸ representadas pelas bandas “*Manimal e Casaca*, grupos de jovens urbanos inseridos no circuito de produção e consumo de música pop, que traduzem elementos da cultura tradicional do Espírito Santo para a cultura midiática”⁵⁹. A cultura de Congo também foi inspiração para muitos outros artistas plásticos, visuais, grafiteiros, muralistas, ceramistas, cineastas, artesãos, músicos e produtores culturais. Essas apropriações culturais são exemplos de circularidade cultural mencionada anteriormente.

Nos últimos anos, algumas surgiram iniciativas públicas para fortalecer a identidade Capixaba que colocaram a Cultura de Congo em evidência. O governo estadual destina recursos financeiros que são repassados para a prefeitura de Cariacica por meios de convênios.⁶⁰ Esta articula junto a Associação de Bandas de Congo de Cariacica (ABCC) o Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D’água, localizado em uma área rural no município. A Lei “João Bananeira”⁶¹ determina o financiamento público da Cultura no âmbito do município de Cariacica. A lei recebeu o nome de João Bananeira em homenagem a um personagem folclórico do festejo de Congo da região de Roda D’Água. Garcia expõe a iniciativa de entidades governamentais em caracterizar o Congo como identidade cultural, dar projeção e visibilidade à expressão cultural:

Podemos acreditar que alguns elementos folclóricos foram transformados em símbolos identitários num passado recente, por instituições governamentais e empresas turísticas, com o objetivo de criar uma imagem que definisse o estado frente às outras unidades da federação, indicando seus pontos atrativos, riquezas naturais, produtos e serviços, como observamos na atualidade, [...] Empreendimentos como este, abarcam uma série de características culturais que, destacadas pela mídia,

⁵⁷ VILA, Martinho da. *Madalena do Jucu*. Álbum: O Canto das Lavadeiras. CBS, 1989. Faixa 2 (3:41 min).

⁵⁸ Termo mencionado pela pesquisadora Adriana Bravin em sua dissertação de mestrado sobre as influências do Congo Capixaba a música pop.

⁵⁹ BRAVIN, Adriana. *A articulação Congopop: projeto, mídia e identidade na produção musical contemporânea no Espírito Santo*. 2015. 140 f. Dissertação (mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Comunicação, imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense - UFF. Niterói, 2015. p. 7.

⁶⁰ FREITAS, Dagmar Alves de. *O Carnaval de Congo de Roda d’Água*. 2007. 189 f. Dissertação de (mestrado) - Curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Administração e Comunicação da Universidade de São Marcos. São Paulo, 2007. p. 82.

⁶¹ PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA, *Lei n.º. 5.477*, de 13 de outubro de 2015. Dispõe sobre a criação da lei municipal de incentivo financeiro à cultura – Lei João Bananeira, Cariacica/ES, e dá outras providências. Cariacica, 13 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.legislacaocompilada.com.br/cariacica/Arquivo/Documents/legislacao/html/L54772015.html>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

acabam por formar um imaginário sobre o que corresponderia a uma identidade local.⁶²

Iniciativas semelhantes de incentivo público aos festejos também acontecem nos municípios da região metropolitana como nas Festas de São Benedito, de São Pedro, de Nossa Senhora da Conceição, de São Sebastião e Folia de Reis que contam com apresentações de bandas de Congo no município da Serra.⁶³ Em janeiro de 2017, o Congo foi declarado patrimônio municipal de Vila Velha.⁶⁴ Neste ano ocorreu o evento da I Fincada de Mastro de Nossa Senhora,⁶⁵ no Convento da Penha. A comemoração contou com o apoio do município e do governo estadual como forma de valorizar e dar visibilidade à manifestação para visitantes do local, porém o mais significativo e tradicional festejo do município, a festa da Barra do Jucu, não conta atualmente com apoio governamental.⁶⁶ Em Vitória, as principais festividades acontecem no mês de dezembro, realizadas por iniciativa das tradicionais bandas de Congo da Capital, mas sem apoio ou incentivo público.

As festividades são as grandes vitrines das tradições populares. Nos eventos realizados pela iniciativa popular com ou sem apoio de poder público, as características ritualísticas presentes nas manifestações culturais atingem seu ápice, afirmando, mantendo ou renovando as tradições, ganhando destaque e prestígio pelos que participam ou admiram as formas de expressões culturais.

A manutenção da tradição mesmo com as dificuldades e preconceitos vivenciados através dos tempos, a valorização e o orgulho das raízes expressas pela manifestação é um sinal de resistência cultural. A festa religiosa representa a reatualização de uma história mítica e os participantes tornam-se contemporâneos dos antepassados.⁶⁷ Por isso conhecer a origem desta cultura é muito significativa para a compreensão desta expressão popular.

⁶² GARCIA, 2004, p. 85.

⁶³ PREFEITURA MUNICIPAL DA SERRA, *Agenda Cultural*. Serra: SETUR. 2017. Disponível em: <<http://www.serra.es.gov.br/detalhe-da-materia/info/agenda-cultural/7074>>. Acesso em: 13 fev. 2017

⁶⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE VILA VELHA, *Lei nº 5820*, de 13 de janeiro de 2017. Declara “Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Vila Velha” a manifestação denominada “Congo”.

⁶⁵ LUPPI, Syria. Festa da Penha: bandas de congo organizam a primeira fincada de mastro. Notícia do portal da *Prefeitura Municipal de Vila Velha*. Vila Velha, 23 jan. 2017. Disponível em: <<http://vilavelha.es.gov.br/noticias/2017/01/festa-da-penha-bandas-de-congo-organizam-a-primeira-fincada-de-mastro-11912>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

⁶⁶ LIMA, Magali. Vila Velha quer o congo como patrimônio cultural imaterial, mas não valoriza um dos principais polos da manifestação. *Século Diário*, Vitória, 24 dez. 2016. Disponível em: <<http://seculodiario.com.br/32065/17/vila-velha-quer-o-congo-como-patrimonio-cultural-imaterial-mas-nao-valoriza-um-dos-principais-polos-da-manifestacao>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

⁶⁷ ELIADE, 1992, p. 55.

1.2 Origem das Congadas, as raízes do Congo

As semelhanças culturais e religiosas do Congo Capixaba, até mesmo o nome da manifestação, remontam as festas de coroação aos reis negros, expressos pelas congadas, também chamadas bailes de congo ou apenas Congo. Estes festejos eram realizados em vários estados no país pelas irmandades religiosas de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito dos homens pretos. Estas irmandades eram associações de cooperação e ajuda entre povos de mesma origem. Os negros escravizados buscavam uma reorganização sociocultural com a eleição de novas lideranças promovendo a “coroação” de reis negros no festejo. As irmandades reforçavam o sincretismo religioso cultuando santos católicos para que os associados pudessem manter tradições, devoções e celebrações de origem africana, estas traduzidas e aceitas pelo catolicismo dominante na sociedade escravocrata. Bruym e Martins mencionam as origens das Congadas e o compromisso e responsabilidades que os associados tinham com a irmandade:

Desde o século XVII, este festejo é celebrado em várias regiões do Brasil, tendo cada região características particulares. Suas primeiras manifestações se deram no seio das Irmandades Religiosas e que perdurou até o século XIX. Essas associações cumpriam várias obrigações para com seus associados, desde a diversão e devoção a um santo protetor, até a morte do associado, concedendo a este um enterro digno. Como qualquer outra associação, os associados também tinham suas obrigações para com a Irmandade, sendo a principal delas uma soma que era paga pelo futuro associado mensalmente ou uma doação que era feita no valor equivalente a esta soma.⁶⁸

A ruptura das relações familiares e sociais no processo de escravidão ocasionou o surgimento das irmandades e a construção de novas relações para unir essas pessoas em novos laços incorporados à situação colonial. As irmandades representavam uma via para aceitação do negro na sociedade branca, almejando reconhecimento social e contornando preconceitos raciais.⁶⁹ “Foi à solidariedade dos africanos o fato que possibilitou a reconstrução da civilização e a comunalidade fora do território de origem. Os laços de irmandades e a crença no sagrado permitiram que seus valores fossem reelaborados”.⁷⁰

⁶⁸ BRUYM; MARTINS, 2010, p.15-16.

⁶⁹ MELLO E SOUZA, Marina de. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte. Editora da Universidade de Minas Gerais, 2002. p. 189.

⁷⁰ SOUZA, Edileuza Penha de. *Tamborizar: história e afirmação da auto-estima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de congo*. 2005. 190 f. Dissertação de (mestrado) - Departamento de Educação no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Teixeira de Freitas, 2005. p. 117. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2005/eileuza_penha_de_souza.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2016.

As irmandades também exerciam funções de amparo aos associados, desde auxílio aos necessitados e enfermos a proteção aos maus tratos dos escravizados. “Sobreviver em uma sociedade profundamente injusta e desigual era um desafio consideravelmente amenizado pela existência das irmandades religiosas de ‘homens pretos’”⁷¹. Ribeiro, em um artigo sobre a história da Imperial Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos do Rio de Janeiro cita as origens e como se deu o sucesso das irmandades entre os escravos:

Sabemos que as irmandades negras já existiam em Lisboa desde meados do século XV e tinham como objetivo promover consolação espiritual para o africano recém-escravizado. Sabemos que na América lusitana, as Irmandades negras eram instituições vinculadas à Igreja Católica, na qual, escravos e libertos se reuniram para venerar um santo de cor. As irmandades de escravos ou alforriados tendem a homenagear santos negros como Elesbão, Efigênia, Antonio de Cartagena e Benedito de Palermo. [...] As Irmandades, embora estejam voltadas para populações cuidadosamente definidas, têm fins mais ou menos similares; mas para os escravos, os alforriados e os mestiços, representam uma das raras ocasiões lícitas de reunir-se entre si e constituem o lugar privilegiado de uma construção identitária, em torno das ‘nações’ ou de ‘etnias’ no mais das vezes forjadas na escravidão. O sucesso das irmandades entre os escravos baseou-se inicialmente no desejo de beneficiar-se de uma sepultura decente. O fato de pertencer a uma delas afastava a perspectiva de ser jogado entre os detritos ou permitia escapar à vala comum da Santa Casa da Misericórdia, sortes reservada a muitos escravos. Quando morria um irmão, rezavam-se missas e todos, usando capas e insígnias, acompanhavam o defunto até o canteiro de túmulos destinado à irmandade. Quanto mais alto o lugar ocupado pelo morto entre os irmãos, mais imponente era o serviço funerário.⁷²

Faculdade Unida de Vitória

Segundo as historiadoras Bruym e Martins, a manifestação da congada chegou ao Brasil com os negros escravizados trazidos para trabalhar na colônia que trouxeram e mantiveram uma tradição baseada em uma festa africana.⁷³ A origem da festa do Congo se refere à história da conversão da corte congoleza ocasionada pelo contato dos portugueses com os povos africanos da região chamada reino do Congo, região centro-ocidental da África no século XV. Os navegadores-exploradores europeus tinham objetivo de estabelecer relações comerciais no continente africano e o intuito missionário de introduzir a religião católica com o apoio do papa. Souza descreve o reino do Congo da época:

Fundado por volta do século XIV, esse Estado centralizado dominava a parcela centro-ocidental da África. Nessa região se encontrava um amplo número de províncias onde vários grupos da etnia banto, principalmente os bakongo, ocupavam os territórios. Apesar da feição centralizada, o reino do Congo contava com a presença de administradores locais provenientes de antigas famílias ou escolhidos pela própria autoridade monárquica. Apesar da existência destas subdivisões na configuração

⁷¹ SANTOS, 2013, p. 45.

⁷² RIBEIRO, Anderson Santos. *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos e a construção do mito da escrava Anastácia*. Rio de Janeiro: Imperial Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. c2017. Disponível em: <<http://irmandadedoshomenspretos.org.br/site/a-irmandade/>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

⁷³ BRUYM; MARTINS, 2010, p.17.

política do Congo, o rei, conhecido como manicongo, tinha o direito de receber o tributo proveniente de cada uma das províncias dominadas. A principal cidade do reino era Mbanza, onde aconteciam as mais importantes decisões políticas de todo o reinado. Foi nesse mesmo local onde os portugueses entraram em contato com essa diversificada civilização africana. A principal atividade econômica dos congolese envolvia a prática de um desenvolvido comércio onde predominava a compra e venda de sal, metais, tecidos e produtos de origem animal. A prática comercial poderia ser feita através do escambo (trocas) ou com a adoção do nzimbu, uma espécie de concha somente encontrada na região de Luanda. O contato dos portugueses com as autoridades políticas deste reino teve grande importância na articulação do tráfico de escravos. Uma expressiva parte dos escravos que trabalharam na exploração aurífera do século XVII, principalmente em Minas Gerais, era proveniente da região do Congo e de Angola. O intercâmbio cultural com os europeus acabou trazendo novas práticas que fortaleceram a autoridade monárquica no Congo.⁷⁴

Em seu livro *Reis Negros no Brasil escravista: história e festa de coroação do rei do Congo*, a historiadora Marina de Melo e Souza narra o episódio aonde os navegadores portugueses chegaram à foz do rio Zaire em 1483 e fizeram contato com o chefe da província da região, o manisoyo, governador da região do Soyo. Até então o Congo era um reino estruturado dividido por províncias administradas por nobres de linhagens de várias gerações e outras por líderes escolhidos pelo rei.⁷⁵ Os administradores eram encarregados também de recolher impostos devidos ao rei e ficar com o excedente da produção. Com a demora do retorno de alguns portugueses retidos pelos africanos devido à curiosidade da corte congolese, a expedição portuguesa retornou para a Europa com reféns congolese capturados. Em uma nova expedição para o Congo, os reféns retornaram para seu reino, conhecedores da língua e dos costumes portugueses, também foram encarregados de levar muitos presentes dos portugueses para os líderes africanos.⁷⁶

O contato com um reino distante aumentou o prestígio do rei do Congo entre seu povo.⁷⁷ A Trocas de presentes bélicos e religiosos estabeleceram uma relação de interesse e cooperação que garantiria uma superioridade militar do rei africano sobre os inimigos e vizinhos. A admiração e a crença que o rei português representava uma divindade⁷⁸ abriram caminho para que o cristianismo fosse adotado pela corte e posteriormente pelo reino.

Melo e Souza cita McGaffey ao interpretar o retorno dos reféns como uma ressurreição dos mortos, fato que trouxe muita alegria ao povo congolês. Os capturados foram “vistos como sobreviventes de uma iniciação excepcional nos poderes dos mortos, sendo o batismo

⁷⁴ SOUZA, Rainer Gonçalves. *O Reino do Congo*. Mundo educação. Portal BOL. Rede Omnia. c2017. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/o-reino-congo.htm>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

⁷⁵ MELLO E SOUZA, 2002, p. 45.

⁷⁶ MELLO E SOUZA, 2002, p. 52.

⁷⁷ MELLO E SOUZA, 2002, p. 52.

⁷⁸ MELLO E SOUZA, 2002, p. 54.

prometido pelos visitantes uma iniciação numa nova e mais poderosa versão do culto dos espíritos locais”.⁷⁹ Segundo a cosmologia e religiosidade africana o mundo estava dividido em duas partes complementares: Um mundo visível de eventos perceptíveis habitados por gente negra que em vida é afetada pelas tribulações ocasionadas por forças ruins em que as pessoas buscam proteção de forças do bem e outro mundo do além, era habitado por espíritos e ancestrais que afetam o mundo visível por intermédio de um líder religioso. Para os bacongos, todo acontecimento, seja bom ou ruim, era ocasionado pelo mundo espiritual, sendo que seus rituais com água e túmulos representavam a comunicação entre os dois mundos.⁸⁰ “Para os bacongos, os mortos têm a cor branca, requerem homenagens, presentes e obediência e podem conferir algo de seu poder aos vivos que devem todos os seus dons a alguma forma de contato com eles.”⁸¹ Para os africanos, os navegadores portugueses pertenciam ao domínio do sagrado por terem pele alva e por virem do mar,⁸² um mundo do além, somando ao caráter missionário da religião cristã com rituais de iniciação com água e a presença da cruz, símbolos sagrados para os africanos, isto instigou a curiosidade e admiração dos líderes africanos pela religião, sabedoria e riqueza do explorador que ao ver deles a o culto cristão “parecia ser mais poderoso que os até então conhecidos.”⁸³

Ao ser batizado, o mani Soyo, governador da província do Soyo, que era tio do rei congolês e principal articulador das relações com os português, adotou o nome de D. Manuel, nome do irmão da rainha de Portugal, e sua corte adotava o nome de fidalgos portugueses, o batismo simbolizava também o começo da relação entre os povos.⁸⁴ O festejo do batismo foi acompanhado por 30.000 pessoas.⁸⁵

As simbologias e representações do batismo católico, presentes em algumas manifestações de origem negra, são exemplos que caracterizam a luta do povo negro por preservar e manter suas tradições, mesmo que para isso fosse necessário usar estratégias de *pacificação* e convívio.⁸⁶

Após as festas em Soyo, a comitiva portuguesa foi ao encontro do rei na capital. “Entrevendo boas possibilidade de comércio com o reino do Congo, Portugal iniciava uma relação comercial capitaneada pela difusão da fé cristã”⁸⁷. A conversão do rei africano nomeado

⁷⁹ McGAFFEY, apud MELLO E SOUZA, 2002, p. 63.

⁸⁰ MELLO E SOUZA, 2002, p. 64.

⁸¹ MELLO E SOUZA, 2002, p. 64.

⁸² RANDLES, apud MELLO E SOUZA. 2002, p. 64.

⁸³ MELLO E SOUZA, 2002, p. 65.

⁸⁴ MELLO E SOUZA, 2002, p. 58.

⁸⁵ MELLO E SOUZA, 2002, p. 56.

⁸⁶ SOUZA, 2005, p. 132.

⁸⁷ MELLO E SOUZA, 2002, p. 62.

mani Congo e a da corte representavam a paz e cooperação entre os reinos sendo celebrados pelo povo africano em um grande festejo.⁸⁸

Depois do batismo e conversão da corte, houve festa em todo o reino do Congo. Festas estas, cheias de rituais típicos dos povos africanos, e a partir daí estes festejos passaram a serem realizados todos os anos pelo povo congolês, para lembrar esse dia de grande importância para o povo daquele reino. Com a intensificação dos contatos entre portugueses e os africanos ao longo dos séculos subsequentes e conseqüentemente o tráfico de escravos praticados pelos portugueses com anuência dos dirigentes africanos. Neste ínterim, muitos africanos foram vendidos para a Europa, Portugal e para as Américas, principalmente para a América portuguesa, esta sendo a maior consumidora destes seres humanos (fôlego vivo) e juntamente com estes africanos vieram várias manifestações culturais, sendo aqui realizadas como forma de reviver as suas culturas e a de seus ancestrais.⁸⁹

No dia de seu batismo, o rei que se preparava para uma guerra recebeu dos frades uma bandeira com o símbolo da cruz, que disseram que o sinal da cruz abriria caminho para glória após a morte, que teria admiração e servidão de seu povo em vida, resultaria em vitória sobre os inimigos.⁹⁰ “A entrega da cruz, insígnia divina, ao Rei Congolês, é um ato do Expansionismo português, que tem à frente o Rei missionário portador da palavra de Deus.”⁹¹ A cruz para os povos bantos representavam a relação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, um reflexo do outro, separados pela água. Ao adotar a cruz mantinham suas tradições. Acreditavam ter ganhado mais poder.

“O cristianismo foi recebido pelos congoleses como um novo movimento religioso, excepcionalmente poderoso”⁹². Ao se converterem, os africanos não incorporaram integralmente a doutrina cristã, mas a combinaram cosmologias com as revelações de uma nova força segundo suas tradições. “O cristianismo não alterou a estrutura religiosa do Congo, tendo servido como mais um instrumento de legitimação do domínio da nobreza congoleza por meio de aliança com a Igreja católica.”⁹³

Sonhos, transe e presságios indicativos de novos ritos aumentariam o poder do rei e de seus aliados, e conseqüentemente fortaleceriam o reino, foram aceitos pelos portugueses como mostra de um verdadeiro e sincero contato com Deus, e pelos congoleses, como sinais enviados do mundo dos mortos, fonte de toda sabedoria, harmonia e poder.⁹⁴

⁸⁸ MELLO E SOUZA, 2002, p. 60.

⁸⁹ BRUYM; MARTINS. 2010, p.17-18.

⁹⁰ MELLO E SOUZA, 2002, p. 60.

⁹¹ PINA, *apud* MELLO E SOUZA, 2002, p. 60.

⁹² MELLO E SOUZA, 2002, p. 70.

⁹³ MELLO E SOUZA, 2002, p. 72.

⁹⁴ MELLO E SOUZA, 2002, p. 67.

Os clérigos católicos aceitaram esta conversão por interpretar as revelações como válidas⁹⁵ e também para que o cristianismo fosse introduzido e propagado por novas terras de modo pacífico.

O pensamento banto sempre teve uma admirável capacidade de resistir a transformações radicais distinguindo-se por incorporar as contribuições continuamente dadas pelo contato entre os povos, lendo-se a partir do seu próprio instrumental cognitivo e em parte aceitando-as como próprias. Foi por enxergar algo familiar no cristianismo que este foi tão prontamente incorporado. O novo movimento foi apenas uma das constantes revitalizações características daquela área cultural.⁹⁶

A resistência cultural e religiosa caracterizou uma interpretação própria do cristianismo pelo povo africano e posteriormente esta mesma resistência esteve presente na imposição da fé católica aos povos escravizados nas colônias americanas, fato que originou movimentos de sincretismo religioso, principalmente no Brasil.

Uma personagem também celebrada pelas congadas que ficou marcada na história das crises sucessória do Reino do Congo e na formação de Angola foi à rainha Njinga. A região Ndongo ficava localizada ao sul do Congo, ngola era o nome dado ao principal chefe desta região.⁹⁷ Embaixadas de Ndongo seguiram para Portugal com presentes que despertaram a interesse dos portugueses para a região.⁹⁸ Cerca de 50 anos depois, o estreitamento das relações portuguesas com os angolanos propiciaram uma independência da região em relação ao Congo e motivou uma rivalidade entre as regiões africanas.⁹⁹ A introdução do catolicismo no território de Ndongo sofreu bastante resistência, o que motivou um enfrentamento e avanço dos portugueses em busca de riquezas minerais e do mercado de escravos.¹⁰⁰

NjingaMbandi foi líder de povos do Ndongo, sua capacidade de liderança foi reconhecida quando enviada por seu irmão, Ngola do Ndongo, como chefe da embaixada ao governador português em Luanda no ano de 1622. Articulada e fluente em português exigia que os reinos fossem tratados como iguais. Aceitou o batismo cristão e assumiu o nome de Ana de Souza.¹⁰¹ Porém desconsiderou o batismo ao voltar para seu povo. Seu reinado foi longo (de 1623 a 1663) e foi marcado por confrontos com os portugueses. Adotou costumes europeus e articulou comércio com os portugueses. Era contra o tráfico de escravos. Liderou um exército que inspirava medo. Fez aliança com holandeses para expulsar os portugueses, porém a união

⁹⁵ THORNTON, *apud* MELLO E SOUZA, 2002, p. 68.

⁹⁶ MELLO E SOUZA, 2002, p. 68.

⁹⁷ MELLO E SOUZA, 2002, p. 99.

⁹⁸ MELLO E SOUZA, 2002, p. 100.

⁹⁹ MELLO E SOUZA, 2002, p. 101.

¹⁰⁰ MELLO E SOUZA, 2002, p. 103.

¹⁰¹ MELLO E SOUZA, 2002, p. 107.

dos portugueses com outros líderes africanos tornava o exército luso-africano superior, sendo derrotada. Por dez anos manteve embaixadas com os portugueses onde foram firmados tratados que não eram cumpridos. Sob a influência de um padre capuchinho adotou a fé cristã e aceitou um tratado de paz com os portugueses.¹⁰² Sua liderança em batalhas e talento político abriu caminho para outras lideranças femininas africanas após sua morte. Njinga é lembrada em Angola como a rainha guerreira que resistiu aos portugueses, já nas festas realizadas no Brasil seu nome é associado ao de inimigos do rei do Congo, que acabam convertidos ao cristianismo.

A fama de Njinga, assim como a de D. Afonso I, atravessou os séculos e os mares, sendo evocada em festas populares realizadas no Brasil no passado e ainda hoje. Enquanto Njinga ficou ligada às resistências e autonomia dos angolanos, o rei do Congo passou a simbolizar a conversão dos congoloses ao cristianismo.¹⁰³

Anos após o contato com os portugueses, ocorreram crises nas sucessões reais, revoltas internas enfraqueceria o reino do Congo, assim como conflitos com os povos vizinhos. Prisioneiros de guerra eram vendidos com escravos e isto se tornou um negócio lucrativo. O tráfico humano abastecia as colônias portuguesas nas ilhas do atlântico e posteriormente na América com mão de obra dos povos africanos escravizados.¹⁰⁴

Em meio à crueldade da situação de cativo, os povos africanos trouxeram sua cultura e suas crenças, porém algumas tradições tiveram que ser ressignificadas para serem aceitas na sociedade escravocrata. Os negros buscavam a participação em irmandades religiosas como forma de adesão a um grupo social que lhes oferecessem proteção e inserção neste novo mundo, as associações também promoviam condições para celebrarem suas tradições e rito em festejos, que aliados ao catolicismo dominante ocasionou um sincretismo religioso.¹⁰⁵ “As irmandades também funcionavam como meio de afirmação cultural, de construção de identidades e alteridades, formadas no processo de transporte para a América.”¹⁰⁶

As festas promovidas pelas irmandades religiosas além de ser uma manifestação cultural, pode ser entendida como um momento de alegria, de transgressão a ordem e a oportunidade para questionar a sociedade vigente e afirmar seus valores culturais e religiosos. A festa representava para os negros, instantes de esquecer ou contrariar os conformismos sociais. Este caráter de ruptura que a festa apresenta em relação a vida ordinária em que vivia, mostra como a festa rompe com a ordem social estabelecida.¹⁰⁷

¹⁰² MELLO E SOUZA, 2002, p. 112.

¹⁰³ MELLO E SOUZA, 2002, p. 113.

¹⁰⁴ MELLO E SOUZA, 2002, p. 99.

¹⁰⁵ BRUYM; MARTINS, 2010, p.16.

¹⁰⁶ REIS, *apud* MELLO E SOUZA, 2002, p. 187.

¹⁰⁷ SOUSA JÚNIOR, José Pereira de. Irmandades Religiosas: espaços de devoção e disputas políticas na Paraíba oitocentista. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2009, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: UFC, 2009. p. 1-11. Disponível em: <anais.anpuh.org/?p=16560>. Acesso em: 13 mar. 2017.

As congadas promovidas pelas irmandades religiosas dos povos negros representavam a tradição do festejo comemorado no reino do Congo. Ao comemorarem este episódio, os escravos enalteciam suas raízes históricas e suas memórias. Pollock afirma que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.”¹⁰⁸

As irmandades eram instituições organizadas regidas por leis internas e estatutos. O compromisso e obediência dos associados visavam desenvolver a vida social e religiosa dos integrantes.

Compunha a hierarquia das irmandades uma mesa cujos membros deviam ser eleitos para cumprir a função administrativa a partir dos cargos de juiz, procurador, mordomo, capitão-mor, com a incumbência de saber da vida particular de cada irmão e proporcionar ajuda quando necessário, observando também o cumprimento de suas obrigações, escrivão e tesoureiro, que respondiam pelas finanças dessas instituições e deveriam ser ocupados por pessoas que sabiam ler e escrever, o que acabava por determinar e demandar a participação de pessoas brancas nas irmandades negras.¹⁰⁹

As irmandades celebravam a eleição de novas lideranças com os festejos onde sua história era preservada e a tradição era transmitida para as novas gerações com a encenação da coroação dos reis negros. Souza afirma que os rituais de coroação de reis africanos, nas congadas ou mesmo no congo capixaba, eram estratégias dos escravos que ao louvar aos santos da igreja católica implantavam táticas de resistência para africanizar os valores e a religião imposta.¹¹⁰

As eleições de reis negros e as festas que celebravam estas eleições, criadas a partir do encontro entre as culturas africanas e a cultura ibérica, e aceitas pelos senhores e agentes administrativos, fora um dos meios encontrados por grupos de escravos, forros e negros livres de se organizarem em comunidades, de alguma forma integradas à sociedade escravista. Nela estavam presentes tradições comuns a todo mundo bantos, eventos da história de alguns povos específicos eu foram incorporados como símbolos de africanidade, e de elementos da sociedade portuguesa, reinterpretados à moda dos africanos e seus descendentes.¹¹¹

¹⁰⁸ POLLOCK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

¹⁰⁹ CEZAR, Lilian Sagio. Saberes contados, saberes guardados: a polissemia da congada de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v.18, n.38, p. 187-212, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n38/08.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

¹¹⁰ SOUZA, 2005, p. 132.

¹¹¹ MELLO E SOUZA, 2002, p. 155.

As celebrações revivem admiração, devoção e dedicação do povo à nobreza e realeza africana, assim como transmitem a história dos ancestrais. As encenações nos festejos abordam as relações e articulações políticas como envio de mensagens entre governantes, troca de presentes, solicitações e tratados com soberanos de outras nações, assim como a devoção e culto de santos católicos em reconstrução simbólicas da religiosidade africana inseridas no cristianismo por meio dos rituais de coroação de reis e rainhas negras.¹¹² Estes festejos se popularizaram e se espalharam pelo país.

Os desfiles ocorridos nas festas organizadas pelas irmandades de escravos por ocasião da coroação de reis e rainhas de nação, fossem africanas ou afrodescendentes, ficaram conhecidos no Brasil por congadas, congado, cucumbis, ou reinados de congos. Constituíram importante lócus de estruturação de grupos africanos e afrodescendentes e permitiram sua articulação à vida social, cultural, religiosa e política, sendo bastante comuns em toda a colônia e império. Ainda hoje congadas são celebradas em diversas localidades do Brasil, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Paraná, Pará.¹¹³

Porém, existem variações das celebrações. Brandão citado por Santos propõe uma divisão das congadas realizadas no Brasil em três tipos:

O primeiro tipo destaca os conflitos entre forças africanas combatendo entre si (ou forças africanas de um lado e forças turcas ou mouras do outro), com vitória dos invadidos e conciliação ao final. O segundo tipo encena confronto entre forças invasoras e invadidas opondo a rainha Ginga e o rei Congo, com derrota dos invadidos e morte de toda a família real. Por fim, Brandão descreve o confronto de invasores e invadidos fora do contexto africano com vitória dos cristãos e conversão ao cristianismo dos vencidos, a quem é concedido o perdão ao final da cerimônia. Essa estrutura, segundo o mesmo autor, que opõe de um lado forças chamadas ‘do bem’ – identificadas como católicas – contra as forças tidas como ‘do mal’, é comum em vários outros autos chamados por ele de ‘folclóricos’.¹¹⁴

Dentre as variedades de festejos das Congadas é possível perceber a exaltação histórica dos conflitos culturais e confrontos religiosos, do caráter missionário da religião cristã e imposição desta fé aos vencidos. Outra característica dos festejos são as homenagens prestadas aos santos católicos. Uma das figuras mais cultuadas nas irmandades e nos festejos de congadas é a de São Benedito.

¹¹² CEZAR, 2012, p.191.

¹¹³ CEZAR, 2012, p.190.

¹¹⁴ BRANDÃO, apud SANTOS, 2013, p. 42.

1.3 São Benedito e o sincretismo religioso

Segundo a tradição da Igreja católica, São Benedito, o santo negro italiano, também conhecido com o apelido de “o mouro” pela cor de sua pele, era filho de pais de escravos trazidos da Etiópia para a Sicília, que mais tarde foram libertos pelos seus senhores e passaram a usar o sobrenome dos mesmos.¹¹⁵ Eles viviam como humildes trabalhadores fiéis à doutrina cristã. Na infância era pastor do rebanho do patrão de seus pais. Acompanhava a vida de oração e disciplina religiosa familiar. Ao entrar na maioridade se interessou em consagrar sua vida à religião. Um frei eremita, a passar pelas terras em que Benedito vivia, testemunhou a calma e serenidade do jovem em relação às provocações e humilhações raciais que sofria das pessoas que passavam. Depois de repreender a todos, o frei o convidou a ingressar na ordem dos franciscanos. A vida entre os irmãos eremitas de São Francisco de Assis era austera. Após anos de vida dedicados a solidão e meditação, foi aprovado pelo Papa e fez os votos de pobreza, obediência e castidade, com simplicidade e humildade tomando o exemplo de São Francisco de Assis, seu pai espiritual.¹¹⁶ Adquiriu a fama de santo e de iluminado pelo Espírito Santo, pois teve muitos acertos em suas profecias. “Sua fama de milagreiro já corria o mundo, fato que o fez mudar-se várias vezes de cidade, para fugir desta procura incessante, por ser uma pessoa tímida e temente a Deus, não concordava com o que estava acontecendo”.¹¹⁷ Sendo muito procurado pela população, a solidão do frei estava perturbada. Por sua humildade sentiu-se incomodado com a situação e cada vez mais se afastava, mas isso não impedia que o povo o encontrasse. Apesar de pouco instruído, sua prudência, sabedoria e história de vida o destacou para que fosse aclamado entre os religiosos para assumir a liderança no convento. No entanto, se recusava por não se achar digno de tal atribuição, porém não adiantou e assumiu a missão a ele conferida. Seu exemplo foi marcado pelo exemplo de orações. Terminando seu período como superior, retornou com naturalidade e alegria as funções que antes exercia.¹¹⁸

¹¹⁵ BOTTO, Fabio (Dir). *São Benedito: Protetor dos negros*. Portal catolicismo romano: Direção geral de Fabio Botto. São Paulo: Grupo Editorial Sfera. c2010. Disponível em: <<http://www.catolicismoromano.com.br/content/view/35/28/>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

¹¹⁶ RIBEIRO, Anderson Santos. *A devoção a São Benedito*. Rio de Janeiro: Imperial Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. c2017. Disponível em: <<http://irmandadedoshomenspretos.org.br/site/sao-benedito/>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

¹¹⁷ CERNIAVSKIS, Elvira. *Congo: fé ou festa? Eis a questão!* 2010. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Curso de Pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2010. p. 15. Disponível em: <<http://www.usp.br/celacc/?q=celacc-tcc/356/detalhe>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

¹¹⁸ BOTTO, c2010, p. 1.

Analfabeto, filho de escravos, o frei franciscano Benedito foi conhecido pela sua humildade, pela prática da caridade, por sua devoção à fé cristã. Foi considerado santo pelos católicos pela vida simples e exemplar, por suas profecias e pelos milagres a ele atribuído. Escolhido como padroeiro e protetor dos cozinheiros e dos negros, morreu aos 65 anos de idade em Palermo na Itália em 4 de abril, época de proximidade às festividades da páscoa.

A igreja católica e as irmandades religiosas do período colonial usavam as histórias dos santos católicos como forma de catequização dos escravos como afirma Sousa Junior:

A ‘historia’ da vida dos santos e santas tiveram papel fundamental no sistema de conversão dos negros ao catolicismo. As histórias de suas vidas foram contadas por pregadores e entremeadas de cenas de milagres, enfatizando seus poderes de cura e de proteção a aqueles que lhes tivesse devoção, construindo em torno de suas imagens um sentimento de respeito e veneração que fez parte do imaginário religioso desde o período colonial.¹¹⁹

Os povos escravizados e algumas irmandades religiosas formadas por negros no Brasil colônia se identificaram com São Benedito e o elegeram como o santo dos pretos, um protetor, um amigo, um santo querido como um parente, aproximação sentimental e de ligação às origens e as raízes negras que se inserem na tradição de culto e devoção à ancestralidade africana. Como menciona Santos: “[...] a forma como essa herança foi absorvida e modificada pelos/as negros/as atesta a não passividade à aculturação missionária. São Benedito passou de santo catequizador a um santo companheiro”. A adoração a São Benedito deriva de um processo de sincretismo religioso conforme menciona Souza:

Sofrendo com inesgotáveis perseguições a suas religiões de origem, os negros escravizados africanizaram o catolicismo, possibilitando que seus ancestrais fossem cultuados. É esse processo de africanização que explica a grandiosidade da devoção a São Benedito, negro escravizado que transgrediu as leis da escravidão. A identidade com o Santo Preto pode ser a base para explicar o processo civilizatório africano como tática de sobrevivência ancestral.¹²⁰

Os povos escravizados no Brasil adotaram o sincretismo religioso como estratégia de resistência para preservarem suas crenças diante da imposição da religião cristã pela sociedade escravagista. O sincretismo se caracteriza pela fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos. Neste caso, os santos católicos foram traduzidos como deuses africanos. Estes eram ressignificados e cultuados de forma implícita nas irmandades ou nas igrejas.

¹¹⁹ SOUSA JÚNIOR, 2009, p. 2.

¹²⁰ SOUZA, 2005, p. 132.

A leitura (cultural) dos santos como aqueles que presidem diversas atividades humanas facilita a aproximação com os orixás, também esses dirigentes de um determinado setor da natureza (Xangô, os relâmpagos e trovões; Oiá-Iansã, os ventos e tempestades; Oxum, a água doce) ou protetores das profissões (como Ogum, que protege todos aqueles que trabalham o ferro).¹²¹

Essa relação híbrida encontrada entre o santo católico e orixá africano possibilitou uma releitura, de modo que o santo, interpretado como intercessor junto ao plano espiritual de determinada causa ou situação, encontrasse um equivalente ou semelhante no panteão africano. Soares cita um exemplo de analogias entre Oxalá e Jesus Cristo, em que os escravos encontravam referências em seu imaginário que os remetiam ao panteão de suas divindades, no caso, a bengala de Oxalá se assemelhava ao cajado do Bom Pastor.¹²²

Para o negro no Brasil, com suas organizações sociais desfeitas pelo sistema escravagista, reconstituir as linhagens era um ato político de repatrimonialização. O culto aos ancestrais de linhagem (egun) e dos princípios cósmicos originários (orixás) ensejava a criação de um grupo patrimonial (logo, de um “território” com suas aparências materiais e simbólicas, o terreiro) que permitia relações de solidariedade no interior da comunidade negra e também um jogo capaz de comportar a sedução, pelo sagrado, de elementos brancos da sociedade global. O sagrado sempre presidiu a origem de qualquer ordem.¹²³

Burke afirma que “não existem fronteiras culturais nítidas entre grupos e sim um *contínuum* cultural.”¹²⁴ E diz que “Devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos.”¹²⁵ Em seu estudo sobre o sincretismo e hibridismo na cultura popular, Ferreti conclui que existe disputas acadêmicas a respeito dos termos:

A trajetória desses conceitos permite visualizar disputas acadêmicas e políticas, que acompanham análises da realidade social. Sincretismo, cultura, identidade, etnicidade, hibridismo, multiculturalismo e outras categorias sociais complexas, necessitam continuar a ser pensadas e repensadas, com a colaboração de diferentes ciências e correntes de pensamento. É importante lembrar que a própria definição dessas diversas categorias continua constituindo um desafio para os especialistas.¹²⁶

¹²¹ SOARES, Afonso Maria Ligorio. Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio. *Revista de Estudos da Religião*, PUC, São Paulo, n. 3, p. 45-75, 2002. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv3_2002/p_soares.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2017.

¹²² SOARES, 2002, p. 50.

¹²³ SODRÉ, *apud* SOUZA, 2005, p. 117.

¹²⁴ BURKE, 2003, p. 14.

¹²⁵ BURKE, 2003, p. 31.

¹²⁶ FERRETI, R. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. *Revista Pós Ciências Sociais - Periodicos UFMA*. São Luís, v. 11. n. 21, p. 15-34, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/2867/2686>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

Para Ferreti, o termo “sincretismo passou a ser identificado com a dominação colonial e por isso considerado por muitos como ultrapassado. Hibridismo é proposto como termo mais amplo, por abordar elementos da cultura não especificamente religiosos.”¹²⁷ Porém, “Hibridismo remete a uma metáfora biológica adotada no século XIX, muitas vezes na perspectiva de imprimir caráter científico ao comportamento humano.”¹²⁸ Que na origem do termo, hibridismo “é um cruzamento fecundo entre variedades ou espécies diferentes que pode provocar anomalias.”¹²⁹ E conclui:

Alguns preferem utilizar sincretismo para eventos especificamente religiosos e hibridismo para eventos de outra natureza. A nosso ver, o conceito de sincretismo se encontra estabelecido na literatura e divulgado há muito tempo. Inspirado em Mauss, podemos considerar que, em sociedades como a nossa, o sincretismo pode ser considerado como fato social total, relacionado com instituições religiosas, políticas, familiares, econômicas, estéticas, culturais, que, ao mesmo tempo é imposto e voluntário. A sociedade brasileira é complexa e se caracteriza pelo encontro e a mistura entre povos e culturas diversas, e este encontro é enriquecedor. Assim a mistura e o sincretismo constituem elemento central em nossa sociedade, como pode ser evidenciado, entre outros aspectos, nas religiões e na cultura popular.¹³⁰

A fusão de elementos religiosos ao longo do tempo ocasionou uma reinterpretação de festas católicas para que os povos escravizados pudessem homenagear as divindades negras.¹³¹

Exu é festejado no dia de São Bartolomeu; Xangô, no dia de São João; Ogum divide as comemorações com São Jorge; Omolu, com São Sebastião; os Ibejis (orixás da infância), na festa de Cosme e Damião; Oxalá brilha nos festejos do ano novo (na Bahia, na festa do Senhor do Bonfim); e Iansã, no dia de Santa Bárbara. Mas, as datas e as correspondências santo-orixá não são iguais para todas as regiões do Brasil. Xangô é São Jerônimo na Bahia, o Arcanjo São Miguel no Rio de Janeiro, e São João em Alagoas. Exu é o diabo na Bahia (talvez, por causa de seu caráter trickster), Santo Antônio no Rio de Janeiro, São Pedro no Rio Grande do Sul (aqui entendido como porteiro e mensageiro dos deuses).¹³²

No sincretismo religioso afro-brasileiro São Benedito se refere a Ossaim, deus das plantas e florestas, representando a força da natureza, é ligado ao conhecimento, medicina e a cura.¹³³ Assim como ele, outros santos católicos também foram reinterpretados como orixás do panteão afro. Nossa Senhora do Rosário é representada pelos fios de conta, os colares de miçangas coloridas que também podem ser chamados de guias, Nossa Senhora dos Navegantes

¹²⁷ FERRETI, 2014, p. 16.

¹²⁸ FERRETI, 2014, p. 29.

¹²⁹ FERRETI, 2014, p. 29.

¹³⁰ FERRETI, 2014, p. 30.

¹³¹ SOARES, 2002, p. 50.

¹³² SOARES, 2002, p. 50.

¹³³ COSTA, Eduard Montgomery Meira. *Orixás: Magia Elemental e Espiritualidade nas Religiões Afro-Brasileiras*. São Paulo: AGBOOK, 2011. p. 124-126.

é Iemanjá, São Sebastião representa Oxóssi, São Jorge equivale a Ogum, Santa Bárbara representa Iansã, entre outros.¹³⁴

As irmandades religiosas dos escravos cultuavam um santo católico que tinha relação com os povos negros. Além de terem caráter catequizador na fé e doutrina cristã, as associações promoviam um reagrupamento, uma reorganização étnica e social dos escravos. Vermer citado por Soares menciona que as ordens religiosas se organizavam em etnias, um escravo angolano ou congolês se associava a Ordem de Nossa Senhora do Rosário dos Homens de Cor, um nagô-iorubá na Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte.¹³⁵ Nestes espaços a resistência cultural e de manutenção de suas tradições se refletiram no sincretismo, festas, danças, costumes ligados à religião de origem africana.

Cada povo desta diáspora negra tinha sua própria cultura, sua própria dança, seus próprios rituais, seus santos domésticos e, aos poucos, houve a mistura das culturas africanas com os cultos aos santos católicos para resgatar um pouco da pátria-mãe distante, neste solo tão hostil a eles, para minorar o seu sofrimento.¹³⁶

A homenagem a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário nas congadas representa a devoção e admiração aos santos católicos e a resistência dos povos escravizados ao associarem os santos aos ancestrais e deuses africanos. De forma alegre e musical celebram as tradições culturais de coroação dos reis negros e revivem a história da conversão do povo africano ao cristianismo.

No estado do Espírito Santo, a relação religiosa e cultural com o santo dos negros também é marcante. Santos aponta a devoção ao santo no Congo Capixaba: “Um das mais significativas devoções é a homenagem que algumas bandas de congo fazem a São Benedito que é maciçamente usado nas cantigas entoadas nos atos culturais espalhados em terras capixabas”¹³⁷. Souza enfatiza:

Transformado em cultura de origem local, a arqueologia do Congo no Espírito Santo se instala num ciclo de comunalidade determinada pelos cultos e festejos a São Benedito em quase todos os municípios do Estado. Vale lembrar que embora a padroeira oficial do Estado seja Nossa Senhora da Penha, São Benedito é o santo mais cultuado no Estado, devoção que se estende de Norte a Sul do Espírito Santo. Sofrendo com inesgotáveis perseguições a suas religiões de origem, os negros escravizados africanizaram o catolicismo, possibilitando que seus ancestrais fossem

¹³⁴ COSTA, 2011, p. 65-99.

¹³⁵ VERGER, apud SOARES, 2002, p. 50.

¹³⁶ CERNIAVSKIS, 2010, p. 19.

¹³⁷ SANTOS, José Elias Rosa dos. Processos organizativos, memória e identidade: etnografia e história da transmissão cultural do congo em uma comunidade afro-brasileira-Cariacica (ES). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS. 2011, Vitória. *Anais...* Vitória: UFES, 2011. p. 1-20. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1475>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

cultuados. É esse processo de africanização que explica a grandiosidade da devoção a São Benedito, negro escravizado que transgrediu as leis da escravidão.¹³⁸

O historiador Rodrigo da Silva Goularte menciona o relato do Bispo do Rio de Janeiro Dom José Caetano da Silva Coutinho em uma visita à freguesia da Serra ocorrida no ano de 1812: “[...] todas as vezes que fui da igreja para a casa do vigário, aonde (sic) fiquei muito longe da matriz, muitos irmãos brancos e pretos de São Benedito, com capas de grosso algodão branco, que é a principal irmandade que há na freguesia.”¹³⁹ Neste pequeno trecho é possível imaginar a organização dos negros e da irmandade religiosa que foi considerada pelo bispo como a mais importante do município. Igualmente devemos supor que os festejos em homenagem ao santo também tenham sido muito significativos na localidade.

A devoção a São Benedito no Congo Capixaba também se faz presente em uma tradição oral repassada entre os congueiros. Segundo Ricardo Alves Sales¹⁴⁰, mestre da Banda de Congo Amores da Lua, do município de Vitória,¹⁴¹ a lenda relata a história de um navio negreiro que naufragou na costa do estado, onde alguns escravos se salvaram devido aos apelos e orações destinada ao santo dos pretos, que agarrados ao mastro que se desprende do navio conseguiram chegar a praia. Em ocasião do socorro e em forma de gratidão, os negros organizaram uma festa onde prestavam homenagens ao santo com cantos e músicas ao som de tambores.

A origem da manifestação é do negro, que conta a lenda através do naufrágio de um navio negreiro que naufragou na costa de Nova Almeida, um barco que os tripulantes que eram os negros que se batiam e se agarravam ao mastro de São Benedito e chegaram até a terra firme que foi em Nova Almeida, onde eles, acho que nove negros se salvaram naquela época e foram para Putiri, no município da Serra onde eles cortaram um mastro, um tronco seco e fizeram a primeira festa de São Benedito, na Serra sede. Naquela época o negro criou a banda de congo, a manifestação.¹⁴²

A associação de Bandas de Congo do município da Serra reitera essa história como a origem do congo capixaba e da festa de São Benedito na cidade. Apesar da não precisão dos fatos em relação a registros históricos oficiais, a continuidade da oralidade da lenda pelos

¹³⁸ SOUZA, 2005, p. 133.

¹³⁹ COUTINHO, *apud* GOULARTE, Rodrigo da Silva. O conto do vigário e outros contos: Revoltas escravas no Espírito Santo dos Oitocentos. *Revista Eletrônica Discente História.com*, Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Cachoeira, v.1, n. 1, p. 1-13, 2013.

Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiacom/article/view/17>>. Acesso em 20 mar. 2017.

¹⁴⁰ O entrevistado já foi citado no registro da fotografia nº 3 na página 29 deste trabalho de pesquisa.

¹⁴¹ Entrevista concedida pelo mestre de Congo Ricardo Alves Sales à Douglas Pinheiro Costa em 19 fev. 2017.

¹⁴² Transcrição do relato do mestre de Congo Ricardo Alves Sales.

congueiros, mesmo cerca de 170 anos após o fato mencionado, demonstra o caráter de transmissão cultural presente na tradição popular e folclórica.

Em 1856 quando havia comércio de escravos para o Brasil, na viagem do navio vindo da África nas imediações das praias de Nova Almeida, deu-se o naufrágio do navio, só restando 25 tripulantes que eram escravos e que se salvaram agarrados ao mastro que se desligou do barco, abraçado gritando pelo santo preto e pôr Deus que os salvassem, e este milagre eles receberam. Acontece que esses escravos se espalharam nas fazendas que existiam na época e nos engenhos de cana de açúcar em vários lugares do município da Serra, como: Em Putiri; Cachoeirinha; Hestes; Perinheiro; Pindaíbas; Muribeca; Queimado e lá viveram trabalhando para os senhores. Neste meio tempo eles lembraram que tinha uma promessa a pagar ao santo preto, criando uma banda de batuque ou banda de Congo feito com ocu de pau e bambu, isto com permissão dos senhores. Com nome do santo preto que depois vieram, a saber, que era São Benedito, eles residiam em propriedades diferentes, isto é, no Município da Serra.¹⁴³

A história representa um mito fundador, segundo o pensamento de Mircea Eliade, onde a história sagrada se refere a um acontecimento primordial e os heróis são seres civilizatórios,¹⁴⁴ os fundadores da manifestação ou festividade. “Uma vez ‘dito’, quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta.”¹⁴⁵ Dessa forma a Associação de Congo ao legitimar a história a considera como a versão oficial do surgimento da manifestação no município. A relação da interferência milagreira do santo em meio aos apelos dos naufragos remete uma ligação com o sagrado. Recontar essa história e revivê-la através das festividades que encenam essa lenda é uma ritualização dos acontecimentos míticos,¹⁴⁶ uma forma também de homenagear aos antepassados e o ser sagrado intercessor de modo muito significativo na perspectiva de herança cultural, religiosidade e ancestralidade africana.

A organização social dos escravos em bandas se deu de forma semelhante ao das irmandades religiosas. Apesar dos escravos se dispersarem pelo território capixaba, trabalhando e residido em propriedades diferentes e em locais relativamente afastados, estes se reuniam em bandas que homenageavam santos católicos e organizavam a celebração em função de uma promessa. Esse envolvimento com a religiosidade católica facilitou a permissão dos seus senhores para realização de festas e o reagrupamento dos escravos que resultou na formação das primeiras bandas Congo.

¹⁴³ ASSOCIAÇÃO de bandas de Congo da Serra. *O Congo da Serra*. c2012. Disponível em: <<http://www.abcserra.org.br/historia.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

¹⁴⁴ ELIADE, 1992, p. 50.

¹⁴⁵ ELIADE, 1992, p. 50.

¹⁴⁶ ELIADE, 1992, p. 55.

No segundo capítulo a pesquisa se aprofundou nas características culturais do Congo Capixaba, assim como nas análises das relações religiosas da manifestação e das formas de preconceitos.



2 O CONGO CAPIXABA

Durante esta pesquisa não foram encontrados registros ou estudos que mencionaram como exatamente surgiu a manifestação de Congo ou como as congadas e irmandades religiosas influenciaram na composição desta forma específica de expressão. O fluxo migratório interno de escravos no Brasil, principalmente com cultivo do café nas terras capixabas, a chegada de fazendeiros e seus escravos vindos de outros estados em busca de terras férteis contribuiu para o crescimento da população negra no Espírito Santo.¹⁴⁷ Os escravos que participavam de festividades de congadas nas irmandades religiosas em outras regiões podem ter adaptado a manifestação às peculiaridades locais do ambiente geográfico e culturais com assimilação de instrumentos indígenas, religiosidade e devoção a São Benedito e a Nossa Senhora da Penha, padroeira do estado e das histórias sagradas como o mito do naufrágio, essas influências podem ter originado uma nova forma de expressão cultural conhecida como Congo ou Congo Capixaba. As semelhanças culturais com as congadas e até mesmo o nome da expressão cultural remetem a essa influência. No estado do Espírito Santo, outras expressões culturais derivam desse encontro da religiosidade e cultura afro-brasileira com a religiosidade católica e a devoção aos santos, manifestações como o Jongo, também conhecido como Caxambú¹⁴⁸ e o Ticumbi, também chamado de bailes de congo.¹⁴⁹ Já a Capoeira, também muito comum e praticada atualmente no estado é de origem africana, mas não tem relação com a religiosidade católica. Além de outras festividades em homenagens a santos católicos que derivam da tradição europeia como o Alardo de São Sebastião¹⁵⁰ e a Folia de Reis.¹⁵¹ A constituição e apresentação da cultura de Congo Capixaba caracterizam a expressão como uma manifestação singular.

O Congo capixaba se desenvolveu como forma de expressão cultural diferente a das congadas, mas compartilham das mesmas raízes. Apesar dos poucos registros para precisar como se originou a manifestação, os estudos do folclorista Guilherme dos Santos Neves apontam antigos registros impressos da manifestação cultural no livro *Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense* do Padre Antunes Sequeira de 1883, que faz menção a primitivas bandas de congos formadas por índios. Outros registros foram encontrados em relatos de viajantes no território capixaba, um deles, no ano de 1858, em expedição pelo no

¹⁴⁷ OSÓRIO, Carla; BRAVIN, Adriana; SANTANNA, Leonor. *Negros do Espírito Santo*. São Paulo: Escrituras Editora, 1999. p. 24.

¹⁴⁸ CAPAI, Humberto (coord.). *Atlas do Folclore Capixaba*. Vitória: SEBRAE, 2009. p. 104.

¹⁴⁹ CAPAI, 2009, p. 184.

¹⁵⁰ CAPAI, 2009, p. 136.

¹⁵¹ CAPAI, 2009, p. 156.

litoral norte capixaba, o francês François Biard mencionando homenagens a São Benedito em encontro com indígenas:

à frente o ‘capitão’ com bastão enfeitado; depois o portador da imagem do Santo; as velhas devotas que dançavam ‘lecancan’ em torno da imagem e, por fim, os músicos e instrumentos: uns batendo tambor, ‘pequeno tronco de árvore, oco, coberta uma das extremidades por um pedaço de pele ou couro de boi’, e outros ‘rascando, com um pequeno bastão, um instrumento feito dum pedaço de bambu denteado de alto a baixo’.¹⁵²

Em passagem por Nova Almeida em 1860, D. Pedro II fez anotações e rabiscou um desenho representando uma casaca, instrumento musical típico do congo capixaba.¹⁵³ O bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda, em visita pelo interior capixaba em 1880, apontou característica da manifestação em suas anotações:

Os índios, desde que cheguei à porta da Matriz, em número de seis, com seu *capitão* à frente, estavam à porta da Igreja a bater guararás (tambores), a esfregarem cassacos (paus dentados) e agitarem seus manacá (chocalho) e soltarem monótonas e lúgubres vozes em modulação, como usam.¹⁵⁴

Em contato com o capitão da banda, o bispo teve a explicação que o “[...] Capitão dos índios é a apenas um nome, como o do ‘imperador do Divino’ e ‘Rei do Congado’”. Para dançar ele é o Presidente.”¹⁵⁵ O índio faz referências aos líderes das manifestações de Congadas, o que aponta uma relação de elementos comuns e entre as raízes dessas formas de expressão cultural e religiosa. O termo e função de capitão hoje seriam referentes ao mestre da banda de Congo. Outro apontamento do bispo é quanto ao modo de tocar: “É de saber que os tocadores do guarará, quando vêm os trazem debaixo do braço, e quando param montam-se sobre eles e com ambas as mãos batem no couro de uma das bocas.”¹⁵⁶ Essa é uma característica presente nas até nos dias de hoje nas apresentações de congo, quando se apresentam em roda, o tocador monta sobre o tambor. O relato do bispo ainda descreve a presença de negros nas bandas de índios e que estes dançavam com mais alegria e entusiasmo, que segundo Neves, essa intromissão deu agitação e vida ao folguedo ameríndio.¹⁵⁷ Para Neves, o surgimento da manifestação tem origem indígena e com o tempo foi sendo assimilada e modificada pelos negros e suas heranças culturais.

¹⁵² BIARD, 1862 *apud* NEVES, 2008, p. 70.

¹⁵³ NEVES, 2008, p. 70.

¹⁵⁴ LACERDA, 1880 *apud* NEVES, 2008, p. 71.

¹⁵⁵ LACERDA, 1880 *apud* NEVES, 2008, p. 72.

¹⁵⁶ LACERDA, 1880 *apud* NEVES, 2008, p. 72.

¹⁵⁷ NEVES, 2008, p. 74.

Com o decorrer do tempo, nossas bandas – inicialmente indígenas – foram alterando alguns dos seus primitivos aspectos: desapareceu o nome *guarará*, substituído por *congós*, passando por isso, o conjunto a ser denominado bandas de congós, expressão que lembra melhor a velha África. Desapareceu o termo *maçaracá* ou *maçacais*, mudado para *chocalho* ou – com dizem *chucáio* ou *sucáio*. Ajuntou-se ao instrumental a puíta ou cuíca, de origem africana. Manteve-se, porém, o cassaco, ou cassaca, também chamado casaca ou casaco, ou ainda, por contaminação, canzaco, evidente influência de canzá ou ganzá. Acrescente-se a isso o modo peculiar de danças dos negros e mais as toadas, onde se encaixam, aqui e ali, termos e expressões africanas, referências à escravidão, entoadas dentro do ritmo negro, quente e sensual [...] ¹⁵⁸

Souza em sua pesquisa sobre o congo analisa as contribuições dos registros de Neves sobre as influências indígenas na manifestação do Congo:

Nesse contexto, é ainda possível arriscar que o Congo nasceu do encontro das três nações fundadoras do Brasil, herdando dos brancos a devoção aos santos, dos índios a casaca e dos negros os tambores. Vale ainda lembrar que a população afro-ameríndia possibilitou os valores civilizatórios do Brasil. ¹⁵⁹

O pesquisador e historiador José Elias dos Santos discorda do folclorista Guilherme dos Santos Neves em relação à origem indígena da manifestação ao citar uma importante consideração nos estudos de Maciel:

O Historiador Cleber Maciel traz outras informações de absoluta relevância que devem ser levadas em consideração. Maciel conta-nos que em 1854, um congo se apresentou numa festa que se realizava em Queimados, no município de Serra, antecedendo então em alguns anos as apresentações realizadas por índios mutuns e relatadas por Santos Neves. São José de Queimados era um importante centro de articulações políticas de escravizados, tendo sido palco de uma revolta escrava, que eclodiu em 19 de março de 1849. Ainda em 1854 fora sancionada, em Nova Almeida – vilarejo próximo tanto de São José de Queimados quanto da localidade onde tocavam congós os índios mutuns – a postura nº 3, que proibia os batuques, as danças e os ajuntamentos de escravizados. ¹⁶⁰

A apresentação da banda de Congo no festejo e o registro dessa postura nº 3 do ano de 1854, anterior ao relato do Francês Biard de 1858 nos estudos de Santos Neves ¹⁶¹ e também ao naufrágio do navio na costa capixaba em 1856, faz desta a primeira menção ao Congo Capixaba. O fato põe em dúvida a origem indígena da manifestação defendida por Neves e a origem lendária transmitida oralmente pelos mestres de Congo. A festa no prospero vilarejo de Queimados ocorria no dia de São José, padroeiro que dava nome ao lugar, as comemorações

¹⁵⁸ NEVES, 2008, p. 74.

¹⁵⁹ SOUZA, 2005, p. 90.

¹⁶⁰ MACIEL, 1992 *apud* SANTOS, José Elias Rosa dos. Carnaval de Congo e Máscaras: construção e reconstrução de um ritual. In: I SIMPOSIO INTERNACIONAL E II NACIONAL SOBRE ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES DE FESTAS POPULARES. 2013, Goiânia. *Anais...* Goiânia: LABOTER UFG, 2013, p. 307-329. Disponível em: <https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/Ebook_SIMCA.pdf>. Acesso em: 26 mar.2016.

¹⁶¹ NEVES, 2008, p. 70.

em homenagem ao Santo aconteciam no dia 19 de março. Era tradicional a apresentação de bandas ligadas a irmandades e grupos religiosos em festejos dedicados a santos católicos. A ordem dessa postura datada em 10 de julho do ano de 1854 proibia batuques e danças pelos escravizados. As duas informações apresentam uma possível relação entre a apresentação do congo em Queimados e a proibição de Nova Almeida, entretanto a citação de Maciel não informa se apresentação de congo na festa de São José de Queimados foi realizada por bandas de índios, grupos de negros ou de qualquer etnia, também não menciona se a proibição em relação a batuques e danças se referia especificamente ao congo ou outros tipos de manifestação cultural.

A proibição ao ajuntamento de negros na vila de Nova Almeida citados por Maciel na postura número 3 de 1854 provavelmente seria uma forma de controle dos senhores e dos governantes locais para coibir a organização dos escravizados, uma vez que nas proximidades da região, o vilarejo de São José de Queimados viveu no ano de 1849 uma grande revolta, onde vários escravos se rebelaram no dia de inauguração da Igreja de São José, mesmo dia de comemoração ao padroeiro, exigindo a libertação em relação à interpretação de uma promessa feita pelo frei que dissera que intercederia junto aos senhores dos escravos se os mesmo participassem da construção da Igreja do vilarejo, o levante ganhou força com a participação de outros escravos, diante da situação houve a intervenção de soldados para acabar com o conflito. Houve um massacre, muitos escravos foram mortos e aprisionados. Alguns líderes da insurreição foram enforcados se tornando mártires da revolta e de movimentos negros no estado. Outros tiveram destinos diferentes, alguns foram aprisionados, em dezembro do mesmo ano ocorreu uma fuga de alguns encarcerados, como não havia sinais de arrombamento nas celas, o fato foi considerado pelos mesmos como um milagre atribuído a fé em Nossa Senhora da Penha, porém, tempos depois o carcereiro confessou que facilitou a fuga. Os negros fugiram para as matas do aos pés do monte Mestre Álvaro no município da Serra e do monte Moxuara em Cariacica, formando comunidades quilombolas. Outros tiveram destinos diferentes sendo enforcados se tornando mártires da revolta e de movimentos negros no estado.¹⁶²

Roda D'água em Cariacica é uma região localizada nas proximidades do monte Moxuara foi habitada por quilombolas fugidos da revolta de Queimados, provavelmente o desenvolvimento da cultura de Congo, as homenagens a Nossa Senhora da Penha pelas bandas

¹⁶² FREITAS, Jaqueline. *Insurreição do Queimado, um marco da luta pela liberdade*. Palmares Fundação Cultural. Brasília: 2011. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=9431>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

e pelas festividades na região foram originárias na devoção destes antepassados que preservaram suas tradições e comemorações aos sons dos tambores.

Itagiba Cardoso Ferreira, conhecido pelo nome de Tagibe, de 58 anos, lidera bandas de congo na região há vários anos, atualmente é o mestre de congo da banda que leva seu nome, *banda de Congo Mestre Tagibe*, sediada em sua residência em Roda D'água, ele relatou que o seu envolvimento com o Congo se deu através de sua família herdando os conhecimentos transmitidos por seu pai e por seu avô que também eram mestres de Congo. Em uma entrevista cedida ao pesquisador ele menciona como surgiu o congo na região:

O congo surgiu aqui através dos escravos, que na rebelião de Queimado, alguns escravos se esconderam aqui nas cabeceiras de Roda D'água na época. Aí nasceu o Congo aqui. Eles cortavam seus tambores de oco de pau e saíam visitando os outros escravos, parceiros deles e ali foi formando uma comunidade de escravos que tocavam o congo. O Congo já existia em Queimado, mas o Congo [*escravos fugidos de Queimado*] foi separando [*se dispersaram*] para Serra, Fundão e alguns vieram parar aqui.¹⁶³

A manifestação cultural teve importância na organização dos quilombolas na região. “Entendemos que a composição da região do Moxuara é talvez uma das razões históricas para se elucidar a existência das Bandas de Congo da região, dando lugar à afrodescendência e à africanidade brasileiras e se estabelecendo enquanto espaço e territorialidade.”¹⁶⁴ Segundo Souza, as bandas de congo refletem a resistência cultural afro-brasileira, os aspectos civilizatórios africanos relacionados à solidariedade e coletividade, assim como a ludicidade e a transmissão dos conhecimentos por meio das tradição e cultura popular são características apresentadas pelos descendentes dos quilombolas.¹⁶⁵

Diante dos argumentos apresentados anteriormente a teoria que as Bandas de Congo têm origem entre os índios se torna incerta. Observa-se no Congo Capixaba a participação, assimilação de instrumentos e contribuição de aspectos culturais dos povos indígenas na manifestação. Diante uma colonização europeia e católica de seu território este seria o modo do índio se inserir nesta sociedade. A influência das congadas na organização e apresentação desta manifestação mesmo entre bandas formadas por índios, demonstram as referências a tradição das irmandades formadas por escravos, sobretudo é evidente os diversos aspectos da tradição e cultura afro-brasileira e elementos de origem africana presentes nesta forma de expressão cultural e religiosa. Ainda falta um elo, um registro histórico oficial que menciona

¹⁶³ FERREIRA, Itagiba Cardoso. *Congo em Roda D'água*. Cariacica, 21 jan. 2017. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

¹⁶⁴ SOUZA, 2005, p. 85.

¹⁶⁵ SOUZA, 2005, p. 85.

como surgiu essa forma de expressão ou como essa cultura se desenvolveu de forma diferente das congadas, contudo podemos dizer que o Congo Capixaba é derivado das Congadas promovidas pelas irmandades religiosas e das festividades em homenagens a santos católicos como São Benedito, São Sebastião, Nossa Senhora da Penha, como também das celebrações referentes à lenda do naufrágio do navio com escravos ocorrido no litoral de Nova Almeida no município da Serra.

2.1 Características e festividades da manifestação cultural do Congo

Souza adverte sobre referências que consideram as manifestações de Congo Capixaba e da Congada como uma mesma forma de expressão, a pesquisadora faz distinção entre as manifestações:

É comum observar referências ao congo e congada como uma mesma manifestação. Todavia, quando se trata de Congo e Congada no Espírito Santo, estamos falando de manifestações distintas, em que o Congo se caracteriza diferentemente dos demais Estados cujas manifestações recebem nomes semelhantes. No entendimento das palavras, nos símbolos e significados, congo e congada são duas coisas infinitamente diferentes para os capixabas. De maneira bastante simplificada, poderíamos dizer que Congo, ou Banda de Congo, é um grupo de pessoas que se unem em torno dos tambores, tocam instrumentos, dançam e cantam melodias amorosas, religiosas ou simplesmente de brincadeira, algo caracteristicamente da cultura do Espírito Santo. Portanto não é a toa que volta e meia ouvimos a forte expressão: 'digo e repito: as bandas de congo não são congadas'.¹⁶⁶

Enquanto a Congada se caracteriza por um bailado dramático carregado de simbolismos, encenações e representações, o Congo é mais espontâneo e se manifesta por meio de cantos e danças marcadas pelo ritmo contagiante dos tambores e casacas. Tanto o congo, quanto a congada surgiram por meio de grupos ou bandas religiosas que expressam a fé e religiosidade dos praticantes, contudo, as toadas, cantigas da expressão musical do Congo, versam sobre diversos temas como amor, a vida, o meio-ambiente, a morte, homenagens a pessoas, exaltação a vida em comunidade e o trabalho no campo ou no mar. Nestes aspectos as cantigas e a expressão se desprendem da religião, exaltando aspectos da vida profana, fora do contexto sagrado.

As bandas de Congo são conjuntos formados por cerca de 10 a 25 integrantes chamados de congueiros ou de conguistas, estes são liderados por um mestre ou capitão que

¹⁶⁶ SOUZA, 2005, p. 120.

rege os instrumentistas, cantores e dançarinas.¹⁶⁷ Os instrumentos peculiares da manifestação são oriundos da tradição afrobrasileira e ameríndia¹⁶⁸, dentre eles se destacam os tambores, bumbo ou caixa, casasa ou reco-reco, cuíca, chocalho, triângulo, buzina e apito. Cada banda possui sua santa ou santo padroeiro que são representados por imagens pintadas em estandartes conduzidos em destaque por porta-bandeiras ou porta-estandartes, estas são consideradas rainhas ou princesas da banda. As bandeiras e trajes usados pelos congueiros levam as cores da banda.



FOTOGRAFIA 9 – Banda de Congo Mestre Tagibe.¹⁶⁹ Fonte: Acervo pessoal.

Algumas bandas de Congos são nomeadas em homenagem aos seus respectivos padroeiros, como Banda de Congo São Benedito (Santiago - Serra) ou Banda de Congo Nossa Senhora da Conceição (Jacaraípe - Serra), outros grupos além de homenagear os santos completam o nome seguidos pela localidade onde estão sediadas, como Banda de Congo Santa Izabel de Roda D'água (Roda D'água - Cariacica), Banda de Congo São Sebastião de Taquaruçu (Taquaruçu - Cariacica), ou Banda de Congo São Benedito de Piranema (Piranema

¹⁶⁷ SANTOS, 2011, p. 5.

¹⁶⁸ SANTOS, 2011, p. 5.

¹⁶⁹ Em um relato feito pelo mestre Tagibe em entrevista concedida ao pesquisador, ele mencionou que a devoção de sua banda era à Nossa Senhora da Penha e que as cores de sua banda eram em homenagem as cores do manto da santa, que também são representadas na bandeira do estado do Espírito Santo.

- Cariacica). Outras bandas levam no nome apenas do local que estão sediadas como Banda de Congo Unidos de Boa Vista (Boa Vista - Cariacica). Alguns grupos carregam o nome do mestre, como Banda de Congo Mestre Tagibe (Roda D'água - Cariacica) Banda de Congo Mestre Honório (Barra do Jucú - Vila Velha) e Banda de Congo Mestre Alcides (Barra do Jucú - Vila Velha), porém existem bandas com nomes distintos como Banda de Congo Amores da Lua (Santa Marta - Vitória), Banda de Congo Panela de Barro (Goiabeiras - Vitória), Banda de Congo Konshaça (Caçaroca - Serra), entre outras.¹⁷⁰

Um ensaio ou uma apresentação de Congo é chamado de puxada. As toadas executadas pelos conjuntos são compostas por melodias simples e com refrão de fácil assimilação. Os mestres de Congo são os regentes das bandas. São os responsáveis por dar continuidade à tradição desta cultura popular e através da oralidade repassam os conhecimentos para novas gerações.¹⁷¹ Lideram o grupo puxando as toadas e cadenciando o ritmo musical do Congo com apitos e chocalhos.

As mulheres no grupo cantam em coro e dançam em movimentos circulares ao som dos instrumentos. Usam trajes ornamentados e coloridos compostos por vestidos e saias longas que se abrem no bailado do ritmo ocasionando um efeito rodado preenchendo o espaço de apresentação, ora a frente da banda quando em procissão, ora em volta ou ao centro da banda quando tocam em roda. As rainhas e princesas são mulheres que tem a missão de portar os estandartes do padroeiro homenageado ou bandeiras com o nome e símbolos da banda. “O elemento especial da Rainha é que ela dança carregando a bandeira da Banda, combinado sempre ao santo ou santa a que a Banda de Congo está associada.”¹⁷² As bandeiras e mastros também tem a função de sinalizar e orientar os componentes no trajeto feito pela banda em apresentações. Macedo descreve as formas com que uma banda geralmente se apresenta:

A posição, distribuição dos tambores é um fator determinante na comunicação dos conguistas e a desterritorialização dos grupos altera significadamente essa prática. Ao se apresentarem de maneira acústica, para eles mesmos, os tambores se distribuem em forma de ‘lua cheia’. Nessa forma o campo de visão dos conguistas é completo possibilitando maior comunicação cantada e rítmica entre eles. Numa apresentação em palco, por exemplo, a preocupação é a visão do público, por isso os tambores ficam em forma de ‘meia lua’, limitando a interação dos tocadores. O repertório costuma ser pré-determinado, objetivando uma boa recepção da platéia. Não costumam utilizar muitas músicas que contenham versos e propiciem improvisos, optam pelas toadas que tenham refrãos constantes e que facilitem a compreensão dos ouvintes. Na maioria das vezes é preciso o uso do microfone o que de certa forma, individualiza as estrofes.¹⁷³

¹⁷⁰ CAPAI, 2009, p. 70-72.

¹⁷¹ SANTOS, 2011, p. 8.

¹⁷² SOUZA, 2005, p. 127.

¹⁷³ MACEDO, 2013, p. 102.

Muitos instrumentos utilizados pelos congueiros são produzidos artesanalmente pelos mestres ou mesmo pelos músicos. A produção de tambores segue etapas e até mesmo rituais que se iniciam com o corte da madeira em determinada época, pintura, retirada do couro de animais e afinação do instrumento exposto ao sol ou ao fogo.

Cada vez que o congo vai sair, ou se apresentar, acende-se uma pequena fogueira e os tambores são postos em forma de círculo; esse ritual, que aparentemente acontece apenas pela necessidade de aquecer e afinar os Tambores de Congo, está carregado de símbolos, energia e poder emanados do fogo.¹⁷⁴

Um tipo mais antigo de tambor artesanal é feito com troncos de árvore. Mestre Tagibe narrou o processo de formação de sua banda e de confecção destes tambores:

Quando eu formei a banda de Congo Mestre Tagibe eu formei com tambores de oco de pau. Esse era o sonho de meu pai, ele tinha uma recordação de uma banda que existia no tempo dos escravos, ele dizia que antes de morrer queria montar uma banda de oco de pau para deixar de herança para vocês. Aí ele não conseguiu, fez uns dois ou três tambores, mas morreu e não conseguiu. Passou uns dez anos. Aí nos reunimos meus filhos, minhas noras e falamos assim: Vamos recordar a memória do seu pai, ele sempre desejava a banda de oco de pau. Então vamos, agora é achar a madeira. Por sorte minha tinha uma árvore aqui e deu um pé de vento que derrubou ela. Aí eu serrei umas torinhas, elas já estavam começando a ocar e dali eu comecei a ocar. Dei um duro, fiquei uns quatro meses ocando aqueles paus, mas fiz. Daí formamos a banda que já vai para os seus dez anos e continua firme.¹⁷⁵

Outros tipos de tambores e cuícas são feitos com a reutilização de barris de bebidas. “O instrumento mais contagiante é o *tambor de congo* que é confeccionado com um barril sem frente e fundo com uma das partes tapadas com pele de carneiro. Os tocadores deste instrumento são os principais responsáveis pelo ritmo da banda”.¹⁷⁶ A cuíca é outro instrumento marcante no Congo, “confeccionada como um tambor de congo, mas com uma vareta fixada internamente onde se esfrega um pedaço de estopa molhada. O som da cuíca é bem grave, comumente chamado de ronco.”¹⁷⁷

¹⁷⁴ SOUZA, 2005, p. 114.

¹⁷⁵ Entrevista concedida pelo entrevistado ao pesquisador em 21 de janeiro de 2017.

¹⁷⁶ SANTOS, 2011, p. 5.

¹⁷⁷ SANTOS, 2011, p. 5.



FOTOGRAFIA 10 - Mestre Vardinho com a buzina, o chocalho e o apito, ao fundo porta bandeira, tocadores de tambores, cuíca e casacas. Fonte: Cláudio Postay.

A buzina é uma espécie de megafone de metal em forma de cone onde a voz fica concentrada, é um instrumento usado pelos mestres da região de Roda D'água para puxar as toadas.¹⁷⁸ Produzida a partir de “folha de flandres de formato cilíndrico, afunilada de um lado, onde o cantador encosta a boca e puxa o verso, e maior do outro, onde o som se multiplica ressonante e grosso. No meio há uma haste para segurar com a mão.”¹⁷⁹ O mestre que usa este instrumento por vezes é chamado de buzineiro. O chocalho é outro instrumento usado principalmente na região de Roda D'água, feito de metal de formato cilíndrico com pequenas peças de chumbo que produzem som em seu interior, alguns deles tem suas duas extremidades em formato peculiar que o caracteriza visualmente como um elemento típico da manifestação. Outro instrumento metálico por vezes presente no Congo é o triângulo.¹⁸⁰ O apito é usado pelo mestre para marcar o ritmo. “Em outros municípios, é comum o uso do pandeiro como marcação. Em outras bandas do estado, além do pandeiro, pode-se observar também o uso da sanfona e caixas.”¹⁸¹

¹⁷⁸ SOUZA, 2005, p. 99.

¹⁷⁹ MAZÔCO, Eliomar Carlos. *O Congo de Máscaras*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo/ Secretaria de Produção e Difusão Cultural. 1993. p. 41.

¹⁸⁰ FREITAS, 2005, p. 152.

¹⁸¹ SOUZA, 2005, p. 99.



FOTOGRAFIA 11 – Congueiro tocando a Casaca ao centro. Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água de 2015. Fonte: Arquivo pessoal.



FOTOGRAFIA 12 – Pequeno índio tocando a casaca. Fonte: Imagem da internet.¹⁸²

A casaca por sua peculiaridade é o instrumento típico que representa visualmente a expressão do Congo. É um tipo de reco-reco tocado geralmente na vertical, esculpido artesanalmente em madeira que simula o corpo de uma pessoa com uma cabeça no topo, o músico o segura por uma parte que aparenta ser o pescoço do instrumento. Um dos lados da parte correspondente ao corpo possui talhos transversais que lembram as costelas de uma pessoa. É tocada raspando a vareta sobre os frisos do corpo do instrumento.¹⁸³ O atrito produz um som característico, um timbre que dá individualidade ao instrumento. Uma versão lendária no estado que também é contada por alguns mestres de Congo diz que a casaca foi passada dos índios para os escravos e que os mesmos seguravam firme o pescoço do instrumento como se estivessem enforcando os senhores que lhe tivessem feito mal e tocavam como se estivessem machucando as costelas de seus patrões.

Manifestações de Congo acontecem durante todo ano, seja em ensaios nas sedes das bandas, em eventos em que são convidadas e outras apresentações públicas, porém, é nas festas religiosas que o Congo tem seu espaço e brilho próprio. Apesar de a manifestação ser uma forma de expressão cultural marcada por um estilo musical e características próprias que não dependem apenas de músicas religiosas, as principais festividades do Congo Capixaba são ligadas as origens das bandas, na missão de homenagear seus padroeiros e seus antepassados, expressado a fé e religiosidade dos praticantes em comemorações profanas, revivendo a história mítica e ritualística através das celebrações.

¹⁸² Imagem disponível em: <http://caravanaesporteartes.com.br/wp-content/uploads/2015/07/DIA_16_0746-Celia-Santos.jpg>. Acesso em: 14 de mai. 2017.

¹⁸³ SANTOS, 2011, p. 5.

Mircea Eliade descreve a relação entre as festas religiosas com os mitos em seu livro

O sagrado e o profano:

A festa religiosa é a reatualização de um acontecimento primordial, de uma 'história sagrada' cujos atores são os deuses ou os Seres semi-divinos. Ora, a 'história sagrada' está contada nos mitos. Por conseqüência, os participantes da festa tornam-se contemporâneos dos deuses e dos Seres semi-divinos. Vivem no Tempo primordial santificado pela presença e atividade dos deuses. O calendário sagrado regenera periodicamente o Tempo, porque o faz coincidir com o Tempo da origem, o Tempo 'forte' e 'puro'. A experiência religiosa da festa, quer dizer, a participação no sagrado, permite aos homens viver periodicamente na presença dos deuses.¹⁸⁴

Nas congadas há a encenação por meio de danças e cantos de duelos religiosos históricos e o triunfo do cristianismo, da conversão da corte africana, ou da história dos santos católicos é uma forma de reviver as histórias sagradas e homenagear os antepassados. Sobre as festas populares no Brasil, Antônio de Paiva Moura menciona em seu artigo:

[...] As festas são divididas em três categorias: Religiosa e Profano-Religiosa e Profanas. Sendo que a categoria trabalhada neste estudo é sobre as Profano Religiosa que são as Festas: ministradas por leigos com aprovação do sacerdote, homenageando as figuras sacras, de modo alegre e festivo: Levantamento de mastro. Bailados como congados, Folia de reis, Império do Divino, Reinado do Rosário, Pastorinha etc. [...] Festas apresentam um caráter ideológico, uma vez que comemorar é, antes de tudo, conservar algo que ficou na memória coletiva. A dramatização dos símbolos e das alegorias no interior das festas tende a justificar ou explicar uma doutrina. Há sempre uma crença a ser defendida. Toda festa tem uma longa História que aponta uma enorme quantidade de interesses espirituais e materiais, constantemente alterados no decorrer de sua existência.¹⁸⁵

Tanto Eliade quanto Moura afirmam que a festividade tem por finalidade preservar a memória de um acontecimento e os ritos presentes nas celebrações justificam esta história e a dimensiona no espaço sagrado. As festas que abordamos também neste estudo são Profano-Religiosas, organizadas por irmandades religiosas ou associações de bandas de Congo homenageados seus santos ou personagens míticos.

No Congo Capixaba, o mito ou história sagrada se apresenta no episódio de um naufrágio ocorrido na costa do estado, o milagre do livramento da morte é atribuído à intervenção de São Benedito.¹⁸⁶ Essa história mítica é à base das algumas festividades da região da Grande Vitória que recontam essa história com vários símbolos e rituais.

¹⁸⁴ ELIADE, 1992, p. 55.

¹⁸⁵ MOURA, Antônio de Paiva. Turismo e Festas Folclóricas no Brasil. In. FUNARI, Pedro Paulo; PINSK, Jaime (Orgs.) *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 38-39.

¹⁸⁶ ASSOCIAÇÃO de bandas de Congo da Serra. *Festas*. Serra: Associação de bandas de Congo da Serra, c2013. Disponível em: <<http://www.abc Serra.org.br/festas.html>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

A festa de São Benedito do município da Serra está no calendário serrano desde 1836, e segundo a tradição teve origem na lenda do naufrágio. Porém as datas estão imprecisas, pois a mesma fonte relata que o naufrágio teria acontecido em 1856.¹⁸⁷ A festa de São Benedito é realizada anualmente e atrai milhares de pessoas. Os rituais simbólicos que acontecem no festejo envolvem etapas chamadas de cortada, puxada, fincada e derrubada do mastro que simboliza o meio de salvação ao qual o santo livrou os naufragos da morte, este também sustenta e eleva o estandarte que leva a imagem do santo. O mastro é fincado no centro da festa que acontece em frente à Igreja de Nossa Senhora de Conceição, padroeira do município da Serra. Todos esses rituais são acompanhados por danças e todas são executadas por bandas de Congo.¹⁸⁸

O simbolismo religioso do mastro também se encontra no poste sagrado mencionado por Eliade em sua obra. O “poste representa um eixo cósmico, pois foi à volta dele que o território se tornou habitável, transformou-se num ‘mundo’. Daí a importância do papel ritual do poste sagrado”. O poste ou mastro representa uma coluna cósmica, uma ligação da terra com o céu, com o sagrado e o local onde se localiza o poste que representa o centro do mundo “*Axismundi*”.¹⁸⁹

A cortada do mastro é um ritual realizado em uma data específica, no primeiro domingo após o dia da padroeira da cidade.¹⁹⁰ Devotos do santo vão as matas da Serra e cortam um tronco verde que é arrastado por bois ornamentados com ramos e flores seguidos por devotos e cavaleiros ao som das bandas de Congo.

A puxada acontece no dia de Natal com uma procissão dedicada a São Benedito. O trajeto segue pelas principais ruas da cidade e é acompanhado pela réplica de um navio feito sobre um reboque ou carro de boi. O navio enfeitado de bandeirinhas coloridas carrega o mastro da festa e algumas crianças vestidas de marinheiros. A réplica da embarcação recebe o nome de Palermo, cidade italiana onde São Benedito viveu seus últimos anos, e é puxada através uma corda por fiéis pagadores de promessas. Eliade aponta que “ao imitar seus deuses, o homem religioso passa a viver no Tempo da origem, o Tempo mítico. Em outras palavras, ‘sai’ da duração profana para reunir-se a um Tempo ‘imóvel’, à ‘eternidade’.”¹⁹¹ Neste caso os Deuses são representados pelos antepassados e tempo da origem a história sagrada. Ao imitá-los nesta representação os participantes se esforçam para se aproximar de seus heróis e repetição anual

¹⁸⁷ Episódio que foi relatado na página 44 desde trabalho de pesquisa.

¹⁸⁸ ASSOCIAÇÃO de bandas de Congo da Serra, c2013.

¹⁸⁹ ELIADE, 1992, p. 23.

¹⁹⁰ O dia de Nossa Senhora da Conceição é comemorado no dia 08 de dezembro.

¹⁹¹ ELIADE, 1992, p. 55.

da festa representa o retorno às situações primordiais.¹⁹² O participante devoto da festividade “[...] sente necessidade de mergulhar por vezes nesse Tempo sagrado e indestrutível. Para ele, é o Tempo sagrado que torna possível o tempo ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a existência humana”¹⁹³.

O auge do festejo é a fincada do mastro que ocorre no dia seguinte ao natal. O mastro é retirado no navio e é fincado em frente à igreja Matriz do município. Ao som dos tambores de Congo o momento da fincada também é celebrada com a queima de fogos de artifício. A festa segue com apresentações conjuntos musicais diversos, em meio a barracas de comida e bebidas. A última etapa do festejo acontece no domingo de páscoa, quando é feita a derrubada, que é a retirada do mastro do santo do local onde ficou fincado.

Festas em outros municípios seguem rituais semelhantes em referência à lenda do navio e do mastro como na Festa de São Benedito e São Sebastião em Nova Almeida também no município da Serra. Na festa de São Benedito em Vitória. Na festa de Nossa Senhora da Penha em Vila Velha, na fincada do mastro de São Benedito na Barra do Jucu no município de Vila Velha da qual Macedo descreve a religiosidade do momento:

Ao chegarem ao local de fincada, colocam os tambores no chão em forma de círculo, enquanto os guardiões fincam o mastro em um buraco. Este é, sem dúvida, o momento mais importante da festa. Ouvem-se fogos, aplausos, risos e choros e a música não cessa. Alguns devotos aproximam-se do mastro apoiando suas mãos e fazendo orações, outros tentam a qualquer custo arrancar as fitinhas amarradas no mastro, algumas com medalhinhas de São Benedito.¹⁹⁴

Macedo também aponta o caráter popular e festivo da celebração onde o consumo de álcool se tornou uma prática comum. “Alguns conguistas inclusive mantém o costume de banhar o mastro com vinho no momento da fincada, uma espécie de oferenda ao santo”.¹⁹⁵ Porém, a prática é desaprovada pelos devotos do santo que se sentem incomodados com essa situação e apontam que o exagero no consumo de álcool provoca consequência para a difusão da manifestação e do desenvolvimento das apresentações.¹⁹⁶ “Nesse espaço expressivo de devoção e lazer por fim, o sagrado e o profano se complementam.”¹⁹⁷

Em Roda D’água em Cariacica acontece o Carnaval Congo e de Máscaras, é um festejo popular que tem a participação das várias bandas da região e outras convidadas. É realizado

¹⁹² ELIADE, 1992, p. 55-56.

¹⁹³ ELIADE, 1992, p. 47.

¹⁹⁴ MACEDO, 2013, p. 95.

¹⁹⁵ MACEDO, 2013, p. 98.

¹⁹⁶ MACEDO, 2013, p. 98.

¹⁹⁷ MACEDO, 2013, p. 97-98.

observando o calendário religioso, acontece oito dias após o domingo de páscoa, durante os festejos de Nossa Senhora da Penha, a padroeira do estado do Espírito Santo. A ligação e devoção com a Nossa Senhora da Penha vêm da época dos escravos prisioneiros de Queimados que atribuíram à fuga do cárcere a intervenção milagrosa da santa, os fugitivos formaram quilombos na região e preservaram a cultura do Congo repassando-a para as novas gerações.¹⁹⁸ A libertação dos prisioneiros é mais uma história mítica a qual os festejos em homenagem a santa comemoram a intervenção sagrada na vida dos antepassados, sobretudo celebram a fé dos praticantes na padroeira protetora.

Os mestres de Congo ressaltam em suas memórias que o Carnaval era realizado por meio de cortejo, onde os escravos fugidos se fantasiavam e tocavam tambores pelas ruas. A festa fazia alusão à Folia de Reis.¹⁹⁹

É corrente a ideia que a festa surgiu como uma recriação da celebração da festa que ocorre na paróquia do Convento da Penha, em Vila Velha, em comemoração ao dia de Nossa Senhora da Penha, padroeira do Estado. Outros tratam a festa como uma espécie de celebração anônima de escravos que fugiam das senzalas para ‘brincar o carnaval’, fantasiados com vestes que lhes cobriam o corpo.²⁰⁰

“Para alguns congueiros, o Carnaval de Congo nasceu de uma promessa a Nossa Senhora da Penha.”²⁰¹ Em tempos antigos o festejo era comemorado na localidade devido a distância e dificuldade dos moradores se deslocarem até o convento da Penha. Os congueiros seguiam tocando Congo pelas estradas de Roda D’Água visitando as casas dos moradores que os recebiam com alimentos e bebidas, foliões e mascarados brincavam pelo trajeto.²⁰²

Nos dias atuais, a festa inicia com uma procissão com imagem de Nossa Senhora da Penha guiada pelas bandas de congo que seguem para um local onde é realizada uma missa em que os cantos e louvores são acompanhados pelos sons dos instrumentos dos congueiros devotos. No período vespertino as bandas se concentram em um campo da região que recebe uma estrutura com palco, banheiros, barracas e uma capela que recebe a imagem da santa homenageada. Neste momento acontecem apresentações espontâneas que contagiam público presente com o ritmo animado do Congo. Devoção e diversão compõem a mesma estrutura cultural.²⁰³

¹⁹⁸ A história da insurreição de Queimado foi abordada na página 53 deste trabalho de pesquisa.

¹⁹⁹ SILVA, 2015, p. 162.

²⁰⁰ FREITAS, 2005, p. 58.

²⁰¹ SOUZA, 2005, p. 102.

²⁰² SÁ, apud SOUZA, 2005, p. 103.

²⁰³ SILVA, 2015, p. 163.

Transita pela festa um personagem mascarado coberto por folha de bananeira, o *João Bananeira* ou *Zé Bananeira*, o brincante é uma figura típica deste festejo. Sobre a origem do personagem, Silva menciona:

Relatos contam que um fazendeiro desejava participar do carnaval de congo, porém receava ser reconhecido, como solução ele produziu roupas de bananeira, para ir à festa e não ser reconhecido. Uma segunda versão é que os escravos se mascaravam para participarem da festa sem serem reconhecidos. Como a principal produção agrícola da região é a banana, a matéria-prima para a confecção das fantasias, as folhas da bananeira, era de fácil acesso. Por isso surge o nome do personagem João Bananeira, principal símbolo do Carnaval de Congo do município de Cariacica.²⁰⁴

O personagem folclórico do Congo de Roda D'água se tornou um ícone da cultura popular do município de Cariacica, sendo também homenageado na lei de que leva seu nome. O financiamento público da cultura no âmbito do município é regido pela *Lei Municipal de Incentivo Financeiro à Cultura João Bananeira*.

Além do momento religioso que acontece durante o dia com a procissão com a imagem da santa seguida pela realização da missa marcada por cantos religiosos acompanhados por instrumentos de Congo, no período da tarde acontece o momento profano do evento onde várias bandas se reúnem e tocam em um campo, local destinado a festa com a presença e participação de um grande público. O Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água também é composto por diversas apresentações culturais durante a tarde e por barracas montadas pela comunidade em torno do evento com venda de comidas e bebidas. A festa acontece à luz do dia, enquanto outras similares acontecem em períodos noturnos e mesmo assim atrai milhares de pessoas que saem dos centros urbanos para brincarem em contato com a natureza.²⁰⁵ “O encerramento do festejo acontece após as dezoito horas, quando todos os mestres sobem ao palco para entoarem, juntos, a música ‘Iá iá você vai a Penha’”²⁰⁶. Neste momento, em meio ao público, todas as bandas tocam juntas a principal toada do evento fechando as comemorações.

Ferreira analisa que a valorização das festas populares se deu através da expansão do turismo que fez com que os eventos se tornassem uma exposição cultural das classes populares, unindo cada vez mais a comunidade e proporcionando uma alternativa para incrementar a economia local:

As festas podem ser examinadas do ponto de vista da atividade lúdica, mas também como um acontecimento aglutinador da realidade das comunidades envolvidas, no sentido de avaliar seu potencial como formadora da cidadania, da conscientização e

²⁰⁴ SILVA, 2015, p. 163.

²⁰⁵ FREITAS, 2005, p. 62.

²⁰⁶ SANTOS, 2013, p. 320.

da participação social, porque um dos elementos mais significativos no processo de realização da festa é a transformação do indivíduo comum em protagonista daquele evento. Entretanto, o fenômeno festa tem também dois aspectos a serem examinados: como fator econômico, visto que tem dado excelentes resultados como ‘mercadoria’ para a expansão do turismo, e como instrumento privilegiado para o entendimento dos fenômenos de comunicação das classes subalternas.²⁰⁷

Nas festividades de Congo, observamos a devoção dos praticantes e os rituais estruturados como fundamentos da comemoração. Porém, a expressão cultural desta manifestação não se prende somente ao aspecto religioso. Ao homenagear os antepassados e os santos protetores, os congueiros reafirmam suas raízes como uma forma de resistência cultural e celebram a vida com música e alegria.

2.2 Preconceitos raciais e religiosos em relação ao povo negro

O Congo, assim como outras manifestações culturais ou religiosas com raízes africanas, sofre diversos tipos de discriminação que caracterizam formas de preconceito racial, social, cultural e o religioso. No livro *Negros do Espírito Santo* as autoras Carla Osório, Adriana Bravim e Leonor Santanna abordam a influências do negro na formação cultural e histórica do Espírito Santo, também utilizam a historiografia para relatarem como vivem os negros espalhados em diversas comunidades no estado, mas antes disso expõem uma ideologia de invisibilidade do povo negro na sociedade brasileira:

Os projetos político-ideológicos forjados durante o século XIX para a construção da nação brasileira tentaram, de diversas maneiras, descaracterizar a força de trabalho do negro, que durante mais de três séculos foi a principal geradora da produção e riqueza do Brasil. Seja através de teorias evolucionistas racistas, que forneceram as bases para a teoria do ‘branqueamento’ – na tentativa de eliminar progressivamente o negro da composição racial do país -, ou biológicas, que tentaram provar que o negro é raça inferior tendente ao crime, à desagregação social, à ociosidade e incapaz para o trabalho livre.²⁰⁸

Essa invisibilidade do negro e da cultura de Congo também foi abordada na pesquisa de Santos que apontou também um “silenciamento bibliográfico acerca da história e da cultura dos negros em Cariacica”²⁰⁹. Segundo ele:

²⁰⁷ FERREIRA, Maria Nazareth, Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares. *Comunicação e Informação - UFG*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 111-117, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/22807>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

²⁰⁸ OSÓRIO; BRAVIN; SANTANNA, 1999, p. 26.

²⁰⁹ SANTOS, 2013, p. 80.

Em Cariacica, a invisibilidade de negros garante a ideia da não necessidade de implementação de políticas públicas voltadas para essa parte da população. Ao mesmo tempo, ainda em decorrência desse *vazio*, vê-se uma quase total ausência de pesquisas sobre a presença de índios e negros na história e na cultura do município.²¹⁰

Em estudo sobre a revolta de Queimado, Bastos chama a atenção para o grande número de escravos na população na capital do estado e a preocupação das autoridades em relações a motins.

A situação populacional da Vila de Vitória, onde ficava o palácio do governo e a freguesia da Serra, local da revolta, esclarece ainda mais o temor das autoridades com os motins escravos. De acordo com o viajante francês Auguste Saint-Hilaire, em 1818 um terço da população dessa Vila era formado por escravos. Senso realizado em 1827 apontou um aumento dessa proporção, na medida em que nesse ano a população de Vitória era de 8.380 habitantes, sendo que 4.324 eram escravos. Ou seja, praticamente as populações escrava e não escrava eram iguais entre si.²¹¹

Observamos que essa invisibilidade apontada pelas pesquisas em relação aos povos negros e indígenas se relaciona com a preocupação das elites intelectual e econômica brasileira do século XIV e XX em manter o domínio social, que com o ideal de branqueamento da população através da política de incentivo de imigrações de povos oriundos da Europa, disseminava a ideia de superioridade racial e cultural atribuída ao povo dominante, até então o branco de origem europeia.

Para Gislene Aparecida dos Santos, “O racismo é uma ideologia e, como tal, também foi concebido como uma estratégia de poder em acordo com as expectativas de parte de uma determinada sociedade.”²¹² Em seu artigo, ela aborda as sensações provocados pela cor negra e que esses sentimentos construíram um discurso que influenciou na ideologia racista, afirmando que “[...] no ocidente o negro encontra-se frequentemente associados às conotações pejorativas.”²¹³ Dentre algumas de suas análises ela aponta que “Os europeus enxergavam o preto como marca do mal e da depravação humana [...]”²¹⁴, que esse mal personificado na figura demoníaca também era representado no imaginário europeu pela cor negra, segundo ela, o mundo demoníaco era simbolizado com um diabo quase sempre pintado de preto, e entre os

²¹⁰ SANTOS, 2013, p. 81.

²¹¹ BASTOS, Fabíola Martins. *Relações sociais, conflitos e espaços de sociabilidades: formas de convívio no município de Vitória*. 2009. 204 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008. p. 32.

²¹² SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Selvagens, exóticos, demoníacos: ideias e imagens sobre gente de cor preta. Estudos afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 275-289, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n2/a03v24n2.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2015.

²¹³ COHEN, 1980 *apud* SANTOS, 2002, p. 278.

²¹⁴ COHEN, 1980 *apud* SANTOS, 2002, p. 278.

medievais europeus, Satã era chamado de Cavaleiro Negro e de Grande Negro²¹⁵, e em relação a cor da pele, “[...] ter cor de terra, significa, de acordo com o pensamento neoplatônico, ser equivalente ao mineral, ser de natureza inferior e estar distante da perfeição e divindade.”²¹⁶ Interpretação essa que juntamente com a natureza quase selvagem do povo que não vivia em uma civilização organizada pelo conhecimento escrito e de relações comerciais, assim como na ausência de uma crença em um Deus antropomórfico apoiaram teorias para o dominante justificar a escravização de seres inferiores, que no cativeiro “[...] quanto mais obedientes e servis fossem, mais próximos da salvação estariam.”²¹⁷

Para Vilhena, essa associação depreciativa com a cor negra também acontece nos dias atuais, segundo ela, “[...] em nosso imaginário social, o negro sempre esteve associado ao que é ruim, refletindo se mesmo na linguagem: a coisa está preta, humor negro, um futuro negro e etc.”²¹⁸

Se no imaginário do branco europeu da era das grandes navegações o desconhecido provocava fascínio e era habitado por seres fantásticos, o africano era considerado um povo exótico pelas diferenças não só da pele, mas também culturais e religiosas. Para esse ocidental a cor negra representava medo e horror, enquanto na mesma época a cor branca para os bacongos na África representava a morte e a ligação com um mundo do além que era sagrado para esse povo como citado anteriormente²¹⁹ por Mello e Souza, ocasionando diferentes formas de enxergar o outro.

A introdução do cristianismo aconteceu nos primeiros contatos dos navegadores com o povo africano. A boa receptividade dessa religião pelos negros também se deu em relação à interpretação de que os brancos viessem de um mundo sagrado além das águas e fez com que os líderes africanos adotassem essa nova religião como uma fé mais poderosa, entretanto não abandonaram por completo suas crenças, mas a combinaram com suas tradições,²²⁰ que de certo modo foram aceitas na época por clérigos também interessados no expansionismo da religião e do poder de influência da igreja.²²¹

Décadas depois da difusão das relações comerciais e políticas com o território africano, a consolidação do cristianismo como religião do reino do Congo fez com que a igreja católica

²¹⁵ SANTOS, 2002, p. 278.

²¹⁶ SANTOS, 2002, p. 278-279.

²¹⁷ SANTOS, 2002, p. 286.

²¹⁸ VILHENA, Junia de. A violência da cor: Sobre racismo, alteridade e intolerância. *Revista Psicologia Política*, UFMG, Belo Horizonte, v.6, n. 12, p. 1-20, 2006. Disponível em:

<<http://www.fafich.ufmg.br/rpp/seer/ojs/viewarticle.php?id=7&layout=html>>. Acesso em: 04 set. 2015.

²¹⁹ Estudo mencionado na página 35 desta pesquisa de dissertação.

²²⁰ MELLO E SOUZA, 2002, p. 72.

²²¹ THORNTON, apud MELLO E SOUZA, 2002, p. 68.

mudasse sua postura de aceitação em relação às crenças e cultos tradicionais. O que ocasionou um processo de demonização desses rituais e de elementos pertencentes à cultura afro também presentes em rituais religiosos.

O processo de demonização sobre Exu remonta ao século XV momento histórico em que os colonizadores europeus chegaram em terras africanas e estranharam a forma como Exu se apresentava e sua representação. A apresentação deste Orixá da comunicação em estilo descontraído, provocador, brincalhão, sensual e a representação em forma de falo ereto não foi entendida dentro do contexto africano no qual a simbologia remetia à fertilidade e à fecundação da terra abrangendo o reino vegetal e animal; fertilidade e fecundação que garantiam a vida. Essas características foram invertidas e utilizando do sincretismo fizeram com que o Exu dos iorubás fosse erroneamente relacionado com o diabo cristão. E outros sincretismos foram operados com os outros orixás. (...) Na sincretização favorecedora da demonização, é atribuída a Exu a responsabilidade pelo desequilíbrio, pela imoralidade, pela perversão ou seja na divisão entre o bem e o mal operada pelos cristãos, o Exu corresponde ao anjo decaído, é a personificação do mal.²²²

Essa perseguição religiosa pela sociedade escravista brasileira fez com que os negros escravizados envolvessem suas crenças em um sincretismo religioso para que mantivessem suas tradições neste sistema dominante, de modo semelhante os cristãos fizeram na Europa pagã do início da era cristã. Relação esta observada por Chinelli:

O sincretismo religioso é um movimento no qual um sistema de crença absorve ou influencia mudanças em outro. O cristianismo fez isto com as religiões pagãs da Europa, absorvendo e adaptando conceitos de acordo com os interesses da Igreja. E onde os negros trouxeram da África suas crenças e as adaptaram ao cristianismo regente no Brasil, mudando nomes e imagens para continuarem adorando seus deuses.²²³

Essa demonização atribuída à cultura e religiosidade africana transpassou o tempo e continua presente na sociedade atual, sendo principalmente propagada por religiões cristãs de linha pentecostal e neopentecostal. Na ideologia pregada por essas igrejas, todas as pessoas estão sujeitas a prosperidade, porém o impedimento desse fator seria atribuído uma possível ação diabólica, chamada de encosto, termo de ataque e referência às religiões afro-brasileiras.²²⁴

²²² LIMA, Daniel Torquato Fonseca de; FONSECA, Ivonildes da Silva; FERNANDES Paula Maria. Desmontando a demonização sobre as religiões afrobrasileiras. In: V COLÓQUIO NACIONAL DA AFIRSE - Seção Brasileira, 2011, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 2011, p. 1-7. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/12319557-Desmontando-a-demonizacao-sobre-as-religoes-afrobrasileiras-daniel-torquato-fonseca-de-lima-ivonildes-da-silva-fonseca-paula-maria-fernandes.html>>.

Acesso em: 01 mai. 2017.

²²³ CHINELLI, Juliana de Jesus. Reflexão sobre a observação das práticas religiosas como expressões de identidades culturais. *Unitas – Revista Eletrônica de Ciências das Religiões*, Vitória, v. 2, jul.-dez. p. 44-60, 2014. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/view/141>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

²²⁴ LIMA; FONSECA; FERNANDES. 2011, p. 3.

“O ‘encosto’ na ressignificação feita pela IURD remete de forma depreciativa às entidades espirituais do panteão africano e a mais enfatizada é Exu que tem as suas características invertidas e erroneamente relacionada com o diabo cristão.”²²⁵ Entretanto, a própria Igreja Universal do Reino de Deus se apropriou de elementos das religiões afro-brasileiras, em processo descrito por Oro como religiofágico, onde “construiu seu repertório simbólico, suas crenças e ritualística incorporando e ressemantizando pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários.”²²⁶

Silva aponta que nos programas religiosos promovidos pelas religiões neopentecostais veiculados nos meios de comunicações exibem reconstituições ou dramatizações onde os “símbolos e elementos de religiões afro-brasileiras são retratadas como meios espirituais para a obtenção unicamente de malefícios: morte de inimigos, disseminação de doenças, separação de casais ou amarração amorosa, desavença na família.”²²⁷ Que esse ataque à religiosidade afro-brasileira é encarada como uma batalha espiritual, de forma que reconhecem a existência das divindades, “embora sejam ‘na verdade’ ‘espíritos demoníacos’ que enganam e ameaçam o povo brasileiro.”²²⁸

A intolerância religiosa nos casos expostos se dá pelo desconhecimento e não reconhecimento das crenças diferentes daquelas que os cristãos professam numa visão de universo monoteísta, onde não se admite a existência de outras divindades, e fechado ao diálogo inter-religioso. O discurso de demonização provocou um antagonismo das religiões de matriz africana na sociedade brasileira cristã, refletido em ataques, discriminações e desrespeitos às crenças e seus praticantes. As deprecições da religiosidade africana e afro-brasileira por cristãos desde períodos antigos aos dias atuais relacionavam equivocadamente essas crenças a rituais de feitiçaria ligadas ao uso de ervas e bebidas fortes, sacrifício de animais, a incorporação de espíritos e entidades consideradas demoníacas e culto a várias divindades, em oposição ao monoteísmo cristão. Mesmo elementos característicos culturais africanos como o vestuário e a musicalidade foram afetados por preconceitos com associações às práticas religiosas discriminadas.

²²⁵ LIMA; FONSECA; FERNANDES. 2011, p. 3.

²²⁶ ORO, Ari Pedro. Intolerância religiosa Iurdiana e reações afro no Rio Grande do Sul. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religiosa afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 33.

²²⁷ SILVA, Vagner Gonçalves. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana*, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.207-236, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v13n1/a08v13n1.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2015.

²²⁸ SILVA, 2015, p. 217.

Recentemente movimentos de luta e afirmação do povo negro promovem diálogos, reflexões e ações que valorizam suas raízes e identidade cultural. Esses grupos também exigem políticas públicas que promovam condições de acesso aos negros a universidades e oportunidade em concursos públicos diante das desigualdades de formação decorrente à situação social e econômica. Ações afirmativas como essas promovem transformações de caráter político, cultural e pedagógico em diversos setores como na educação, saúde, mercado de trabalho, cargos públicos e políticos, setores em que a exclusão e discriminação de grupos sociais ou étnico-raciais são mais evidentes e necessitam ser superadas.²²⁹ Munanga explica que “as ações afirmativas constituem-se em políticas que visam à promoção ativa da igualdade de oportunidades para todos, criando meios para que as pessoas pertencentes a grupos socialmente discriminados possam competir em mesmas condições na sociedade”.²³⁰

2.3 Preconceitos religiosos na cultura de Congo

As características da expressão cultural do Congo Capixaba, com a forte musicalidade marcada por tambores e danças circulares, assim como o uso de vestes compostas por saias longas e rodadas, fez com a manifestação fosse associada por muitos espectadores desconhecedores da cultura e mesmo de outras religiões como um ritual religioso de matriz africana.

É bastante comum o estabelecimento de relação entre o congo e as religiões de matriz africana, sendo essas manifestações, em muitos momentos, consideradas como sinônimos. Esse fato gera, por um lado, uma imagem negativa dos membros das bandas para grande parte das pessoas, sobretudo para as que professam fé em religiões protestantes e, por outro, a insatisfação dos praticantes do congo que não querem ser confundidos com os ‘macumbeiros’.²³¹

Como analisado por Santos, esta associação preconceituosa causou incomodo até mesmo entre os congueiros católicos. Para Roldi, a reinserção do Congo em festas religiosas promovidas pelas igrejas católicas reduziu os preconceitos religiosos na comunidade da Barra do Jucu em Vila Velha.

²²⁹ MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil de Hoje: Histórias, Realidades, Problemas e Caminhos*. São Paulo: Global: Ação Educativa, 2006. p. 123.

²³⁰ MUNANGA, 2006, p. 123.

²³¹ SANTOS, 2015, p. 74.

As depreciações aos congueiros, que foram por muitos considerados como macumbeiros, só diminuíram quando o congo se aproximou da fé católica e passou a ser a grande atração nas festas religiosas da igreja Nossa Senhora da Glória, no centro do bairro Barra do Jucu. Por ser oriundo de segmentos historicamente excluídos e considerados às margens da sociedade, índios e negros, o congo sempre foi depreciado, excluído e rotulado como coisa de preto, pobre e macumbeiro.²³²

Ricardo Alves Sales, 31 anos, branco, mestre de Congo da banda *Amores da Lua* do bairro Santa Marta em Vitória, me recebeu em sua casa que também é sede, local onde a banda ensaia, guarda seus instrumentos e adereços. Assim como outros mestres, também teve o contato com a manifestação desde criança por influência da família, principalmente dos avôs que foram os fundadores da banda. Entretanto, Ricardo relatou que aconteceram conflitos na família em relação à sucessão na banda após o falecimento do avô, que era então o mestre. Apesar das dificuldades acabou assumindo a continuidade da tradição familiar e cultural da banda do bairro. Afirmou que sempre seguiu a religião da Umbanda assim como sua família. Ao ser questionado se sua espiritualidade exerce alguma influência no Congo de sua banda, ele responde:

Acho que tudo! As pessoas não conseguem entender nem decifrar. Congo não é incrível! Acho que o Congo é uma religião. De uma devoção sim, forte por São Benedito que a gente retrata nos nossos estandartes, nas nossas camisas, então São Benedito é tudo, ele vivo, na minha banda, na minha origem que eu aprendi é isso! É o São Benedito, é o São Sebastião, é a Nossa Senhora da Penha e a Nossa Senhora da Conceição, é o São Pedro, é o Santo Antônio.²³³

Perguntei se essas referências católicas faziam alguma relação com o sincretismo da Umbanda. Ele respondeu que não adiantava esconder as referências da Umbanda, nos lugares onde dançava e se apresentava as pessoas perguntavam, e as que conheciam as religiões de matriz africanas conseguiam decifrar os elementos. Segundo o mestre, o visual da banda, da decoração dos estandartes aos uniformes é criação dele na tentativa de retratar sua imaginação, que a banda antiga usava trajes simples, mas ainda na época que o seu avô era o mestre, começou a criar os trajes das rainhas e das princesas e que as vestes da Umbanda influenciaram no visual dos trajes de suas conguistas.

Ao ser perguntado se ao cantar músicas para São Benedito ou São Sebastião, ele se remete a entidade da Umbanda que os santos representam ou aos próprios santos. O mesmo

²³² ROLDI, Ana Paula Dias Pazzagli, *A Educação Ambiental nos encontros do Congo com os cotidianos escolares de uma Escola Municipal da Barra do Jucu, Vila Velha, ES*. 2014.138 f. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, 2014. p. 29.

²³³ SALES, Ricardo Alves. *História do entrevistado com a cultura de Congo e preconceitos em relação à manifestação popular*. Vitória, 20 fev. 2017. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

afirmou que neste momento se remete apenas ao santo, que em relação ao Congo ele não faz esse sincretismo, complementando que Congo para ele é energia.

O entrevistado usou muito o termo conguista para designar os praticantes do Congo, afirmou que a banda é formada por integrantes de diversas cores e classes sociais, que esses membros seguem várias religiões, mas que todos sabem dos elementos e referências em relação à Umbanda. Os católicos romanos são discretos e respeitam suas criações, também tem umbandistas, candomblecistas e espíritas em seu grupo. Perguntado se evangélicos já participaram da banda ele respondeu que tem componentes que acreditam e até frequentam religiões evangélicas, mas que na banda eles não discutem a crença dos membros e o que prevalece é a fé e devoção do Congo.

Eu tento não misturar, acho que o Congo é o Congo e a minha religião é minha religião. Algumas bandas você já vê que usam guias de centro, aqui não usa, usamos bastante colar e bijuterias. Saias de ciganas, de pomba-gira, tem pessoas que se fantasiam de mãe de santo e vão para lá dançar o congo, o Congo já é discriminado pelo povo que não sabe o que é cultura e não sabe respeitar o direito do próximo, então o Congo já é discriminado com um terreiro de Umbanda, porque as dançarinas usam uma sai armada, sai rodada, uma bata de renda, tem umas que querem amarrar um pano, botam bastante colar, bijuterias, tem o tambor que bate. Aqui eu ouço isso: Ali é um centro de macumba, um monte de saia.²³⁴

Ao perguntar se já sofreram algum tipo preconceito em apresentações. Mencionou que uma vez ao se apresentarem em uma faculdade para um trabalho desenvolvido por alunos, uma estudante que estava assistindo se aproximou de uma dançarina e falou para dar para ela uma dessas guias de macumba para ela arrumar alguém. Disse que ficaram chateados com a situação. Também já sofreram preconceito com olhares e resistências de professores em escolas que já desenvolveram projetos.

Entretanto em meio às críticas de algumas pessoas, afirmou que a banda é bem amada e bem aceita pela comunidade, que foi fundada no bairro em 1945 e que mesmo sem apoio público promovem o festejo popular de São Benedito na comunidade com a cortada, puxada e fincada de mastro em procissões que seguem pelas ruas do bairro ao ritmo dos tambores da banda de Congo. Relatou também que nos últimos anos estão sendo convidados pela igreja católica nas festas religiosas.

Mestre Tagibe, 68 anos, negro, já citado anteriormente, me recebeu em sua residência que também é o local onde a banda se reúne para ensaiar e tocar, diz que começou a tocar desde os 10 anos de idade, que aprendeu com sua família, principalmente com seu avô e seu pai que

²³⁴ SALES, 2017.

eram mestres de Congo. Afirmou que o ritmo de Congo da sua região não sofreu muita variação desde suas lembranças mais antigas permanecendo basicamente com as mesmas características, porém houve a assimilação da casaca, por influência do Congo da Serra, este instrumento substituiu o uso do reco-reco, também houve a inserção do triângulo, instrumento de percussão, nas bandas. Após 45 anos como membro da banda Santa Isabel, resolveu formar uma nova banda para dar oportunidade aos jovens que se interessavam em participar do Congo, visando à formação de uma nova geração de congueiros. Atualmente sua banda principal tem 20 participantes e a banda mirim conta com 16 componentes.

Segundo o mestre, o nome de Santo nas bandas era devido ao fato que os escravos não podiam se reunir para tocar e praticar suas raízes culturais e adotaram o nome dos santos para que tivessem autorizações da igreja e da sociedade em meio à perseguição. Ao ser questionado se não existe vínculo religioso com a manifestação, ele respondeu:

Sim, tem um vínculo religioso, você vê que são comemorados São Benedito, Nossa Senhora da Penha, São Sebastião, são os santos mais comemorados com o Congo, são padroeiros do Congo da região e o Congo faz parte desta comunidade e dá o nome. Agora, esse nome ficou no passado, porque hoje já tem banda Mestre Tagibe, Mestre Alcides, então as coisas estão mudando, desvinculado.²³⁵

O mestre afirmou ser católico e que todos os membros de sua banda também eram católicos. Perguntei se sua banda aceitaria membros de outras religiões, naturalmente ele disse que sim, que não haveria problema, pois, o Congo era uma cultura popular. Ao ser questionado se já havia algum tipo de preconceito em relação à cultura do Congo, ele disse que no passado existia preconceito racial, em relação à cor dos congueiros, e que alguns brancos não gostavam de ver os congueiros tocando. Ao ser questionado se existia relação do Congo com alguma religião afro, o mestre disse que nunca percebeu, e que a influência na manifestação é da igreja católica. Ao ser questionado se existia algum ritual religioso na apresentação, ele disse que não, que já se reúnem e apresentam suas toadas, só nos momentos finais que cantam músicas religiosas em agradecimento aos santos pela apresentação.

O mestre define o Congo como uma cultura. Disse que já deu palestras e participou de apresentações em escolas, que os meninos gostavam, mas alguns pais retiravam as crianças dizendo que o filho não iria participar porque isso era macumba. Com isso, ficou muito sentido e magoado se afastando deste tipo de trabalho em escolas.

²³⁵ FERREIRA, Itagiba Cardoso. *História do entrevistado com a cultura de Congo e preconceitos em relação à manifestação popular*. Cariacica, 21 jan. 2017. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

Osnília Meireles, 51 anos, se declara parda de pele morena, professora e integrante da banda de Congo São Benedito de Piranema do município de Cariacica, em entrevista realizada em sua residência, a mineira explicou como foi seu primeiro contato com a cultura de Congo no estado do Espírito Santo:

Eu conheci o Congo há uns trinta anos, era adolescente, morava próximo a casa dos líderes da banda de Congo, eu ouvia da minha casa os sons dos atabaques e na minha falta de cultura pensava: Puxa, hoje tem macumba lá! Com o tempo eu fui aprendendo que não era macumba, que aquilo era uma dança, eles batiam o tambor e cantavam.²³⁶

Questionada por que fazia relação do Congo com macumba, ela respondeu:

Por causa dos atabaques, mas com o tempo fui achegando, fui me aproximando da banda. Um integrante me incentivou a participar da banda de Congo. Aí eu comecei a participar com eles, o meu amor pelo Congo nasceu daí, da minha busca para saber o que era e o interesse por aquelas pessoas tão simples, mas com tanta sabedoria.²³⁷

A mesma relatou que não observa religiosidade e devoção na banda no momento que os congueiros tocam ou se apresentam. Sendo questionada se os integrantes se preocupam com a religião neste momento ela respondeu:

Estão nada, eles se preocupam em tocar e dançar. Muitos deles são muito católicos. Aqui na nossa banda sempre que a gente vai começar uma reunião rezasse o Pai Nosso a Ave Maria e todo mundo reza. É só uma oração e pronto e acabou. A banda tem o nome de Santo por que é um santo negro.²³⁸

Perguntei se na banda havia algum congueiro de alguma outra religião.

Não, pentecostal ou evangélico não. Quem é dessa religião não frequenta o Congo. Os que se convertem a essas religiões, pela questão religiosa, deixa a cultura de lado, continua gostando do Congo, mas por causa da igreja ele sai por que o Congo tem relações com o atabaque, o tambor, elementos da cultura afro que também se remetem e estão presentes no Candomblé e na Umbanda, aí ele acaba saindo esquecendo suas raízes.²³⁹

Também perguntei sobre algum praticante de religião espírita ou afro-brasileira.

Visível não, o próprio espírita ou de religião afro não se apresenta enquanto sua religião porque tem medo de sofrer preconceito. Agora que tem gente dentro das bandas que são ligadas ao Candomblé tem, mas na banda não tem a presença dessa religiosidade. Quem é católico fala, enquanto tem gente que frequenta a Umbanda ou

²³⁶ MEIRELES, Osnília Avelar. *História da entrevistada com a cultura de Congo e preconceitos em relação à manifestação popular*. Cariacica, 14 jan. 2017. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

²³⁷ MEIRELES, 2017.

²³⁸ MEIRELES, 2017.

²³⁹ MEIRELES, 2017.

Candomblé, mas não se identificam com medo de represália dos próprios integrantes da banda.

Ao ser indagada se poderia ser feita uma música homenageando outra religião no ritmo de Congo e se mesmo assim seria considerado Congo, ela explica:

Pode! Seria sim. Porque é o cotidiano. O congo não se remete apenas a cantigas religiosas, também tem cantigas de amor, de homenagem, do cotiado do trabalho, na roça, na lida, à natureza.²⁴⁰

Analisando as falas dos mestres de Congo e da praticante congueira vemos diferentes formas de interpretação da manifestação cultural. O jovem mestre de Congo de Vitória transporta toda sua religiosidade e devoção também aos santos católicos para sua prática cultural e cria um visual diferenciado para sua banda inspirado por elementos Umbandistas. Já o antigo mestre de Roda D'água, apesar de sua religiosidade católica, considera a manifestação, sobretudo como uma expressão da cultura popular repassada por antepassados. Igualmente a congueira interpreta a manifestação como uma expressão cultural e que no momento de apresentação dos cantos e danças a diversidade dos praticantes é o elemento principal.

Santos faz uma análise em sua pesquisa sobre a associação das bandas de Congo na Barra do Jucu com religiões afro-brasileiras. Enquanto componentes umbandistas não diferenciam o Congo da prática religiosa, os católicos buscam o distanciamento dessa imagem e a aceitação da expressão cultural pela comunidade.

Nas bandas de Congo da Barra do Jucu há manifestações contrárias a essa associação. Entretanto, em uma das bandas há pessoas que se declaram 'espíritas' e que possuem proximidade com a umbanda. Nesta banda, não se busca, com tanta veemência, uma diferenciação entre o congo e as religiões afro-brasileiras. Na outra banda, ao contrário, foi notada uma tentativa incisiva de identificação com a Igreja Católica. Na interpretação dos pesquisadores, essa tentativa é em decorrência da busca pelo distanciamento de quaisquer possibilidades de associação do congo com a umbanda ou com o candomblé. A preocupação dessa segunda banda – e, em escala menor, também na primeira – é a melhoria da imagem que possuem dentro da comunidade onde ela está inserida que, certamente, se mostra intolerante às religiões de matriz africana.²⁴¹

Para verificar se esse preconceito religioso era recorrente entre os participantes de Congo, entrevistei alguns congueiros, artistas e produtores culturais na festa do Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água em Cariacica no ano de 2016, dentre os entrevistados, o ator e produtor cultural Hudson Braga de 50 anos, identificando sua pele como parda, foi

²⁴⁰ MEIRELES, 2017.

²⁴¹ SANTOS, 2015, p. 74-75.

coordenador da equipe dos mascarados, que faz o simbolismo do personagem João Bananeira no festejo. Disse participar na festa desde sua adolescência e, anos depois, começou a se envolver profissionalmente com a festa enquanto artista. Afirmou que a festa no passado não tinha essa característica, era uma procissão que seguia pela região e com o tempo a festa foi ganhando dimensão de evento. Contou algumas versões lendária da origem do personagem João Bananeira. Segundo ele a figura folclórica teve vários nomes como Zé Bananeira, Tião Bananeira, Manel Bananeira e Maria Bananeira com a introdução das mulheres na brincadeira que se tornou a maior expressão da cultura popular de Cariacica. Ao ser questionado se já tinha observado algum tipo de preconceito em relação à cultura de Congo, ele respondeu:

Muito. Isso aconteceu ontem inclusive. A gente estava na dependência de formar toda a equipe e um dos nossos participantes, nossos atores que viriam, que estava tudo acertado para vir participar com a gente, eu recebi uma ligação às 22 horas dizendo que o pai havia proibido, fomos buscar informação do porquê e descobrimos que o pai é evangélico. Então assim, esse preconceito, essa diferenciação, não saber lidar com o diferente, a gente passa por isso direto, as pessoas não conseguem entender que a expressão do congo ela pura e simplesmente é a continuidade de uma tradição que começou lá trás. As pessoas aqui não tinha acesso às igrejas e às religiões, elas cultivavam a sua crença, a batida de tambor, seu congo, sua casaca, eles próprios confeccionavam, então estas indumentárias e essa forma de fazer essa reverência a uma divindade como Nossa Senhora da Penha, isso ainda provoca, ainda na igreja católica, inclusive com membros da igreja católica, muitos ainda atribuem isso a uma afronta a divindade de Nossa Senhora de Penha, então esse preconceito precisa ser quebrado, por que se a gente não conseguir...É uma retórica que a vem batalhando há muitos e muitos anos e décadas a fio com um monte de historiadores e artistas. Se não houver uma tolerância com relação às diferenças, seja ela de credo, de cor, de raça, de religião, a gente vai continuar tendo que conviver. E aí umas pessoas lidam bem com isso, eu lido tranquilamente com isso, eu não tenho nenhum problema em lidar com essa questão do preconceito e discriminação, com relação a festa, com relação à religiosidade e também com relação à raça. A mistura das pessoas que estão aqui, inclusive de condição social ela é muito grande, então quem tá aqui, acredito que consiga trabalhar essas diferenças, outras pessoas inclusive tentam e tentam acabar com essa tradição, com essas festas, com esse movimento desta população aqui desta região. Não vão conseguir. Porque é muito mais forte que qualquer preconceito e discriminação.²⁴²

Adenis Luiz Ramos, 47 anos, de pele negra, é mestre de Congo da banda de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário há 3 anos e herdou a função de seu pai, Domingos Ramos, fundador do conjunto. Com mais de 60 anos, a banda é sediada no bairro de Pitanga no município da Serra. Contava com cerca de 30 integrantes, mas atualmente possui cerca de 15 membros. Perguntado se já havia observado algum preconceito a respeito da cultura de Congo o mesmo respondeu:

²⁴² BRAGA, Hudson. *Personagem do João Bananeira e preconceito em relação ao Congo*. Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água de 2016. Cariacica, 04 abr. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

Já e muito! Muitos pensam que o Congo é centro espírita. Tem muitas igrejas que não aceitam as bandas de Congo. Lá no meu bairro o padre não aceitava, agora que ele aceitou. O preconceito acontece quando a gente sai em alguns lugares recebem bem em outros não. Eu não esquento não, mas alguns integrantes se sentem constrangidos, tem vergonha de assumir que são congueiros.²⁴³

Paulo César Vieira Graça, 43 anos, se identifica como negro, e é filho do mestre Orival Graça. Disse que a banda São Sebastião de Taquaruçu do município de Cariacica possui atualmente cerca de 20 membros e existe há 25 anos e participa dela há 10 anos. Afirma que nunca sofreu preconceito por ser congueiro, mas que outros integrantes sim. Indagado que tipo de preconceito já relataram ele explica: “Falam que Congo é coisa de macumba, coisa de negro.”²⁴⁴ Perguntado como poderia ser combatido o preconceito ele respondeu: “Começando dentro das escolas, os próprios professores e pais em casa ensinando que o Congo é uma cultura.”²⁴⁵

Lucas Ribeiro Barbosa Rodrigues, 20 anos, negro, contramestre da Banda Konshaça, do bairro Caçaroca da Serra, diz que a função de contramestre é assumir a liderança da banda na ausência do mestre na apresentação. Afirmou que a banda tem dois padroeiros, São Benedito e Nossa Senhora da Conceição. A banda possui cerca de 45 integrantes sendo 12 dançarinas. Ao ser perguntado se já havia observado algum tipo de preconceito em relação à banda de Congo ou aos congueiros, ele respondeu:

Sim. Muitos preconceitos devido as nossas vestiduras, sobre as dançarinas, os nossos instrumentos, então as pessoas tem um pouco de preconceito, dizem até que é macumba, não querem ficar na beira nossa, dizem que nós somos da África.²⁴⁶

Ao ser perguntado se os integrantes praticam outras religiões, ele afirma que todos são católicos. Diz que o preconceito que observou é tanto religioso quanto racial e que os preconceitos são mais visíveis nas festas:

À medida que o Congo vai passando alguns entram no meio da banda Congo para dançar, para brincar com a gente, outros se retiram, abaixam a cabeça, não querem ficar em nosso meio. Também visitamos escolas, e também tem muito preconceito, mais na parte do ensino médio, no ensino fundamental, no CMEI, ainda não tem isso, as crianças não tem. No bairro todos aceitam, a nossa região de Serra Sede, a maioria são católicos, então aceitam o Congo, aonde não tem festa e não tem banda de Congo é um pouco mais complicado, mas aonde tem aceita bem. Muitos conhecem a cultura

²⁴³ RAMOS, Adenis. *Preconceito em relação ao Congo*. Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água de 2016. Cariacica, 04 abr. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

²⁴⁴ GRAÇA, Paulo César Vieira. *Preconceito em relação ao Congo*. Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água de 2016. Cariacica, 04 abr. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

²⁴⁵ GRAÇA, 2016.

²⁴⁶ RODRIGUES, Lucas Ribeiro Barbosa. *Preconceito em relação ao Congo*. Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água de 2016. Cariacica, 04 abr. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

do Congo gostam, mas aqueles que não conhecem a cultura, vem de outros estados prá cá, e lá talvez não tem banda de Congo, Congada ou algum tipo dessa cultura, eles estranham. Para quebrar os preconceitos é preciso conhecer a banda de Congo, saber da história, como ela foi fundada, de onde surgiu, porque de seus instrumentos. Primeiro tem que saber para depois falar e até mesmo julgar. Educação em primeiro lugar e ter que respeitar.²⁴⁷

Jamilda Melo, 53 anos, negra, professora de história e integrante da Banda de Congo Panela de Barro de Goiabeiras Velha -Vitória, devota de São Benedito e Nossa Senhora de Conceição, disse que a banda é formada por 42 integrantes. Ao ser questionada sobre o preconceito em relação à cultura de Congo ela respondeu:

Algumas vezes a gente escuta algumas falas que são recorrentes dizendo que Congo está relacionado com macumba, às vezes de uma forma inadequada, que macumba é um instrumento que é usado por uma pessoa que é chamado de macumbeiro, então associou-se chamar de macumbeiro todo mundo que é adepto do Candomblé e a Umbanda, de uma forma até distorcida, mas as vezes as pessoas dizem: Ah isso é coisa de macumba! E aí tem esse preconceito.²⁴⁸

Ao ser questionada se ela vê alguma relação entre a cultura de Congo e as manifestações religiosas de origem africana, ela respondeu:

Sim, a gente tem algumas cantigas que remetem a alguns símbolos do candomblé e da Umbanda: A sereia, o próprio mar, porteira, Iemanjá, algumas músicas que fazem parte do cotidiano das pessoas que professam a fé no Candomblé e da Umbanda que estão presentes nas nossas cantigas. Alguns integrantes da banda são umbandistas, benzedeiras, eu sou católica, mas cresci indo atrás de embalo do Congo e sendo benzida pela minha tia, então nós que somos católicos transitamos bem entre estes territórios. A maioria dos congueiros da nossa banda são afrodescendentes, temos dois brancos, este é nosso modo de estar perante a vida, cantando e dançando congo. A questão religiosa às vezes se sobrepõe. Somos devotos de São Benedito a questão da expressão cultural, da ludicidade está presente no nosso CD que é brincar o Congo no Espírito Santo, mas não tem sentido tocar tambor para nada, a gente toca o tambor em louvor aos santos.²⁴⁹

Para completar afirmou que para combater os preconceitos existentes em relação à cultura de Congo e ao povo negro é preciso que as escolas trabalhem efetivamente as leis que versam sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Além dos preconceitos raciais e religiosos verificados através das entrevistas e pesquisas, observamos também preconceitos sociais e culturais em menções que atribuíam a pratica do Congo a pessoas pobres e pouco instruídas, de áreas de periferia ou rurais, desvalorizando ou inferiorizando suas produções. O Congo como expressão da cultura popular

²⁴⁷ RODRIGUES, 2016.

²⁴⁸ MELO, Jamilda. *Preconceito em relação ao Congo*. Carnaval de Congo e Máscaras de Roda D'água de 2016. Cariacica, 04 abr. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

²⁴⁹ MELO, 2016.

é criado pelo povo de origem simples em oposição alta complexidade técnica da criação cultural erudita. A elite acadêmica e a social brasileira tendem a “priorizar a ‘civilização ocidental’, por sua escala de modernização’, ‘tecnificação’, ‘produtividade’, ‘lucratividade’”²⁵⁰, assim como seus valores culturais e eruditos.

[...] durante muito tempo, a ideia de uma identidade cultural não foi devidamente problematizada no campo das ciências sociais, pois havia o confronto entre a cultura popular e a cultura erudita, acreditando-se que a segunda por pertencer às classes dominantes, deveria predominar sobre a primeira.²⁵¹

A falta de projeção e destaque da manifestação e festividades do Congo nos meios de comunicação, em locais públicos e nas escolas caracteriza um ocultamento dessa expressão popular. Ianni define essa invisibilidade como uma ideologia racial que remonta tempos passados: “Sob vários aspectos, essa ideologia racial é transmitida por gerações e gerações, através dos meios de comunicação, da indústria cultural, envolvendo também o sistema de ensino, instituições religiosas e partidos políticos.”²⁵²

Zuilton Ferreira Alves,²⁵³ 62 anos, negro, artista plástico e funcionário público aposentado, em entrevista me relatou seu envolvimento com a cultura popular e a dificuldade da instalação de uma estátua do personagem João Bananeira no município de Cariacica. Sergipano, afirmou que sua família no nordeste era envolvida com a cultura popular e seu avô liderava um grupo de Maracatu, e que também desde jovem participava de movimentos negros. Veio morar no estado do Espírito Santo em 1981 e seu contato com a cultura de Congo se deu no ano de 1983. Interessou em conhecer a manifestação popular de Congo e entrou em contato com os grupos de Congo na região de Roda D’água nos anos 80, com o tempo participou de um grupo de estudos e de incentivadores da cultura popular formado por cidadãos do município que ajudou a organizar e fortalecer as bandas de Congo da região de Roda D’água. Seu trabalho como funcionário público e envolvimento com cultura popular facilitou a aceitação de suas ideias entre os congueiros. O grupo ajudou a orientar as bandas na criação da associação das bandas e estruturação de sedes e diretoria dos conjuntos, CNPJ e conta bancária para receberem verbas e cachês em apresentações culturais, sugestão de criação de uniformes e orientações em relações ao uso de bebidas, à postura e comportamento antes e durante as apresentações.

²⁵⁰ IANNI, Octavio. Dialética das relações raciais. *Estudos avançados*, São Paulo, v.18, n.50, p.21-30, 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100003>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

²⁵¹ CHINELLI, 2014, p. 45

²⁵² IANNI, 2004, p. 25.

²⁵³ ALVES, Zuilton Ferreira. *Relato de seu envolvimento com a cultura de Congo, produção artística e a estátua do personagem João Bananeira*. Centro Cultural de Cariacica, 10 mai. 2017. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

Relatou que a maior dificuldade que teve foi em relação à ideia de democratização da banda, na participação dos músicos na liderança e escolha do repertório, que o mestre até hoje mantém a chefia e poder de decisões.

Segundo ele, as bandas de Congo eram formadas por integrantes de diversas religiões, que evangélicos também participavam pelas relações de parentescos com componentes da banda, mas estes não eram bem aceitos por causa da postura de reprimir o uso de bebidas alcoólicas dos demais membros.

Ao ser questionado se o Congo expressava uma cultura ou uma religiosidade para os integrantes das bandas, ele respondeu:

Congo é cultura, eles cantam com prazer de cantar, alguns têm um vínculo religioso com Nossa Senhora da Penha, São Sebastião, santos de terreiro, eles tem uma devoção e eles embutem isso no Congo, mas em um sentido maior é a alegria de cantar, é a alegria da liberdade deles. Ele canta a alegria da tristeza do passado.²⁵⁴

Complementou dizendo que o Congo continua a cantar músicas antigas, que dificilmente são criadas canções contemporâneas.

Em relação ao seu trabalho artístico, ele relatou que dedica uma parte de seu tempo a retratar a cultura popular e queria trabalhar os ícones municipais de Cariacica, um desses ícones foi o personagem do João Bananeira. Entrou em contato com o prefeito da época e disse que tinha interesse em produzir a escultura como um projeto dentro da lei municipal de incentivo a cultura,²⁵⁵ desde que houvesse o interesse público de colocar a peça em um local de boa visibilidade. Com a resposta afirmativa do prefeito que o incentivou, produziu sua obra, após três anos e meio concluiu sua escultura. Depois de finalizada, houve mudança no comando da prefeitura. O prefeito atual também apoiou a instalação da obra em um lugar significativo. O primeiro espaço considerado foi às margens da BR 262²⁵⁶ em um terreno aberto que serve como local de eventos em frente à prefeitura, outro local visado foi na entrada de Cariacica na descida da segunda ponte, próximo ao estádio da Desportiva Ferroviária, em um espaço que abriga também viaturas da Polícia Federal, porém o DNIT proibiu a instalação nestes espaços alegando que a estátua desviaria a atenção dos motoristas. Tempos depois, outro local considerado estratégico para a obra foi em frente à sede da prefeitura municipal em meio aos jardins.

²⁵⁴ ALVES, 2017.

²⁵⁵ PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA, *Lei n.º 5.477*, de 13 de outubro de 2015. Dispõe sobre a criação da lei municipal de incentivo financeiro à cultura – Lei João Bananeira, Cariacica/ES, e dá outras providências. Cariacica, 13 de outubro de 2015. Disponível em:

<<http://www.legislacaocompilada.com.br/cariacica/Arquivo/Documents/legislacao/html/L54772015.html>>.

Acesso em: 06 dez. 2015.

²⁵⁶ Rodovia federal que cruza o município.

Segundo o artista, houve a preocupação de democratizar o processo de instalação da obra onde foram ouvidas diversas opiniões e até mesmo já tinham definido um local para a mesma. Zuilton relata o ocorrido da seguinte maneira:

Quando o engenheiro começa a fazer a planta do local, o vice-prefeito começa a se manifestar. Começou a se preocupar, o vice era evangélico e eles tinham um grupo de pastores, não sei ainda está rolando hoje este grupo, e a coisa estava andando e um dia encontrei com o prefeito e ele disse que precisava conversar comigo, disse que o negócio tava ficando difícil, marcou um dia, fui lá no gabinete dele e ele falou: Olha tá ficando difícil porque o pessoal evangélico tá se incomodando com essa figura aqui em frente à prefeitura, vai dar conotação que a municipalidade é do Congo. Eu falei que tinha que dizer para ele que era cultura popular que não era religiosidade, o estado é laico, que não estamos discutindo religião, estamos discutindo cultura.²⁵⁷

Segundo o artista, o prefeito não quis se indispor com seu vice e sugeriu pensarem em um outro local para a estátua. Zuilton não queira que a estátua fosse instalada em Roda D'água, pois a obra não foi feita pela cultura popular da localidade, mas sim por um artista inspirado pela cultura popular. O artista também mencionou que um conjunto de peças de cerâmicas feitas por ele que representavam a cultura de Congo e estava instalada na antessala do gabinete do prefeito foi retirada por questões religiosas e influência do grupo de pastores. Um ano e meio depois ele viu um espaço potencial no Centro Cultural do município que estava em reformas. Tempos depois ela foi inaugurada neste espaço, muito significativo para os artistas locais, mas não em um lugar de destaque, mas em uma posição ao fundo da edificação, escondida dos olhares dos frequentadores e distante dos que transitam pela rua. Esse caso demonstra a invisibilidade do negro e da cultura afro brasileira, que também envolve preconceito religioso em relação à manifestação cultural.

Sem pretender estabelecer uma relação de sobreposição entre culturas, é preciso, no entanto, ressaltar o valor da história e cultura africana e afro-brasileira, que vem sofrendo um processo de apagamento durante todos esses séculos, promovendo, desta forma, a desvalorização da população negra em nossa sociedade.²⁵⁸

²⁵⁷ ALVES, 2017.

²⁵⁸ BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa; RODRIGUES, Alexandro, SISS, Ahyas. (Orgs.) *Africanidades: produções identitárias e políticas culturais*. Vitória: EDUFES. 2013. p. 105.



FOTOGRAFIA 13 – O artista Zuilton Ferreira (vestido com camiseta branca junto à estátua) acompanhando por representantes de bandas de Congo do município e do personagem João Bananeira na inauguração de sua obra no Centro Cultural de Cariacica. Fonte: Acervo pessoal.

A cultura de Congo busca até nos dias de hoje apoio na religiosidade para se fazer presente em festas e ter seu espaço legitimado pela sociedade. O carnaval de Congo de Cariacica que em tempos passados era uma forma livre de diversão entre os congueiros que saiam em grupos no feriado visitando os morados da comunidade, nos últimos anos tem incorporado elementos religiosos como a realização de uma missa na manhã do evento.

No ano de 2017, a festa da Penha, maior festa religiosa do estado, em sua programação, também teve participação de diversas bandas de Congo na segunda-feira pela parte da manhã, dia da padroeira. Após a benção do frei, as bandas desceram o convento cantando e dançando as toadas pelas vias estreitas do morro em direção à praça da prainha, local em que foi fincado o mastro com as imagens de São Benedito e de Nossa Senhora da Penha. Outro fato que chamou atenção foi que o mastro foi fincado em um dos cantos da praça, em frente à entrada do batalhão do exército, afastado do local principal de celebrações.



FOTOGRAFIA 14 – Banda de Congo se apresenta na festa da Penha de 2017. Vila Velha. Fonte: Acervo pessoal.



FOTOGRAFIA 15 – Fincada do mastro no canto da praça, distante do palco principal da festa. Fonte: Acervo pessoal.

Este evento cultural-religioso não teve cobertura da mídia capixaba. A principal rede de comunicação regional deu destaque em seu noticiário à missa dos ciclistas que acontecia paralelamente no centro da praça e não citou o movimento dos congueiros. A invisibilidade midiática deste evento, assim como em outras festividades que envolvem a manifestação cultural de Congo Capixaba raramente são noticiadas e divulgadas com destaque pelos meios de comunicação de massa.

A mídia ocupa um lugar importante na formação de hábitos da sociedade, é essencial que se entenda o papel que ela exerce na construção das identidades étnicas. A invisibilidade da questão racial interpretada como um fato que não se nota, não se discute e nem se deseja notar ou discutir. É como se não existisse.²⁵⁹

Com essa dependência das festas religiosas, mesmo com a religiosidade expressa por alguns congueiros, os aspectos culturais da manifestação de Congo são confundidos como uma prática religiosa, o desconhecimento da manifestação por parte da população devido à invisibilidade da cultura também gera preconceitos. O desenvolvimento autônomo da

²⁵⁹ SANTOS, Elice Sena. *A invisibilidade da cultura negra na mídia capixaba*. 2015. 4f. Trabalho de conclusão de curso - Disciplina de Formação Social, Econômica, Política e Cultural. Centro de Artes, Departamento de Comunicação Social. Universidade Federal do Espírito Santo. UFES: Vitória, 2015. p. 2. Disponível em: <http://www.academia.edu/17647511/A_invisibilidade_da_cultura_negra_na_midia_capixaba>. Acesso em: 14 mai. 2017.

manifestação por vezes acontece na circularidade cultural, onde os elementos da cultura popular são apropriados e trabalhados de forma independente do contexto religioso.

Mesmo com leis que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e particulares, temática cultural do Congo é pouco explorada nas escolas metropolitanas devido à falta de formação e identificação de profissionais com a cultura, mas também a existências de preconceitos ligados a questões raciais e religiosas. Souza alerta que no espaço escolar as discriminações são evidenciadas pela falta de um trabalho que aborda a realidade e cultura local.

Percebe-se que as escolas não trabalham com a realidade local da comunidade, nem de longe contemplam em suas atividades as relações sociais, econômicas, políticas e culturais da região, como também não absorvem as relações étnicas raciais. E é dentro da escola que se evidenciam as discriminações raciais.²⁶⁰

A abordagem da temática da cultura popular do Congo nas aulas de Artes, principalmente nos municípios da região da grande Vitória, garante ao aluno o acesso e o conhecimento sobre as produções culturais locais e regionais. As instituições escolares exercem o papel de mediação de conhecimento e divulgação desta manifestação folclórica quando oferecerem aos alunos e a comunidade escolar apresentações de grupos folclóricos em eventos escolares como festas e mostras culturais. O ensino da história e da cultura do Congo na escola e nas aulas de Artes possibilita a quebra de diversos preconceitos relacionados a esta manifestação cultural popular.

O terceiro capítulo deste trabalho de pesquisa enfoca a importância de disciplina de Artes como formadora cultural dos alunos, assim como as garantias de acessos à cultura. Também traz o posicionamento das representantes das secretarias municipais de educação dos municípios pesquisados, entrevistas e análises dos discursos dos entrevistados e dados relevantes sobre os hábitos culturais dos entrevistados. Neste percurso, apresentamos boas práticas de profissionais da educação com trabalho com cultura de Congo nas escolas e em suas aulas.

²⁶⁰SOUZA, 2005, p. 47

3 O CONGO NA ESCOLA E NAS AULAS DE ARTES

Um dos direitos individuais essenciais para a formação do cidadão é o acesso às artes por meio da apreciação.²⁶¹ Importantes documentos abordam esta questão como, por exemplo, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA²⁶² e a própria Constituição Federal²⁶³. No título VIII – “Da ordem social”²⁶⁴, em seu no capítulo III²⁶⁵ o documento máximo de nossa república se refere ao direito à cultura, ao desporto e a educação. Outro documento internacional importante que aborda esse direito é a Declaração dos Direitos Humanos proclamada em 1948, por meio do artigo XXVII, diz: “Todo homem tem direito a participar livremente da vida cultural da comunidade, de fluir das artes e de participar de seu processo científico e de seus benefícios”²⁶⁶. Na educação brasileira a garantia desse direito também se relaciona com a oferta da disciplina de Artes, garantia que se faz presente Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional – LDB:

[...] Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. [...] Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. [...] § 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica [...] § 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.²⁶⁷

²⁶¹ SANTOS, Erton Kleiton Cabral dos; BARROS, Ana Maria de. Educação e cultura: O papel da arte educação na formação de protagonismo na juventude pernambucana. In: FORUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: Realize Editora, 2009. p. 1-13. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/ppgdh/images/documentos/anamb5.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

²⁶² BRASIL. *Lei no 8.069/90, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 17 jun. 2017.

²⁶³ BRASIL. *Constituição Federativa da República de 1988*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas emendas constitucionais nos 1/92 a 68/2011 e pelas emendas constitucionais de revisão nº1 a 6/94. Brasília: Senado Federal – Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.

²⁶⁴ BRASIL, 2012, p.53.

²⁶⁵ BRASIL, 2012, p.56.

²⁶⁶ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração universal dos direitos humanos*. Rio de Janeiro: UNIC. 2009. p.14-15. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

²⁶⁷ BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 19 out. 2017.

Dessa forma, a disciplina de Artes está inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's²⁶⁸ e nas diretrizes curriculares das secretarias de educação de estados e municípios brasileiros. Sobre estes aspectos das garantias e dos direitos para a promoção da cidadania, Santos e Barros mencionam:

O acesso aos bens culturais por meio das mais variadas manifestações artísticas, trata-se de uma garantia internacional já que compreendemos que a formação individual e a promoção da cidadania dentro de uma sociedade tida como democrática requer o acesso a alguns direitos individuais como a educação, saúde, cultura e lazer além de segurança apenas a título de exemplo.²⁶⁹

Kodama e Silva descrevem a composição cultural do povo brasileiro:

No Brasil, as atividades artísticas faziam parte das celebrações dos povos originários como agentes reguladores da dinâmica social. Com a chegada do Europeu e a transplantação das culturas da África, diferentes elementos simbólicos foram se agregando, produzindo novas formas de manifestações culturais e artísticas, preservando concepções e formas ritualísticas dessas diferentes origens, gerando um país com muitas fases e faces culturais se modificando dialeticamente pelas necessidades e momentos históricos das comunidades, ocasionando uma configuração de semelhanças e diferenças marcantes.²⁷⁰

Compreender e respeitar a diversidade é muito importante em um país rico de manifestações populares formadas por várias influências culturais. A instituição escolar exerce relevante papel na construção da cidadania, formação intelectual, cultural e mesmo artística dos alunos. Através da educação escolar o acesso à cultura deveria ser garantido através do ensino da história da formação do povo, do conhecimento sobre a significação de datas comemorativas, feriados e origem das festas populares, da abordagem sobre o folclore e da cultura popular, da realização de exposições artísticas, eventos culturais, musicais ou literários, da visita a espaços de manifestações artísticas e exibições de obras como sede de grupos artísticos ou folclóricos, ateliês de artistas, estúdios de dança, galerias, museus, teatros e salas de cinema, da troca de conhecimento através de oficinas com escritores, músicos, artistas ou produtores culturais.

Em escolas que promovem uma formação humana, consciente e cidadã, onde conhecimento é aliado à cultura, as aulas de artes se mostram essenciais e fundamentais para desenvolvimento da criatividade, da coordenação e habilidades motoras dos alunos. Por meio

²⁶⁸ BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Arte*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997. p. 5. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em 19. nov. 2017.

²⁶⁹ SANTOS; BARROS, 2009, p. 9-10.

²⁷⁰ KODAMA, Katia Maria Roberto de Oliveira; SILVA, Ana Carolina de Souza Silva. Valorização das artes e culturas populares no ensino de artes: uma proposta de educação para promover o pertencimento. *Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente, v.9, n. Especial, 1236-1244, 2012. Disponível em: <<http://www.unoeste.br/site/enepe/2012/suplementos.aspx?area=Humanarum>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

das abordagens da proposta triangular de Ana Mae Barbosa, como a apreciação artística, a contextualização histórica de obras de arte e do fazer artístico, o aluno enriquece seus conhecimentos sobre a evolução das produções e técnicas criadas pelo homem através dos tempos. Também desenvolve a percepção e sensibilidade estética, através de análises e reflexões críticas em relação aos diversos estilos artísticos e movimentos culturais, que por vezes refletem na formação de suas preferências, repertório cultural, identidade e estilo visual. Através da prática artística e da exposição ou apresentação de suas obras, o aluno se sente motivado a participar, criar e produzir.

Em suas próprias palavras, em uma entrevista concedida a uma importante revista de circulação nacional, Barbosa expõe a importância das artes no processo de aprendizagem:

As artes são linguagens que complementam a linguagem verbal. Susanne Langer, especialista em filosofia da arte, diz que existem três diferentes linguagens: a verbal, a científica e a presentacional. A linguagem presentacional é aquela que você não consegue traduzir em outras linguagens. Ela está presente na arte, que articula a vida emocional do ser humano. Um indivíduo com essas três linguagens bem desenvolvidas está apto a conhecer plenamente as outras áreas do conhecimento, a aproveitar mais o mundo que o cerca. Tirar o aluno da cadeira significa expandir seus sentidos. As artes visuais desenvolvem a capacidade de percepção visual, importante desde a alfabetização até a solução de grandes conflitos da adolescência. Para dar um exemplo: as palavras 'bola' e 'bota' têm a mesma configuração, o que, durante a leitura, pode dificultar a diferenciação entre elas. O ensino da arte contribui para exercitar essa percepção. A dança amplia a percepção do corpo. Desenvolve, assim como a música, o ritmo e o movimento. Exercita o equilíbrio, não só físico, mas mental. O teatro desenvolve a comunicação. Coloca em pauta o verbal, o sonoro, o visual e o gestual. Talvez seja a mais completa das artes incluídas na escola.²⁷¹

Ana Mae Barbosa complementa explicando como as artes podem contribuir para o desenvolvimento cultural dos estudantes:

Existe a arte como expressão e a arte como cultura. A arte como expressão, como já disse, é a capacidade de os indivíduos interpretarem suas ideias através das diferentes linguagens e formas. A arte como cultura trabalha o conhecimento da história, dos artistas que contribuem para a transformação da arte. É muito importante que o aluno tenha um leque de conhecimento acerca do seu próprio país e do mundo. Não se conhece um país sem conhecer a sua história e a sua arte. Além disso, as artes alargam a possibilidade de interculturalidade, ou seja, de trabalhar diferentes códigos culturais. A escola deve trabalhar com diversos códigos, não só com o europeu e o norte-americano branco, mas com o indígena, o africano e o asiático. Ao tomar contato com essas diferenças, o aluno flexibiliza suas percepções visuais e quebra preconceitos.²⁷²

²⁷¹ BARBOSA, Ana Mae. A importância do ensino das artes na escola. *Revista Época*, reportagem publicada em meio digital. 16 mai. 2016. Entrevista concedida a Beatriz Morrone. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

²⁷² BARBOSA, 2016.

O Ensino de Artes está presente nas escolas desde 1971. Neste mesmo ano foi aprovada a Lei Federal nº 5692/71²⁷³ que instituiu as Diretrizes e Bases da Educação - LDB, esta estabeleceu a inclusão e obrigatoriedade da educação artística no currículo escolar. Porém, devido a terminologia da disciplina, “[...] a Arte teve que ser entendida e apresentada como educação para ser introduzida nas escolas”²⁷⁴. Desde então, os profissionais da área e outros professores que assumiam essa disciplina se questionavam sobre o que trabalhar em arte e quais os conteúdos deveriam ser abordados. “A arte não era considerada como disciplina, mas como ‘área generosa’; contraditoriamente, os professores tinham de explicar objetivos, conteúdos, métodos e avaliações. Inseguros, apoiavam-se em livros didáticos de má qualidade.”²⁷⁵

Com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs em 1997, entre eles o PCN/Arte, o Ministério da Educação/MEC apontou as linguagens das Artes Visuais, da Dança, da Música e do Teatro como conteúdos necessários no ensino de Artes. Nesse processo Ana Mae Barbosa figura como referência, estabelecendo reflexões e contribuições com suas pesquisas e obras sobre arte-educação. O ensino de arte ganha relevância no desenvolvimento sensitivo e criativo do aluno, também significativa nas relações deste com o ambiente, com outras culturas e com os colegas. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.²⁷⁶

A preocupação atual em reconhecer a Arte como disciplina fundamental na formação do ser humano é descrita por Rosa Iavelberg:

A arte promove o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudos; entretanto, não é isso que justifica sua inserção no currículo escolar, mas seu valor intrínseco como construção humana, como patrimônio comum a ser apropriado por todos.²⁷⁷

²⁷³ BRASIL. *Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm>. Acesso em: 18 jun. 2016.

²⁷⁴ KODAMA; SILVA, 2012, p. 1241.

²⁷⁵ IAVELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 115.

²⁷⁶ BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Arte*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997. p. 19. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em 19. nov. 2017.

²⁷⁷ IAVELBERG, 2003, p. 9

As principais obras de Barbosa, o livro *A imagem no ensino da arte* e o livro *Tópicos utópicos*²⁷⁸, são norteadoras para muitos educadores de Artes do país e estão presentes nos referenciais de diretrizes curriculares relacionadas à disciplina em questão. Kodama e Silva sintetizam a essência de sua principal obra:

[...] este texto aponta para a necessidade de fundamentar uma adequação ao Ensino de Artes e criar uma educação libertadora, transformadora, para promover valores éticos, estéticos e culturais; valorar o trabalho em equipe numa postura inter e transdisciplinar, visando à manutenção das culturas regionais, os saberes locais, a vida no planeta preservada pelas tradições e melhor qualidade de vida para todos. Pretende ainda, promover aprendizagens que desenvolvam o potencial criativo e expressão estética de todos os envolvidos, possibilitando que sejam coletiva e qualitativamente melhores em sociedade, mais críticos e construtivos. Nesta ótica, emerge outra necessidade: propor atividades educativas marcadamente atreladas ou portadoras de significados do seu tempo, da história e do social e usar os domínios da razão, da vontade e do sentido, para ampliar o desenvolvimento do aluno, ajudando-o a ser ele mesmo, logo, é imprescindível entender o referencial cultural dos alunos antes de elaborar uma práxis do ensino de Arte.²⁷⁹

As diretrizes curriculares de Vitória²⁸⁰ e de Cariacica,²⁸¹ municípios do estado do Espírito Santo, também apontam aspectos da proposta triangular de Barbosa, além de referenciar muitas outras obras da autora, na elaboração de seus documentos referenciais para a orientação do ensino e trabalho dos professores de artes dos respectivos municípios. Destaco aqui um trecho do documento do município de Vitória que abordam os aspectos de contextualização histórica da arte, do conhecimento interdisciplinar e do produto cultural como fator de desenvolvimento e de identificação cultural:

Contextualizar é situar os produtos da nossa e da cultura do outro, social e historicamente; produtos que, do ponto de vista tanto da expressão pessoal quanto coletiva, são importantes para a identificação cultural e desenvolvimento individual. [...] Os novos parâmetros epistemológicos e metodológicos, embasados na proposta triangular, com construções a partir de um enfoque que privilegia o conhecimento interdisciplinar e intercultural visualizam as culturas como produtoras e produtos do social. Produtos, sem relação de superioridade, oriundo das sensibilidades de cada grupo cultural historicamente constituído, e geradores de outros produtos concebidos a partir de conhecimentos construídos histórica e socialmente.²⁸²

Para Barbosa, “[...] a identidade cultural não é um a forma fixa ou congelada, mas um processo dinâmico, enriquecido através do diálogo e trocas com outras culturas.”²⁸³ A busca de

²⁷⁸ BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: Ed. Com/Arte, 1999.

²⁷⁹ KODAMA; SILVA, 2012, p. 1241

²⁸⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2016. p.79.

²⁸¹ PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA, 2012. p. 59.

²⁸² PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. *Diretrizes curriculares para o ensino fundamental*. Prefeitura de Vitória: Secretaria de educação/Sistema Municipal de Ensino de Vitória. Vitória, 2004. p. 75-76.

²⁸³ BARBOSA, 1999, p. 14.

reconhecer a si próprio e de construção de sua realidade, passa pela compreensão de uma diversidade cultural e de leitura de outras realidades. Barbosa propõe uma educação intercultural, interessada no desenvolvimento cultural através da interação de diferentes culturas.

Alguns falam sobre multiculturalismo, outros sobre pluriculturalidade, e temos ainda o termo mais apropriado - interculturalidade. Enquanto os termos 'multicultural' e 'pluricultural' significam a coexistência e mútuo entendimento de diferentes culturas na mesma sociedade, e o termo 'intercultural' significa a interação entre as diferentes culturas. Isto deveria ser o objetivo da educação interessada no desenvolvimento cultural. Para alcançar tal objetivo, é necessário que a educação forneça um conhecimento sobre a cultura local, a cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações.²⁸⁴

A autora complementa:

Não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte. Sem conhecer as artes de uma sociedade, só podemos ter conhecimento parcial de sua cultura. Aqueles que estão engajados na tarefa vital de fundar a identificação cultural não podem alcançar um resultado significativo sem o conhecimento das artes.²⁸⁵

Neste contexto se faz necessário uma abordagem sobre as culturas e produções culturais locais, regionais, nacionais e mesmo de outros países no processo de ensino escolar, enfatizados no currículo da disciplina de artes. A autora adverte que é preciso que esta educação aborde tanto a cultura erudita, quanto a popular, para que não aconteça uma segregação cultural ou defesa de guetos culturais.

Esta argumentação entra em consonância com os princípios que regem a Educação Popular. Nós aprendemos com Paulo Freire a rejeitar a segregação cultural na educação. As décadas de luta para que os oprimidos possam se libertar da ignorância sobre eles próprios nos ensinaram que uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes no processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele. Isto não significa a defesa de guetos culturais ou negar às classes populares o acesso à cultura erudita. Todas as classes populares têm o direito de acesso aos códigos da cultura erudita, porque esses são os códigos dominantes - os códigos de poder. É necessário conhecê-los, ser versado neles, mais tais códigos continuarão como um conhecimento exterior a não ser que o indivíduo tenha dominado as referências culturais da sua própria classe social, a porta de entrada para a assimilação do 'outro'. A mobilidade social depende da inter-relação entre os códigos culturais das diferentes classes sociais e o entendimento do mundo depende de uma ampla visão que integre o erudito e popular.²⁸⁶

Por muitos anos, devido à falta de referencial, material didático e formação, a abordagem do ensino de artes na escola teve ênfase na cultura erudita. Mesmo as formações de

²⁸⁴ BARBOSA, 1999, p. 14.

²⁸⁵ BARBOSA, 1999, p. 16.

²⁸⁶ BARBOSA, 1999, p. 15

professores de artes em cursos universitários privilegiavam a história da arte e da cultura ocidental, assim como a contribuição do europeu como referência de técnicas e produções artísticas. Situação que se repetia em outras disciplinas e no ambiente escolar, onde poucos livros didáticos davam projeção à cultura africana, afro-brasileira ou indígena. Na literatura disponibilizada nas escolas, eram poucos heróis fugiam do padrão europeu. Até mesmo os brinquedos em salas de aula como bonecas, a cor de pele branca e cabelo liso evidenciavam um modelo idealizado imposto pela cultura dominante.

No ano de 1998, os temas transversais²⁸⁷ são inseridos nos PCNs com o objetivo de abordar de maneira interdisciplinar, outros assuntos na educação brasileira que correspondem a questões importantes e presentes sob várias formas na vida cotidiana. Valores referentes a cidadania como a ética, saúde, meio ambiente, trabalho e consumo, orientação sexual e pluralidade cultural. Em relação a temática da pluralidade cultural o texto deste PCN justifica a necessidade desta abordagem:

Historicamente, registra-se dificuldade para se lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica. Na escola, muitas vezes, há manifestações de racismo, discriminação social e étnica, por parte de professores, de alunos, da equipe escolar, ainda de maneira involuntária ou inconsciente. Essas atitudes representam violação dos direitos dos alunos, professores e funcionários discriminados, trazendo consigo obstáculos ao processo educacional pelo sofrimento e constrangimento a que estas pessoas se vêem expostas.²⁸⁸

No ano de 2003, a lei nº. 10.639 estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional, para que fosse incluído no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática da história e cultura afro-brasileira. Em seu segundo artigo, a lei determinou que os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira fossem ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. Também esta lei estabeleceu a inclusão do dia 20 de novembro como *Dia Nacional da Consciência Negra* no calendário escolar. A aprovação desta lei se fez necessária para garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira.

Em 2008, a promulgação da lei 11.645 complementa a lei 10.639/03 e acrescenta os indígenas como um grupo também a ser abordado pelo currículo escolar dos estabelecimentos

²⁸⁷ BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais/Secretaria de educação Fundamental* – Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 15. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2017.

²⁸⁸ BRASIL, 1998, p. 122.

de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, especialmente nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. O artigo principal determina:

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.²⁸⁹

Apesar de a lei especificar a obrigatoriedade no ensino fundamental e médio, as diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil trazem a necessidade da abordagem dessas temáticas. Em relação aos eixos, a propostas curriculares devem garantir experiências que “propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras.”²⁹⁰ A organização de materiais, espaços e tempos devem assegurar que “a apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América.”²⁹¹ E as propostas pedagógicas devam assegurar “o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação.”²⁹²

Passando por todos esses argumentos ressalto a importância da abordagem da temática do Congo Capixaba no espaço escolar, principalmente nas escolas cidades da grande Vitória e nas aulas de Artes. Citando Garcia: “A escola e seus atores podem e devem servir-se do folclore como excelente meio de transmissão de conhecimentos, ao mesmo tempo em que revelador da cultura do povo.”²⁹³ Esta manifestação popular típica do estado do Espírito Santo oferece muitas possibilidades de transmitir conhecimentos históricos da formação do povo, da tradição e identidade cultural capixaba. Também é um tema propício a trabalhos com valores estéticos artísticos, musicais, de artesanato além de oferecer um conhecimento ou debate sobre a religiosidade ou não da manifestação estabelecendo um diálogo interdisciplinar com o conteúdo de ensino religioso escolar. Contudo, a abordagem do Congo nas aulas de artes ou no ambiente escolar, por suas relações culturais, atende as exigências das leis que visam a valorização das manifestações culturais afrodescendentes e indígenas. Oportunizar que os alunos assistam,

²⁸⁹ BRASIL. *Lei nº 11.645, de 20 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

²⁹⁰ BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC/ SEB. 2010, p.25.

²⁹¹ BRASIL, 2010, p.20.

²⁹² BRASIL, 2010, p.21.

²⁹³ GARCIA, 2004, p. 83.

participem de apresentações ou mesmo conheçam essa manifestação da cultura popular também é uma forma de garantir o acesso à cultura. Esse tipo de trabalho é muito importante para a quebra de preconceitos culturais, sociais, raciais e religiosos.

3.1 Entrevista com representantes das secretarias de educação dos municípios pesquisados

Em relação aos municípios pesquisados, entrevistei representantes das secretarias de educação de Cariacica e de Vitória para entender como se dá a orientação das instituições em relação às leis federais que obrigam a abordagem das temáticas de história e cultura afro-brasileira e indígenas nas escolas. Também sobre a abordagem da temática da cultura popular capixaba, sobretudo, a manifestação de Congo Capixaba nas instituições públicas que abrangem suas respectivas redes de ensino.

No município de Vitória, as representantes da Secretaria de Educação Municipal de Vitória que cederam entrevista para esta pesquisa foram a professora doutora Ângela Francisca Caliman Fiorio, servidora efetiva no município de Vitória, atualmente gerente de ensino fundamental da rede de ensino e a professora mestra Heloísa Ivone da Silva de Carvalho, pedagoga, servidora efetiva no município de Vitória, atualmente lotada na gerência de formação na secretaria de educação do município onde coordena as comissões da CEAFFRO,²⁹⁴ que tem a função de implementar a lei 10.639/03²⁹⁵ nas escolas do município, e da CERER,²⁹⁶ que traz além da cultura afro-brasileira, a lei 11.645/08,²⁹⁷ que aborda também a história e cultura indígena no ensino, relataram o trabalho desenvolvido pelo órgão responsável pela educação do município em relação as leis e a cultura de Congo.

Segundo Fiorio, a elaboração e atualização das diretrizes curriculares do município em relação ao ensino fundamental envolveram a temática da diversidade em que as legislações referentes às temáticas afro-brasileiras e indígenas foram inseridas como temas transversais presentes em todas as áreas do conhecimento, não sendo específicas a um determinado

²⁹⁴ CEAFFRO - Centro de Estudos Afro-Brasileiros.

²⁹⁵ BRASIL. *Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

²⁹⁶ CERER - Comissão de Educação e Estudos das Relações Étnico-raciais.

²⁹⁷ BRASIL. *Lei nº 11.645, de 20 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

componente ou disciplina e sendo assegurada do primeiro ao nono ano do ensino fundamental. Carvalho reforçou que estas duas leis, alteraram a LDB e que a secretaria cumpre o que determina a lei maior que rege educação brasileira, lei 9394/96.²⁹⁸

Para Carvalho, a obrigatoriedade das leis se faz necessárias diante do racismo existente, extermínio da juventude negra e violência contra a mulher negra em um país que a maioria da população é formada por afrodescendentes e aponta que as leis são muito desafiantes, percebendo a resistência a esse trabalho em virtude do desconhecimento das leis e da associação da história e cultura afro com as religiões de matrizes africanas. Que os movimentos que tentam inviabilizar a cultura afro-brasileira e africana estão ligados a essa relação.

Muitas intuições nossas, mesmo garantindo o processo formativo, mesmo garantindo os diálogos nas diretrizes curriculares, quando vão pensar a prática, na entrada, nas filas, nas relações do recreio, relações na sala de aula, principalmente nas perspectivas das relações étnico-raciais, há ainda um racismo em virtude dessas questões.²⁹⁹

Fiori concorda com o desafio do trabalho dessas temáticas e complementa dizendo que a base legal atual tem servido de referência para muitas formações, que os profissionais talvez não tenham desconhecimento da existência das leis devido a constante abordagem dos temas em formações para os profissionais da rede. Em relação a sua experiência com a cultura de Congo na escola, ela relata:

Eu sempre trabalhei nessa perspectiva de cultura, moro em uma região que tem Congo, eu sempre levei o Congo para a escola. E levava mesmo por gostar, por achar importante disseminar essa cultura e aí, quando você fala de Congo, isso está atrelado a questão do negro. E eu com formação católica, numa comunidade católica que também tinha o Congo que celebrava com os padres dentro da igreja. Era uma riqueza muito grande levar isso para dentro da escola. E encontrava resistência dentro da escola, muita gente falava: Esses macumbeiros! Então muita gente ainda associa. Então acho muito importante os aspectos legais a perspectiva é fortalecer isso. [...] Quando a gente vê os nossos dados de índices de reprovação, grande parte, eu acho que oitenta por cento de nossos estudantes reprovados são estudantes negros, os que desistem. Os dados dão possibilidades de análise, que tem relações com as condições socioeconômicas e associado a questão racial. Então mostra o trabalho grande e desafiador que a escola pública tem, principalmente em regiões periféricas no combate ao racismo e não só de modo a evitar que aconteça, mas promovendo a aprendizagem a esses estudantes.³⁰⁰

²⁹⁸ BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

²⁹⁹ CARVALHO, Heloísa Ivone da Silva de. *Sobre as dificuldades relativos as temáticas étnico-raciais*. Vitória, 06 mar. 2017. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

³⁰⁰ FIORIO, Ângela Francisca Caliman. Vitória, 06 mar. 2017. Entrevista concedida à Douglas Pinheiro Costa.

A fala da gestora aponta que a identificação cultural com o tema facilita o envolvimento e desenvolvimento do trabalho, que em meio às muitas oportunidades de formações não exista um desconhecimento sobre as leis, mas sim falta de interesse ou identificação de alguns profissionais com as temáticas. Assim como essa falta de identificação ocasiona a resistência mencionada.

Quando o objeto artístico exprime uma realidade cultural e religiosa próxima daqueles que o apreendem, sua compreensão é fácil. Entretanto, quando se reveste de especificidades, como de uma sintaxe própria e de um determinado estilo, ele estará se distanciando daqueles que não possuem esse acervo cultural, religioso e cognitivo. Consequentemente poderá não ser compreendido. Se pensarmos nos estilos artísticos e como em cada um novas expressividades são trabalhadas, entendemos as exigências na formação de um olhar-leitor dessas visualidades.³⁰¹

Igualmente ocorre com os dados mencionados sobre a grande parte dos alunos reprovados, além de fatores socioeconômicos as dificuldades na aprendizagem podem estar associadas à identificação destes alunos com o ambiente escolar e trabalho desenvolvido que não se apropriam seus contextos históricos e culturais como relativo elemento construtivo de conhecimento. Fato que provoca um distanciamento do objeto em um processo de ensino em que não muitos não se envolvem ou não se sentem representados. Questiona Freire: “Porque não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”³⁰² O autor convida a reflexão sobre a utilização da realidade social, a qual se enquadra também aspectos raciais e culturais destes alunos, no processo de aprendizagem.

Continuando a entrevista, Fiorio explica que nas diretrizes municipais do ensino de história e de geografia, antes de ampliar o conhecimento sobre o país e sobre o mundo, deve se ter como ponto de partida a história local, defendendo a contextualização do currículo. Conhecer sua história de vida, o entorno da escola, do bairro, como se constituiu aquela comunidade, reforçando a identidade, reconhecimento e autoestima das pessoas da localidade.

Carvalho menciona que naturalmente a base de formação das pessoas é a cultura popular, que se faz presente nas brincadeiras de infância, na oralidade dos avôs, mas que a educação acaba reforçando a cultura erudita. Sobre a cultura popular de Congo, menciona que em eventos e seminários onde haviam apresentações de bandas, ela presenciou situações de preconceito por parte dos estudantes. Que existe a necessidade de trabalhar também o conteúdo

³⁰¹ PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2004, p. 75.

³⁰² FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 1996, p. 17.

e o contexto desta manifestação, além de simplesmente apresentar para os alunos de forma desconexa. Fiorio complementa que estas ações, inseridas nas comemorações da consciência negra e de valorização da cultura afrodescendente, não devem acontecer de modo pontual, mas estar aliadas aos componentes curriculares e trabalhadas de modo integrado, contínuo e permanente. Que traga a reflexão do aluno. Para que este trabalho não seja apenas uma vitrine, mas que possa mudar o olhar ou percepção dos alunos.

Em relação ao ensino religioso escolar, Fiorio explicou que o município de Vitória não oferece a disciplina no momento, pois não havia um documento de diretriz para o ensino religioso mesmo existindo uma legislação em relação a disciplina. Que este documento orientador foi construído pela rede municipal e que foi encaminhado para um processo de implementação. Ela enfatizou a necessidade de uma abordagem científica da disciplina como as ciências das religiões, de forma a trazer uma visão panorâmica da construção da religiosidade dentro de uma abordagem cultural e não apenas de uma perspectiva confessional, contemplando a diversidade religiosa. Segundo a gestora, por se tratar de uma disciplina optativa, foi feita uma pesquisa com os pais e responsáveis dos alunos em que no ato da matrícula dos alunos, estes familiares demonstraram apoio e aceitação para que o estudante assistisse as aulas de ensino religioso. Contudo, a gerente de ensino fundamental explicou que acontecem projetos nas escolas municipais de Vitória com atividades voltadas para a diversidade religiosa e questões étnico-raciais.

As representantes da secretaria de educação finalizaram mencionando que a relação de pertencimento é muito importante para a valorização da escola. Esta deve se abrir para a comunidade, para os saberes locais e para a cultura popular de forma que a escola seja aliada da comunidade e respeitada por ela. Onde a população possa participar de decisões, no cuidado com o espaço escolar e mesmo contribuir com seus conhecimentos no processo educativo. Não apenas na perspectiva de transmissão, mas sim na construção de conhecimento a partir dos contextos vividos.

No município de Cariacica, a representante da secretaria municipal de educação que concedeu entrevista foi a pedagoga Salomé de Sá Oliveira, atualmente ocupa a função de técnica da equipe da diversidade e inclusão educacional. Foi membro do CEAURO e atuou durante muitos anos na instituição no setor de formação e implementação da lei 10.639/03 no município. Segundo ela, as formações para os professores envolvendo as temáticas da lei não eram obrigatórias e aconteciam fora do horário de serviço, mas devido ao grande número de pessoas que participavam, por vezes turmas formadas por oitenta a cem pessoas, representava

uma demanda muito grande e não possibilitava um tempo suficiente para abordar o assunto de modo desejável pela equipe de formação.

Segundo Oliveira, as escolas do município têm autonomia para desenvolver trabalhos relativos a lei. Relatou que nos últimos anos as escolas receberam materiais didáticos como livro, cartilhas e vídeos sobre a temática étnico-racial. Ela mencionou um caso de uma escola da rede municipal que tinha uma boa abordagem da temática afro-cultural por razão do incentivo de uma diretora, mas no término de sua gestão e o remanejamento desta profissional para um setor na secretaria de educação, esse trabalho na escola se perdeu, a equipe de gestoras que a sucedeu não deu continuidade no trabalho de valorização da temática. A pedagoga mencionou também um projeto da CEAFFRO de Cariacica que propôs criar um centro cultural da educação, junto com a secretaria de cultura, dentro da região de Roda D'água, que seria um museu físico chamado *história viva do Congo*, que seria um espaço de referência para as escolas do município. O projeto também contaria com a criação de um barracão de produção cultural na região de Itaquari, próximo a secretaria de educação e da sede da mais importante escola de Samba do município. Este espaço receberia os alunos das escolas que participariam de formações e oficinas sobre instrumentos musicais de Congo e também de Samba. Outra proposta mencionada por ela dentro deste projeto era a criação de um museu itinerante que iria percorrer todo o município para atender as escolas.

Ao ser questionada se existia alguma orientação da secretaria em relação à abordagem de temáticas que abordem a cultura popular nas escolas do município, ela respondeu que este é um trabalho integrado. Desse modo entende-se que não há um trabalho específico voltado para a cultura popular, mas sim uma inserção da temática dentro de outras abordagens curriculares.

Essa integração também é apontada nas diretrizes curriculares do município. Os objetivos relacionados ao ensino de Artes não mencionam a cultura popular, mas cita a cultura local. Dentre estes objetivos estão: “Entender a importância da cultura local; Valorizar a cultura local, identificando e investigando as formas de Arte produzidas na região”³⁰³. Como conteúdo a ser abordado sugere: “Produções artísticas e folclóricas específicas da comunidade ou do bairro”³⁰⁴. O documento também sugere abordar as culturas populares de Congo, Ticumbi, Folia de Reis, entre outras. As abordagens são colocadas de modo que propicie uma contextualização histórico social dos conteúdos e possibilitem uma identificação por parte dos alunos.

³⁰³ PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA, 2012, p. 58.

³⁰⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA, 2012, p. 61.

Entende-se que ao aproximar as produções artísticas que integram a cultural local na qual o aluno está inserido, cria-se a oportunidade de construir um olhar crítico em relação à arte local, possibilitando assim que os alunos se vejam e se reconheçam nessas produções.³⁰⁵

O documento norteador do ensino de artes no município apresenta eixos temáticos como história da arte, novas tecnologias, indústria cultural e diversidade, este último de modo a reconhecer a importância da diversidade cultural, orientando trabalhos relacionados a produção e conhecimento sobre a arte erudita, arte indígena, arte afro-brasileira, arte oriental, arte urbana e questões de gênero de arte produzida por mulheres.

Continuando com os relatos da entrevista, perguntei a representante da SEME de Cariacica se a cultura de Congo se relaciona com alguma religião, ela afirmou que sim, que há aliança da cultura com a religião católica. Perguntei se o ensino religioso é oferecido nas escolas da rede, ela afirmou que sim, porém mencionou que existem problemas no ensino religioso escolar não só no município, mas também em todo Brasil. Apontando que a formação da maioria dos professores da disciplina é proveniente de cursos de graduação ofertados por igrejas evangélicas e que alguns professores adotam a postura de evangelização dos alunos de acordo com suas formações religiosas. Disse que em sua opinião a disciplina não deveria ser ofertada por esse motivo.

O fato mencionado pela representante da SEME demonstra uma visão pessoal e certa decepção da profissional com a abordagem da disciplina por alguns professores, de modo que estes não contribuiriam na formação dos alunos em relação a compreensão e respeito à diversidade, seja religiosa ou cultural. Essa postura dos profissionais vai contra as diretrizes para esta disciplina:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso estabelecem os objetivos desta disciplina, definindo com clareza as inovações do Ensino Religioso para que se atinjam os seus fins; valorizando o pluralismo e a diversidade presentes na sociedade brasileira.³⁰⁶

Porém, pode ser que a pedagoga desconheça o trabalho desenvolvido por bons profissionais em suas respectivas aulas. Uma vez que as diretrizes do município para esta disciplina orientam “a utilização dos eixos apresentados e o desenvolvimento do conteúdo a partir de sequências didáticas.”³⁰⁷ Entre os conteúdos contemplados nos eixos temáticos estão o diálogo nas religiões, direitos humanos e o convívio social, noções de gênero, diversidade

³⁰⁵ PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA, 2012, p. 62.

³⁰⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA, 2002, p. 158.

³⁰⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA, 2002, p. 159.

cultural e religiosa com um período de enfoque para religiões afro-brasileiras e religião Indígena.

A pedagoga mencionou uma formação oferecida pela secretaria de educação onde aconteceu interações com várias religiões, em especial as de matrizes africanas, quando esta foi apresentada ao grupo de estudo foi simulado um terreiro no auditório onde dois sacerdotes, pais de santo, explicaram sobre os símbolos e elementos dessas religiões aos participantes. Disse que os professores evangélicos saíram horrorizados da formação e que houve muita polêmica em relação à abordagem proposta, porém defendeu a abordagem dizendo que o objetivo era que os participantes compreendessem melhor aquela religião em uma discussão própria das ciências das religiões.

Ao perguntar sobre como a secretaria de educação poderia ajudar na divulgação e valorização da cultura de Congo, a representante da secretaria respondeu com uma opinião pessoal apontando que seria muito importante um trabalho integrado entre determinadas instituições, mas que este relacionamento entre elas não existe no momento e que há uma dificuldade de diálogo e de trabalho em conjunto para questões relacionadas à promoção da cultura nas escolas do município.

Eu penso que Cariacica, assim, educação e cultura, as duas secretarias, elas não se deram conta ainda que elas são fundamentais para fazer a manutenção deste patrimônio cultural. Esse trabalho de rede deveria existir, mas a gente não tem esse trabalho de rede. Esse trabalho de rede é algo ainda muito distante para a realidade de Cariacica.³⁰⁸

Concluiu apontando a importância na formação de professores pesquisadores, que se identifiquem e se interessem com a cidade e sua história para abordar essa temática. Citou a dificuldade da profissão em relação a dedicação dos profissionais, uma vez que muitos professores da rede municipal trabalham em várias escolas ou em outras redes de ensino. Mencionou uma possível falta de relacionamento destes com a cidade, pois alguns não residem no município, também relatou a dificuldade encontrada em relação à forte religiosidade de alguns profissionais que preferem não abordar e integrar essa temática da cultura de Congo em seus conteúdos curriculares.

Nas diretrizes curriculares de ambos os municípios, os eixos temáticos relacionados à diversidade, cultura afro-brasileira e indígena são oferecidos de acordo com as leis federais que

³⁰⁸ OLIVEIRA, Salomé de Sá. *Opinião sobre o papel das secretarias de educação e cultura na divulgação e valorização da cultura de congo no município de Cariacica*. Cariacica, 06 mar. 2017. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

obrigam a abordagem dos temas. Os dois municípios oferecem a disciplina de artes desde a educação infantil e todo o ensino fundamental. No município de Vitória a disciplina é ofertada já no primeiro ano de vida da criança e em Cariacica a partir de turmas de 4 e 5 anos de idade, garantindo o acesso a formação cultural e artística do indivíduo desde a primeira infância. As temáticas que abordam a cultura popular e o folclore estão inseridas nas diretrizes curriculares desta disciplina em ambos os municípios. Que essas temáticas se integram no processo de ensino-aprendizagem. E que o conhecimento da realidade geográfica, social, econômica e cultural regional também é o princípio do ensino para outras áreas do conhecimento.

Cariacica oferece a disciplina de Ensino Religioso em todos os anos do ensino fundamental enquanto Vitória se prepara para a implementação da disciplina. As duas secretarias municipais de educação pesquisadas oferecem formações relacionadas às temáticas étnico-raciais para os profissionais interessados, também fornecem orientações e materiais didáticos para trabalho nas escolas. Entretanto, pela fala das gestoras, o trabalho pedagógico desenvolvido e relacionado com os temas pesquisados nas escolas depende do interesse e empenho dos gestores escolares e professores. As escolas municipais possuem autonomia em relação à escolha de temas em seus projetos pedagógicos. Que a identificação, experiência pessoal e o envolvimento dos profissionais com as temáticas de diversidade, étnico-raciais e de cultura popular facilitam a abordagem e desenvolvimento de apresentações culturais e trabalhos relacionado a estes temas nas escolas.

A pesquisa de campo nas escolas de ambos os municípios buscou identificar nos profissionais, alunos e seus familiares aspectos de identificação cultural com formas de expressões de cultura popular e seus conhecimentos sobre a cultura de Congo. Nos relatos dos mesmos pude perceber características que apontavam preconceitos raciais, sociais, culturais e religiosos, estes dados se mostraram significativos para propor caminhos que quebrem ou amenizem estes preconceitos para facilitar a inserção do Congo nas aulas de Artes.

Os entrevistados nas escolas, profissionais e alunos, responderam às perguntas de uma entrevista presencial que foi registrada por vídeo, já os familiares dos alunos responderam um questionário semiaberto, de forma que os entrevistados pudessem emitir suas opiniões sobre o assunto abordado. Todos os entrevistados também foram convidados a responder um questionário fechado sobre seus hábitos culturais para analisar o acesso que os mesmos possuem a atividades artísticas e culturais.

3.2 Percepções e relatos da pesquisa de campo

Com 28 anos de idade vim de outro estado para atuar como professor da disciplina de artes no Espírito Santo. Até então não conhecia nada sobre as manifestações populares de Congo e de Congadas, nem mesmo em Minas Gerais, minha terra natal. Ao presenciar reações preconceituosas de alunos e mesmo de colegas em relação a uma apresentação de Congo Capixaba e de elementos visuais relacionados a essa manifestação cultural em uma escola que trabalhei, senti o desejo de conhecer mais sobre esta forma de expressão folclórica e a razão pela qual despertava incômodo em algumas pessoas, motivando-me a desenvolver esta pesquisa que resultou nesta dissertação de mestrado.

Como relatado anteriormente na introdução, esta pesquisa contou em um primeiro momento em uma pesquisa bibliográfica para conhecer as origens culturais desta manifestação cultural. Pude conhecer outros pesquisadores desta temática em encontros acadêmicos e mesmo em festas populares. A participação e apreciação de festejos populares da cultura de Congo na região da grande Vitória foi um fator enriquecedor para conhecer mais sobre a expressão e também fazer contato com praticantes, mestres e produtores culturais. Estes contribuíram com seus conhecimentos e relatos que foram descritos no capítulo anterior.

No segundo momento da pesquisa a atenção foi voltada para as escolas. Foram escolhidas três escolas em cada município pesquisado. A escolha das escolas levou em consideração aspectos significativos para fazer análises e comparações entre elas. A primeira escola próxima a manifestações ou bandas de Congo. A segunda escola afastada das manifestações e próximas a centros comerciais. E a terceira escola que tivesse ou tiveram trabalhos relacionados ao Congo ou as leis de valorização das culturas afro-brasileiras e indígenas. Nestas escolas apresentei questionários para verificar o acesso que os mesmos possuíam em relação as formas de expressão cultural, tanto de massa, erudita ou popular. Nas entrevistas fiz diversas perguntas, entre elas, sobre identificação étnica, religiosa, preferências musicais dos entrevistados. Também sobre seus conhecimentos sobre a cultura de Congo, como se dá o trabalho escolar relacionado às temáticas étnico-raciais e a percepção dos entrevistados em relação a preconceitos.

De modo geral, vi uma boa aceitação das escolas em relação ao trabalho de pesquisa. Em determinadas escolas notei certa resistência de alguns poucos profissionais em relação ao tema, alguns se recusando a participar ou apresentando algum outro motivo para não participarem. Em relação aos alunos, tive muitas participações, porém observei que um número

expressivo de alunos que foram convidados e que levaram os questionários de autorização para os pais ou responsáveis foram impedidos por estes ou não quiseram participar.

Na primeira escola pesquisada tive a participação e autorização de dez profissionais e notei a resistência de uma professora. Contei com a ajuda de professores e coordenadores para abordar alunos de diferentes séries/anos escolares, entrevistando alunos dos segundos aos nonos anos do ensino fundamental, totalizando sessenta entrevistas, apesar de muitas participações, apenas dezesseis autorizações permitindo a utilização dos dados retornaram. Cinco alunos declaram que os pais ou responsáveis não autorizaram suas participações. Destes, um havia mencionado na entrevista gravada ser católico e quatro declaram seguir religiões evangélicas de linha pentecostal. Também enviei questionários de participação para pais de dez alunos entrevistados. Destes, apenas um retornou preenchido e autorizado. Mesmo com a insistência em retornar por algumas vezes na escola para recolher e enviar novos formulários de autorização para os responsáveis dos alunos entrevistados percebi o pouco entusiasmo e responsabilidade desses alunos ao encaminhar os documentos aos familiares, fator que ocasionou baixo retorno dos documentos. Isto gerou certa frustração, pois dediquei um bom tempo nesta escola, cerca de quatro dias, um encontro semanal, totalizando quatro semanas de entrevistas. Nesta escola a participação foi 27% de alunos autorizados contra 73% de alunos que não retornaram com os formulários ou não foram autorizados. Em relação aos pais ou responsáveis os números foram ainda menores, 10% de autorizações contra 90% que não retornaram. Porém não foi possível identificar quantos se recusaram a participar ou se estes formulários realmente chegaram às mãos destes pais ou responsáveis uma vez que os alunos foram os intermediários dos formulários e muitos destes também não retornaram com suas autorizações assinadas.

Em outra escola, procedi da mesma maneira. Primeiro entrevistei alguns alunos, porém antes pedi indicação da equipe escolar para que sugerissem alunos que tivessem comprometimento com o retorno dos formulários pelas famílias. Com isso enviei para todos os alunos menores de idade abordados formulários de autorização e questionários de participação dos pais ou responsáveis. Nesta escola a participação foi de 70% de alunos menores de idade autorizados contra 30% que não retornaram ou não autorizaram. Em relação aos pais, houve o retorno de 43% dos questionários de pesquisa enviados. Destes, dois retornaram parcialmente preenchidos, porém não autorizando a participação deles e dos alunos na pesquisa. Deduzo, pelas respostas apresentadas, que ao preencherem os formulários e reconhecerem em si características de preconceito, desistiram de continuar fornecendo outras informações. Observei que as religiões declaradas por eles nos formulários eram evangélicas, um de linha pentecostal

e outra linha neopentecostal. O tempo disponível nesta escola foi de três dias, em três semanas distintas. Nesta escola também contei com a participação de onze alunos de turma de EJA, educação de jovens e adultos, e também de três profissionais da escola, entre eles um de religião evangélica tradicional que demonstrou falta de identificação cultural e indiferença na abordagem de temáticas relacionadas a questões étnico-raciais e de religiões de matriz africana.

A experiência com as escolas anteriores fez com que minha abordagem mudasse nas escolas seguintes. Também dediquei cerca de três encontros para cada escola, porém, primeiro convidava os alunos nas salas de aula e enviava os formulários de autorização e questionários de participação para os pais e responsáveis dos alunos interessados em participar da pesquisa. Depois realizava a entrevista com os alunos que retornavam com as autorizações assinadas. Entretanto, mesmo com a mudança de abordagem, notei o pouco retorno de autorizações em relação ao grande número de formulários distribuídos para os alunos convidados que se ofereceram. Em duas escolas, cerca de um quarto dos formulários retornavam assinados e a adesão dos pais foi ainda menor. Porém, em outras duas escolas, fiquei surpreso com o expressivo número de participações, tanto de alunos como de pais e responsáveis. Acredito que a ajuda e empenho dos profissionais das escolas pesquisadas foi fundamental para o maior número de participações. Nas escolas onde os profissionais se interessaram pela pesquisa e cobraram o retorno das autorizações, a adesão dos alunos e consequentemente de suas famílias foram maiores. Nas escolas onde percebi que a equipe não se interessou pela pesquisa, que a presença de um pesquisador naquele momento incomodava ou atrapalhava as atividades escolares, não transmitiu confiança e responsabilidade para os alunos que não se sentiram motivados a contribuir ou empenho em envolver os familiares.

Durante a pesquisa de campo, pude observar que as falas e atitudes dos profissionais nas escolas em relação às temáticas étnico-raciais ou de manifestações culturais relacionadas a outras expressões religiosas que não as suas, causam incômodo devido à falta de identificação cultural ou mesmo de capacitação para abordar os temas. Profissionais que têm maior identificação com elementos culturais afro-brasileiros ou conhecimento sobre outras manifestações religiosas são mais abertos a trabalhos relacionados ao reconhecimento e valorização das culturas afro-brasileiras e indígenas, enquanto os profissionais que não se identificam cultural ou religiosamente, mesmo sendo obrigatório, por vezes não se interessam em abordar as temáticas e não se envolvem com o mesmo entusiasmo dos que se identificam.

Igualmente, na pesquisa, pude constatar que alguns alunos e seus pais ou responsáveis também apresentaram aversões à manifestação cultural do Congo, mesmo afirmando que não conheciam e que nunca tinham ouvido ou visto uma apresentação.

3.3 Entrevistas nas escolas e relatos sobre o preconceito em relação ao congo na escola.

No total da pesquisa de campo nas escolas entrevistei 273 pessoas, 76 destes entrevistados não devolveram os formulários de autorização e 14 responsáveis não autorizaram a participação dos alunos na pesquisa ou o uso dos dados fornecidos pelos alunos entrevistados antes do envio dos formulários. Outro dado a se considerar foi o de alunos convidados a participar das entrevistas que não retornaram com as autorizações dos familiares e desse modo não participaram da entrevista, esse número foi de 58 pessoas, totalizando o número de 331 oficialmente convidados para participar desta pesquisa nas escolas. Porém, reunindo todos os grupos de alunos, de familiares e profissionais das escolas, o número de entrevistados autorizados totalizou 183 participações.

RELAÇÃO DOS CONVIDADOS E ENTREVISTADOS NA PESQUISA DE CAMPO NAS ESCOLAS	ESCOLAS DE CARIACICA			CARIACICA		ESCOLAS DE VITÓRIA			VITÓRIA		TOTAL GERAL 331	% GERAL
	EMEF ÂNGELO ZANI	EMEF EUVIRA BENEDITA	EMEF ROSA DA PENHA	TOTAL	%	EMEF HELOISA ABREU	EMEF MARIETA ESCOBAR	EMEF ANACLETA SCHNEIDER	TOTAL	%		
	CONVIDADOS QUE NÃO DEVOLVERAM OS FORMULARIOS	0	0	8	8	4%	0	30	20	50		
ENTREVISTADOS QUE NÃO DEVOLVERAM OS FORMULARIOS	7	19	40	66	35%	0	2	8	10	7%	76	23%
NÃO AUTORIZADOS DECLARADOS	1	2	5	8	4%	2	2	2	6	4%	14	4%
ENTREVISTADOS AUTORIZADOS	36	47	26	109	57%	38	20	16	74	53%	183	55%

QUADRO/TABELA - Relação dos convidados e entrevistados na pesquisa de campo nas escolas. Fonte: Elaborado pelo autor.

A tabela acima aponta que a rejeição maior a pesquisa ou a temática abordada foram em escolas localizadas distantes de manifestações de cultura popular e próximos aos centros comerciais. Os percentuais dos entrevistados autorizados alcançaram números muito próximos e o percentual dos convidados que declararam a não autorização dos alunos foi semelhante em ambos os municípios pesquisados. Entretanto, não pude averiguar se foi um aspecto de rejeição a não devolução dos formulários pelos alunos, uma vez que foram eles que levaram os formulários para seus responsáveis. Com isso, não pude precisar se esses formulários chegaram ao conhecimento dos mesmos.

Nas pesquisas de campo nas escolas, o objetivo da entrevista qualitativa foi averiguar os conhecimentos dos alunos, seus familiares e os profissionais sobre a manifestação de Congo. Pude ouvir e analisar a opinião dos participantes sobre essa cultura popular e também de temáticas afro-culturais e indígenas na escola. Através dos relatos visei identificar se essa percepção de preconceito existia entre os entrevistados e também registrei suas sugestões para

abordar e combater formas de preconceitos. Paralelamente as entrevistas, os participantes responderam a um questionário fechado sobre seus hábitos culturais que visou identificar de forma quantitativa o acesso dos mesmos a espaços e formas de manifestações artísticas e culturais. Nessa parte da pesquisa abordarei no próximo tópico.

Sintetizando os relatos descritos das entrevistas gravadas em números quantitativos³⁰⁹, pude observar que o total de entrevistados que afirmaram conhecer a cultura de Congo foi de 69%. Número que se mostrou maior entre os adultos e nos entrevistados do município de Cariacica. A manifestação se mostrou mais conhecida pelos alunos de mais idade ou de séries dos últimos anos do ensino fundamental II. Porém, as escolas que trabalham com atividades relacionadas ao Congo a manifestação da cultura popular é mais conhecida pelos alunos de ensino fundamental I. Dos responsáveis pelos alunos que responderam essa questão, 81% dos familiares de Cariacica afirmaram conhecer a expressão cultural enquanto esse número representa 52% no município de Vitória. O número total de pessoas que afirmaram que nunca ouviram uma música de Congo foi de 20% em ambos os municípios pesquisados. Entretanto, a ausência do contato cultural com essa expressão musical se mostrou maior no grupo de alunos do fundamental I de Cariacica, representando 82% dos entrevistados desse seguimento, 38% dos alunos do fundamental II de Vitória e 19% de familiares do município de Vitória.

Sobre a apreciação dessa forma cultural, nem todos que afirmaram conhecer a manifestação, gostam do ritmo ou da música de Congo. O número de alunos e profissionais que afirmaram conhecer o Congo e não apreciam o gênero variou entre 10% e 25%. Entre os familiares a rejeição ao Congo é ainda maior. Esses números representam 43% em Vitória e 47% em Cariacica. Interessante foi notar que esse número foi grande entre os familiares entrevistados nas escolas localizadas próximas as sedes de bandas e de festividades de Congo. Dos 14 familiares entrevistados em Vitória, apenas 2 disseram apreciar o gênero. Em Cariacica a rejeição foi mencionada por 12 dos 22 familiares entrevistados da escola próxima ao Congo. A grande rejeição a essa manifestação também está ligada a religião dos entrevistados, dos que mencionaram não apreciar o gênero ou a manifestação, a grande maioria declarou ser de religião cristã protestante. A rejeição em outros grupos pesquisados também foi maior nos entrevistados que declararam pertencer a denominações religiosas evangélicas.

Outra observação que se faz necessária o registro, é do número de menções sobre o que o Congo significava ou representava para as pessoas entrevistadas. Durante a entrevista o participante pode citar uma ou mais características que foram contabilizadas em uma tabela.

³⁰⁹ O resultado desta pesquisa segue nos apêndices das páginas 143 e 144.

Exceto pelo grupo dos alunos do Ensino Fundamental I, em que a maioria dos alunos afirmou não conhecer a Cultura de Congo. Os demais grupos mencionaram que o Congo representava uma cultura. Esta também foi a característica mais apontada pelo total de entrevistados com 104 menções, seguidos por 21 apontamentos de pessoas que não conheciam a manifestação e que preferiram não opinar, 16 apontamentos que mencionaram que era uma forma de dança, 14 apontamentos que representava uma forma musical, 12 apontamentos que disseram que era uma manifestação folclórica, 6 menções sobre festa, 6 menções apontaram características de resistência cultural e 1 pessoa mencionou alegria. Apenas 9 pessoas entrevistadas associaram a expressão do Congo com uma manifestação religiosa. Esse fato mostra que mesmo com a maior parte dos entrevistados mencionando que o Congo está relacionado a características culturais e poucos relacionando a expressão com manifestações religiosas, as falas e relatos de alguns entrevistados entram em contradição, pois mesmo reconhecendo e identificando o Congo como uma manifestação cultural, estes evidenciaram características de preconceito relacionadas a fatores religiosos em seus discursos.

Durante a pesquisa de campo nas escolas, a percepção que tive em relação a alguns relatos foi que um grande número de entrevistados, mesmo aqueles que concederam entrevista, mas não devolveram os formulários de autorização, afirmaram ter presenciado ou terem conhecimentos de aspectos de preconceitos relacionados à manifestação de Congo. Alguns dos entrevistados, também manifestaram preconceitos, mesmo afirmando nunca ter assistido ou ouvido o Congo, basearam algumas de suas opiniões na fala preconceituosa de alguns familiares e conhecidos. Os relatos a seguir descrevem a percepção de alguns alunos entrevistados sobre preconceitos relacionados à manifestação de Congo, tanto na escola, quanto na sociedade.

A maioria das pessoas que participam do Congo são de cor negra e parda, raro ver uma pessoa de cor branca participar, as pessoas dizem que congo puxa pro lado do candomblé e não acredito que é isso, é simplesmente uma cultura. [...] A dança chama a atenção, é divertida, tem muita alegria, é contagiante. Na hora que estão tocando, chamando o povo você sente a dança pra quem gosta. [...] Uma vez, quando participei do congo em roda d'água, estava chovendo muito e a energia não parou e cada vez foi fluindo mais, porque o povo de lá estava também precisando de chuva, estava muito seco a um tempo atrás, aí continuou, e foi cada vez mais se enchendo de alegria e a energia foi contaminando todo mundo, contagiando e a gente começou a pular e dançar mesmo na lama, quando a gente estava vindo embora aí o pessoal do ônibus que a gente pegou estava falando que a gente era pembeiro, macumbeiro. Olha como que tá o porco na lama, o pembeiro fica fazendo macumba, entendeu? E isso não tinha nada a ver uma coisa com a outra. Eles não vivenciaram, não participaram, entenderam, não estavam no meio pra saber e julgaram uma coisa que não era. A gente nem pode levar fé nas coisas que as pessoas falam.³¹⁰

³¹⁰ ESTUDANTE A. *Sobre o preconceito sofrido por participar de rodas de Congo*. Cariacica, 16 nov. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

No relato acima, “A”, de 34 anos, que se auto identifica como parda e é aluna da EJA de Cariacica relata o que sente quando dança o Congo e menciona que já sofreu preconceito por participar de festejos. Outra aluna do EJA da mesma escola, “B” de 17 anos, que se auto identifica como negra, afirmou transitar entre duas religiões, dizendo frequentar um “centro espírita” e também igrejas evangélicas. Esta estudante mencionou um preconceito em seu meio familiar: “Dentro da minha família tem gente que fala que isso é macumba. Pra mim, o congo e o centro espírita é quase a mesma coisa. Tem essas danças que eles fazem e essas roupas que eles usam, tem gente que julga que é a mesma coisa.”³¹¹ Perguntei se ela via semelhanças na dança praticada no centro e na dança do Congo. Ela respondeu: “São diferentes, mas tem gente acha que a mesma coisa, não a dança, mas a pratica deles, as roupas.”³¹² Ao ser questionada se ela enxergava semelhança nas roupas dos congueiros com as das cerimônias dos centros, ela respondeu: “Mais ou menos, eles costumam usar roupa branca, saia branca, no congo eles usam roupas coloridas, mas no congo também usam muitos cordões e miçangas como no centro.”³¹³ Pelo seu conhecimento sobre a religião de matriz africana que ela chamou de centro espírita, B, consegue diferenciar alguns elementos distintos nas manifestações, porém a mesma afirma no início que não diferencia os aspectos religiosos nas manifestações e que membros de sua família enxerga a expressão popular com preconceito.

Perguntei para “C”, de 13 anos, aluna da mesma escola, o que significava o Congo para ela: “Nada, para minha mãe significa macumba. Na escola participei uma vez, mas minha mãe não queria deixar.”³¹⁴ Em seu relato, a aluna afirmou que não tem religião e que sua família não frequenta nenhuma templo religioso, mesmo assim sua mãe tem preconceito religioso em relação a manifestação.

A aluna “D”, de 14 anos, de uma escola localizada próxima ao centro de Vitória, afirmou ser de raça negra e definiu sua cor como preta, disse ser espírita, praticante da Umbanda. Para ela, o Congo é uma cultura. Ao ser questionada se a manifestação se associa com alguma religião, a mesma disse que com religiões de matriz africana. Perguntei se já havia observado aspectos de preconceito em relação ao Congo, ela respondeu: “Sim. Pelo modo de cantar e pelos instrumentos que eles utilizam: tambores, chocalhos e cantigas que colocam algumas palavras

³¹¹ ESTUDANTE B. *Opinião sobre o Congo e relação da cultura com religião de matriz afro*. Cariacica, 16 nov. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

³¹² ESTUDANTE B, 2016.

³¹³ ESTUDANTE B. 2016.

³¹⁴ ESTUDANTE C. *Sobre a opinião da família a respeito do Congo*. Cariacica, 31 out. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

que outras religiões acham inapropriadas.”³¹⁵ Perguntei também se ela já havia sofrido ou presenciado algum preconceito por ser de religião de matriz africana, a estudante respondeu: “Os nossos orixás guias são chamados de demônios porque não conhecem nossa religião. Como a gente cultiva os mesmos santos da igreja católica de modo diferente, tem uma fé do mesmo jeito, a gente chama eles por outros nome a gente sofre preconceito.”³¹⁶ Em sua fala, a aluna enxerga preconceitos religiosos e culturais, pelo uso dos instrumentos comuns em religiões de matriz africana e pelas composições das cantigas.

A fala de uma estudante de 15 anos da escola citada anteriormente em Cariacica, que se auto identificou como morena e frequenta a igreja Assembleia de Deus, menciona uma contradição e preconceito. “Eu não associo o congo com religião nenhuma, antes eu associava com o candomblé por causa da dança, tem semelhanças nas danças do ritual de candomblé e a do Congo.”³¹⁷ Quando perguntada se considera a dança de Congo como religiosa, ela respondeu: “Não considero religiosa, pois eles estão servindo a um deus que eu não sirvo”. Perguntei então se seus pais apoiariam o congo na escola: “Não. Eu tenho pastor na família que leva pro lado religioso.”³¹⁸ Para a aluna, a visão de religião se limita apenas a sua crença. Apesar de afirmar que não associa a manifestação com religião, a mesma diz que ao dançar os congueiros servem a um deus diferente do que ela cultua.

A estudante “F”, Testemunha de Jeová, de 14 anos, que se define como parda, aluna de uma escola que trabalha temáticas afro-culturais em Vitória é mais radical em relação a temática do Congo na escola: “Acho um tanto desnecessário.”³¹⁹ Afirmou que a família não permitiria e ela não participaria de apresentações, pois odeia este tipo de cultura. Ao ser questionada se já havia ouvido alguma menção preconceituosa sobre a cultura de Congo, ela respondeu: “dizem que é macumba, na escola, as pessoas, em geral, em qualquer lugar dizem isso”³²⁰. Ela reconheceu o trabalho da escola em relação as temáticas relacionadas a cultura afro-brasileira, porém, mencionou que algumas coisas não deveriam ser apresentadas à todas, se referindo à religião. Esta fala da aluna mostra a resistência dela às formas culturais ou manifestações que se relacionam com religiões diferentes da dela. A palavra ódio mencionado pela aluna exerce um peso negativo e pode estar relacionado a aspectos culturais e religiosos.

³¹⁵ ESTUDANTE D. Vitória, 05 dez. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

³¹⁶ ESTUDANTE D, 2016.

³¹⁷ ESTUDANTE E. *Sobre sua opinião a respeito do Congo*. Cariacica, 31 out. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

³¹⁸ ESTUDANTE E, 2016.

³¹⁹ ESTUDANTE F. *Sobre sua opinião a respeito do Congo na escola*. Vitória, 28 nov. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

³²⁰ ESTUDANTE F, 2016.

Mostra que ela e sua família não estão abertas ao diálogo cultural ou religioso. Isso evidencia a importância da implementação da disciplina de ensino religioso no município de Vitória para promover este diálogo.

Outros diversos relatos de alunos de outras escolas mencionaram preconceitos religiosos vindos de seus familiares. Reproduzo o diálogo da entrevista com uma aluna de 12 anos de uma escola próxima a manifestações de Congo em Cariacica. A fala do pesquisador é indicada por P e a da estudante entrevistada é G.

P - Você conhece o congo?

G - Sim.

P - Gostou?

G - Sim.

P - Participaria de uma apresentação?

G - Sim, participaria, mas acho que minha mãe não deixaria.

P1 - Por que?

G - Porque o pastor falou que isso não é de Deus.³²¹

A fala de um aluno de 12 anos desta mesma escola mostra como o preconceito é caracterizado pelo desconhecimento do assunto e reprodução da fala de terceiros: “Minha mãe falou que Congo é macumba, ela disse que viu duas pessoas falando e ela falou também.”³²² Um aluno de 14 anos de uma escola próxima ao centro comercial de Cariacica tem consciência de associações equivocadas. Ao ser questionado se a cultura de congo tem associação com alguma religião, o mesmo respondeu: “Talvez, tipo umbanda, essas religiões mais espiritistas. Não sei, acho que um estereótipo, uma coisa que já está na minha cabeça, uma associação que já é feita automática.”³²³

O relato da estudante de 9 anos de uma escola de Vitória, que se considera morena e frequenta a igreja Maranata, mostra como o conhecimento pode mudar a opinião preconceituosa a respeito da manifestação. A fala do pesquisador é indicada por P e a da entrevistada é J.

J - Meu avô acha que é macumba. Ele não gosta porque ele acha que é muita coisa muito ruim, uma coisa feia.

P - Você também acha isso?

J - Não.

P - Porque você acha que ele tem essa opinião?

J - É por causa que ele tem preconceito. Teve um dia que ele disse que era macumba, mas depois ele disse: Não acho que é macumba não, agora entendi tudo!

P - Porque ele entendeu? Você conversou com ele?

³²¹ ESTUDANTE G. *Sobre sua opinião a respeito do Congo na escola*. Vitória, 05 dez. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

³²² ESTUDANTE H. *Sobre sua opinião da família a respeito do Congo*. Cariacica, 07 nov. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

³²³ ESTUDANTE I. *Sobre estereótipos*. Cariacica, 26 set. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

J – É. Ele pesquisou na internet o que que é Congo, por que ele não sabia direito e falava que era macumba.³²⁴

Muitos foram os relatos dos alunos mencionando preconceitos, porém ocupariam muitas páginas dessa pesquisa se fossem todos transcritos. Mencionarei algumas respostas descritas pelos dos familiares nos formulários que foram devolvidos pelos alunos.

Ao ser perguntada se participaria de uma apresentação de Congo ou deixaria seu filho participar uma mãe, de religião Batista, de um aluno de Cariacica respondeu: “Não e não deixaria, nossa religião não permitiria.”³²⁵ Para outra mãe, que frequenta a Assembleia de Deus, de uma aluna de Cariacica “Não, pois seria contra o deus que eu sirvo. Falou em Congo, logo pensamos que é macumba.”³²⁶ Questionada como poderia combater formas de preconceito a mesma respondeu: “Aprendendo, participando e conhecendo. Às vezes somos ignorantes por não conhecermos.”³²⁷ As falas das mães sugerem que questões religiosas interferem na participação dos alunos em apresentações desta forma de expressão na escola. Na última resposta, a mãe da aluna reconhece que o preconceito é gerado pela falta de informação e conhecimento. A mãe de um aluno de 9 anos de uma escola afastada do centro comercial e de manifestações de Congo em Vitória afirmou: “Sou baiana e moro a dez anos aqui e não tenho conhecimento sobre o Congo.”³²⁸ Mostrando que a cultura de Congo não é muito divulgada nas regiões periféricas de Vitória e que a manifestação não tem muito espaço nos meios de comunicação populares.

Outra mãe, que respondeu o questionário, frequenta a igreja Assembleia de Deus e é filha de um mestre de Congo de Cariacica. “Meu pai é mestre, então tipo eu nasci no congo capixaba. Para mim não representa nada por causa da minha religião, mas para meu pai o congo é tudo, porque ele viveu toda a vida nisso então é muito importante.”³²⁹ No questionário de hábitos culturais mencionou preferir ouvir músicas religiosas, ao ser questionada se gosta de ouvir o Congo a resposta dela foi: “Mais para menos”³³⁰. Disse deixar a filha participar do Congo porque a garota de 13 anos gosta e disse também ter participado no passado.

A mãe de uma aluna de 14 anos de uma escola próxima a manifestações de Congo em Cariacica emitiu sua opinião sobre a introdução do Congo na escola: “Acho Interessante,

³²⁴ ESTUDANTE J. *Preconceito por desconhecimento*. Vitória, 30 nov. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

³²⁵ FAMILIAR A. Cariacica, 31 out. 2016. Resposta do questionário da pesquisa de Douglas Pinheiro Costa.

³²⁶ FAMILIAR B. Cariacica, 01 nov. 2016. Resposta do questionário da pesquisa de Douglas Pinheiro Costa.

³²⁷ FAMILIAR B, 2016.

³²⁸ FAMILIAR C. Cariacica, 28 nov. 2016. Resposta do questionário da pesquisa de Douglas Pinheiro Costa.

³²⁹ FAMILIAR D. Cariacica, 21 nov. 2016. Resposta do questionário da pesquisa de Douglas Pinheiro Costa.

³³⁰ FAMILIAR D, 2016

introduzindo cultura, porém desde que não seja obrigatório a todos. Que respeitem a nossa escolha.”³³¹ Visão essa compartilhada por outros relatos de familiares de outras escolas.

Os profissionais de vários seguimentos das escolas, dentre eles diretores, vice-diretores, pedagogos e bibliotecários, também foram questionados sobre as leis que abordam temáticas afro-culturais na escola. Destes profissionais do município de Cariacica, 88% afirmaram conhecer a lei, em Vitória esse número foi de 89%. Sintetizando a opiniões emitidas pelos profissionais que se manifestaram em relação ao assunto em números quantitativos observei que em Cariacica 43% dos entrevistados acham a lei importante ou interessante, em Vitória esse número foi de 36%. Em Cariacica 14 % acham que a obrigatoriedade da lei se fez necessária, em Vitória esse número foi de 46%. Os profissionais do município de Cariacica que não concordam com a obrigatoriedade da lei foram de 14% e em Vitória 9%. Os que não concordam com a abordagem de temáticas relativas a cultura afro-brasileira representou 29% em Cariacica e 9% em Vitória. No município de Vitória os profissionais que afirmaram que a escola em que trabalham aborda temas relacionados a lei foi de 72%. 17 % mencionaram que o trabalho existe mais deveria ser melhor trabalhado, enquanto 11% dos entrevistados disseram que esse trabalho não é feito. Em Cariacica não colhi dados suficientes relacionados a esta questão para precisar os números.

A fala da gestora de uma escola municipal de Cariacica que tem um grupo de capoeira e que trabalha eventualmente com temáticas relacionadas às leis mencionadas, ressalta que o empenho dos profissionais se faz necessário em relação ao trabalho desempenhado: “A escola é um todo, enquanto gestora tento propiciar, mas o professor tem que querer. Nós tentamos dar importância, resgatar a lei, de estar trabalhando essa questão.”³³² A gestora também emitiu sua opinião sobre as leis e relatou a dificuldade em dar continuidade em um projeto de formação de uma banda de congo formada por alunos da escola:

Acho que houve a necessidade para se resgatar, uma deficiência, uma fragilidade que ocorreu em certa época na história. Acho importante esse resgate. É por imposição? É! Mas infelizmente para acontecer tem que ir por imposição. Para resgatar certos direitos que acabam perdidos. [...] Logo quando entrei na escola tentamos implantar uma banda de congo na escola, por que a região trabalha com isso, o foco é o congo. E houve a questão da religiosidade, os pais estarem procurando e dizendo que isso não era cultura, houve uma rejeição, muita crítica e também houve a questão de nosso espaço físico, nossa acústica não permite por causa dos batusques, não tivemos condições. Mas a gente vê que há um certo preconceito.³³³

³³¹ FAMILIAR E. Cariacica, 21 nov. 2016. Resposta do questionário da pesquisa de Douglas Pinheiro Costa.

³³² GESTORA A. Cariacica, 31 out. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

³³³ GESTORA A, 2016.

O funcionário de uma escola próxima a manifestações de Congo em Cariacica mencionou porque alguns pais não deixam os alunos assistirem ou participarem de apresentações de Congo:

Justamente por acharem que as religiões de matriz africana são satânicas, tem a ver com macumba, com voodoo. Já tem algum tempo que eu trabalho na escola, eu vejo que quando tem um tipo de atividade que tem a ver com Congo, tem muitos pais que não deixam o filho participar porque o pastor lá falou que é coisa do Diabo.³³⁴

Uma pedagoga de Cariacica relatou que o preconceito religioso em relação ao Congo acontece até mesmo em profissionais da escola que deveriam ter informação e conhecimentos sobre a forma de expressão cultural:

Acho que o desconhecimento desta cultura é que faz as pessoas se afastarem e terem alguns preconceitos. Me assustou muito uma experiência que vivi ano passado, eu enquanto pedagoga e uma professora de história, estávamos pensando em uma festa folclórica e propus: vamos trabalhar alguma coisa ligada ao Congo e você aproveita trás as questões da cultura afro. A professora disse: Deus que me livre! Isso é do Diabo! então para mim, a grande questão do preconceito em relação a essa manifestação na verdade é o desconhecimento.³³⁵

Um professor de música de Vitória e estudioso de música erudita descreve com muita propriedade a manifestação do Congo na escola. Sobre a visão equivocada de alguns profissionais e de familiares de alunos em relação à cultura. Também do uso instrumentos de percussão por manifestações religiosas afro-brasileiras.

O Congo tem uma mistura de grande influência indígena e afro-brasileira. O Congo tem relação religiosa mais pelo repertório, o tema de algumas canções é como se fosse uma representação profana, principalmente da cultura da igreja católica, como várias manifestações culturais que a gente tem. Trazem da igreja católica para a rua o Congo tem isso também. Além de algumas manifestações de religiões afro que tem citações a santos sincréticos e a dias específicos de alguns orixás, alguns toques. Atrapalha o trabalho na escola, tanto na equipe quando tem alguém com a visão distorcida do trabalho cultural ou também por pais, alguns alunos se recusam a tocar tambor. Inclusive não só no Congo, nós temos instrumentos de percussão aqui na escola, instrumento de formação de carnaval, de escola de samba, alguns alunos se recusam a tocar o tambor por causa da influência religiosa que algumas igrejas não permitem. Pela observação, eu acho que seria uma influência principalmente das igrejas evangélicas com o olhar preconceituoso do uso desses instrumentos. Como instrumento de batuque e percussão são muito usados nas religiões afro, algumas igrejas, principalmente as evangélicas vetam o uso para se diferenciarem.³³⁶

³³⁴ FUNCIONÁRIO A. Cariacica, 21 nov. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

³³⁵ PEDAGOGA A. Cariacica, 10 out. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

³³⁶ PROFESSOR A. Vitória, 08 mai. 2017. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

Uma professora de Artes do município de Vitória mencionou os desafios de abordar temáticas afro-culturais em suas aulas devidos aos preconceitos religiosos e raciais.

Acho que a maior dificuldade de se trabalhar a cultura afro na escola é que não dá pra se trabalhar cultura afro sem falar da questão religiosa, então muita tem gente tem preconceito com isso e não concordam, mas para não concordar primeiro tem que conhecer. Certa vez eu peguei uma foto de um negro de costas e coloquei no quadro e perguntei o que eles estavam vendo. Disseram que viam um ladrão, um escravo, só falaram coisas ruins, não teve nenhum aluno que falou algo positivo. No final fiquei surpresa, só estou vendo um homem negro, não tem algema, não tem arma, não tem faca, não tem uma corrente para dizer que era bandido ou escravo. O negro sem camisa era associado algo negativo.³³⁷

A dificuldade apontada no início da fala da professora menciona que o preconceito surge do desconhecimento sobre as manifestações religiosas de matriz africana. Dessa forma, mais uma vez, a disciplina de ensino religioso se mostra necessária no município. Uma vez que um diálogo de sua disciplina com o ensino religioso seria importante para abordar temáticas religiosas. O conhecimento que a escola pode oferecer sobre outras formas de manifestações religiosas diferentes das professadas pelos alunos contribuiria para eles entendessem a religiosidade como fator de desenvolvimento humano, das relações sociais e de construção de identidades. Conhecer a pluralidade religiosa, oportuniza uma visão de mundo mais ampla, promovendo o respeito as diferenças formas de crenças e cultos amenizando preconceitos. Através de um trabalho mais enfático sobre a valorização da cultura afro descente e mesmo do negro na sociedade pela escola, pode mudar a visão estereotipada e preconceituosa dos alunos sobre pessoas de pele negra.

Questionada se preconceitos em relação ao Congo poderiam ser combatidos, uma gestora de uma escola de Vitória respondeu: “Acho difícil, mesmo tendo esclarecimento, isso depende das questões religiosas. Quanto mais doutrinadas são as pessoas, mais resistentes e fechadas elas se tornam em relação à outras culturas.”³³⁸ Entretanto, a relato de outra gestora de escola de Cariacica se mostrou mais positiva: “O melhor local para se combater preconceito é a escola. É nos unirmos é mostramos que existe uma cultura. O aluno não pode perder o direito de saber que existe uma cultura. A gente está aqui para formar esse cidadão e ele tem que definir o que é melhor pra ele.”³³⁹ Segundo Trindade:

A escola possui a vantagem de ser uma das instituições sociais em que é possível o encontro das diferentes presenças. Ela é também um espaço sociocultural marcado por símbolos, rituais, crenças, culturas e valores diversos. Essas possibilidades do

³³⁷ PROFESSORA B. Vitória, 08 mai. 2017. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

³³⁸ GESTORA B. Vitória, 07 dez. 2016. Entrevista concedida à Douglas Pinheiro Costa.

³³⁹ GESTORA A, 2016.

espaço educativo escolar precisam ser vistas na sua riqueza, no seu fascínio. Sendo assim, a questão da diversidade cultural na escola deveria ser vista no que de mais fascinante ela proporciona às relações humanas.³⁴⁰

Vários relatos aqui transcritos neste tópico evidenciaram que a cultura de Congo e manifestações culturais afro-brasileiras sofrem preconceitos culturais, religiosos e raciais nas escolas públicas dos municípios selecionados. A percepção de preconceitos foi constatada em todos os grupos pesquisados. As leis que obrigam as escolas e determinados profissionais a abordarem temáticas que valorizam as diferentes matrizes culturais brasileiras, são conhecidas pela maior parte dos profissionais das redes de ensino, porém a abordagem, relevância e importância que se dá aos trabalhos relativos as essas temáticas não são unânimes entre os profissionais que participaram da pesquisa. A identificação ou repúdio que cada pessoa tem com determinadas manifestações pode estar relacionada à sua formação cultural, social ou religiosa. Conhecer os hábitos culturais, as formas de acesso à cultura através das mídias e dos locais onde ocorrem manifestações artísticas ou folclóricas que os entrevistados costumam frequentar, pode ajudar a compreender quais são meios influenciadores na formação do repertório artístico e cultural dessas pessoas. Os fatores de identificação culturais são atrativos para a assimilação de conteúdos que se relacionam com o repertório que um indivíduo possui e também são facilitadores para abordagem de determinados assuntos que este indivíduo domina.

3.4 Hábitos culturais e preferências musicais dos entrevistados.

Dos 183 entrevistados autorizados na pesquisa nas escolas, 179 entregaram o questionário sobre seus hábitos culturais que integrou esta pesquisa de campo. Voluntários preencheram um formulário com questões fechadas³⁴¹ onde poderiam assinalar seus hábitos culturais mais frequentes, como o acesso à cultura através de meios de comunicação e de espaços públicos ou privados onde são realizados eventos culturais.

O resultado dos dados fornecidos pelos entrevistados³⁴² contribuíram para uma percepção e análise do acesso que estes tem em relação à apreciação de produções e manifestações artísticas ou culturais e também aos meios comunicação que exibem formas de expressão artísticas, assim como a influências destas mídias na formação cultural dos

³⁴⁰ TRINDADE, 1999 apud SOUZA, 2005, p. 85.

³⁴¹ Este formulário segue nos apêndices na página 159 desta dissertação.

³⁴² Os resultados da pesquisa sobre hábitos culturais seguem no apêndice a partir da página 145, 146, 147 e 148.

entrevistados. Igualmente os resultados oferecem uma comparação dos aspectos mencionados entre os grupos pesquisados, municípios e regiões onde as escolas estão localizadas. Como foram muitos os dados obtidos, mencionarei nos próximos parágrafos apenas os resultados mais relevantes para a compreensão destes em função ao objeto de estudo desta dissertação, ou seja, de como os participantes se relacionam com a cultura popular e a relevância dos meios de comunicação no repertório cultural dessas pessoas.

Nas primeiras questões do formulário o entrevistado assinalava ou não se tinha o hábito de ouvir música, assistir vídeos, assistir desenhos animados, assistir novelas, assistir seriados ou assistir filmes em casa. Essas seis perguntas tinham o objetivo de descobrir quais os meios de meios de comunicação mais usados pelos entrevistados para receber informações culturais em seu lar. Outras sete perguntas como assistir filmes projetados, assistir apresentações de cantores ou grupos musicais, de orquestras e corais, de danças, de teatro, de apresentação de cultura popular e de exposições artísticas, visaram entender se os entrevistados tinham acesso a espaços culturais e quais espaços esses frequentavam para ter contato com manifestações artísticas e culturais. Duas perguntas abordaram os hábitos de leituras, como ler livros de literatura e histórias em quadrinhos. A última pergunta questionava se o entrevistado praticava alguma forma de expressão cultural ou artística.

Em relação ao hábito de ouvir música a maioria dos entrevistados apontou que a internet é o meio de comunicação mais usado por 58% dos entrevistados, seguido pelo rádio 45% e aparelhos portáteis 45%. Entre os alunos é mais notório a preferência pelas novas tecnologias como internet 61% e aparelhos portáteis apontados por 46%. Entre os familiares o rádio é a mídia mais citada por 58% dos entrevistados. E os profissionais das escolas têm percentuais maiores em relação ao hábito de ouvir música com 72% apontando a internet e 63% apontando o rádio como os meios mais usados. Em aspectos gerais, Vitória é o município que tem mais participantes que costumam ouvir músicas.

Muitos entrevistados admitiram assistir vídeos e o meio de comunicação mais apontado pela maioria dos entrevistados foi a internet, mostrando a grande influência deste meio na transmissão de informações audiovisuais de produções musicais. Em relação ao hábito de assistir desenhos animados, também houve muitos que apontaram esse costume, até mesmo entre os adultos entrevistados, neste caso a televisão foi o meio de comunicação mais citado.

Sobre o hábito de assistir novelas, também foi um grande número de apontamentos, representado por 77% do total geral de entrevistados, entretanto esse número foi maior entre os alunos, com 86% de apontamentos e no grupo dos familiares 81%. Os profissionais da educação esse número foi bem menor, apenas 44%, quase metade apontado pelos outros grupos. O meio

mais usado pelos entrevistados é a televisão. Esse expressivo número mostra a grande influência das novelas no repertório cultural dos alunos e familiares, grupos que também possuem os menores níveis de escolaridade entre os grupos pesquisados.

Em relação a programas em série, chamados de seriados, 58% dos entrevistados apontaram a televisão como meio preferido, seguido da internet com 41%. Nos profissionais de Vitória esse número ainda é maior com 82% de apontamentos que assistem séries pela internet contra 20% de Cariacica. Em aspectos gerais, Vitória também é o município que mais acompanha seriados. Sobre assistir filmes em casa, a televisão é meio mais usado apontado por 74% dos entrevistados, sendo o meio mais usado pelo grupo dos familiares. Entre os alunos 69% apontaram que assistem filmes pela televisão e 51% usam a internet. No grupo dos profissionais há um equilíbrio de pessoas que assistem filmes pela televisão e também usam a internet, o número foi de 66% para ambos os meios. Os números mostram como a internet aos poucos ganha força na exibição de produções de séries e filmes por meio de sites de streaming³⁴³ de vídeos.

Os números apontados pelas questões de acesso à conteúdos culturais por meios de comunicação demonstram que mesmo em escolas de regiões periféricas dos dois municípios, muitos entrevistados afirmaram assistir conteúdos por meio da internet e de aparelhos portáteis. Ainda com o grande poder de influência de programas produzidos pela televisão, como novelas e seriados, as novas tecnologias são meios pelos quais os entrevistados podem buscar informações de modo independente do que é lhe são oferecidos pela cultura de massa. Com maior acesso à informação, estes usuários podem conhecer melhor manifestações de cultura popular que até então não tinham muito conhecimento. Essas mídias também poder ser bons meios de divulgar e abordar da temática do Congo.

Quanto ao hábito de leitura, o meio tradicional impresso ainda se destaca em relação as mídias digitais. Os livros de literatura impressos foram apontados por 71% dos entrevistados, já os livros digitais representam 15%. O costume de ler livros, tanto impressos quanto digitais, é maior entre o grupo dos profissionais da educação. Ler histórias em quadrinhos não teve números elevados, mostrando que não é um interesse usual entre os entrevistados de modo geral.

Sobre os meios de acesso aos locais de manifestações artísticas e espaços de apresentações, exposições ou exposições culturais, os dados foram os seguintes: Em relação a filmes projetados, as salas de cinema lideram os apontamentos, com 61% do total geral. No

³⁴³ Streaming é o termo para a transmissão contínua de dados, também chamado de fluxo de mídia.

município de Vitória esse costume se sobressaiu em relação ao município de Cariacica. Também em Vitória os alunos afirmaram assistir mais filmes projetados na escola, demonstrando que esse recurso é um meio didático empregado pelas instituições pesquisadas.

Apresentação de cantores e grupos musicais também foi um hábito que não teve muitos apontamentos, porém a Igreja foi o espaço onde a manifestação foi mais citada entre os grupos dos alunos e familiares. Isso realça a influência da igreja e da religião na formação cultural de alguns entrevistados. No grupo dos profissionais da educação esse costume também não é tão expressivo, mas é maior que os outros grupos, também mais variado em relação a outros locais como bares e boates, arenas ou parques e casas de show. Apresentações de orquestras e corais são maiores entre os profissionais da educação com 63% de apontamentos, sendo maior em Vitória. Nos demais grupos, dos alunos e de familiares, a Igreja aparece novamente como instituição influente e promotora do acesso a essas formas de expressão.

Nos grupos de alunos e familiares, a Escola foi o local onde estes têm mais acesso a apresentações de dança, seguido pela Igreja. Entre os profissionais da educação o local mais apontado foi o de casas de teatrais. Escola e Igreja também são instituições apontadas como os principais locais de acesso a essa expressão cultural por alunos e familiares. 76% dos Profissionais da educação afirmaram ir ao Teatro para assistir produções teatrais.

Apresentações de cultura popular e folclórica também tiveram poucos números se analisados de modo geral. 29% dos entrevistados afirmaram ter contato e o hábito de apreciar manifestações populares na rua e em locais públicos, 20% apontaram que prestigiam essas apresentações em suas comunidades. A Escola aparece com os números mais significativos, representados por 40% que afirmaram assistir manifestações de cultura popular no ambiente escolar. Número pouco expressivo pelo que representa a cultura popular e sua importância na construção do conhecimento e identidade cultural.

A última pergunta do questionário foi sobre o envolvimento do entrevistado com manifestações artísticas e culturais. Desenhar, cantar, dançar e tocar instrumento foram as práticas mais citadas pelos entrevistados. Em todos os grupos e quesitos mencionados, os entrevistados de Vitória se destacaram em um número muito superior ao de Cariacica. Mostrando que a promoção de atividades culturais na cidade reflete na formação cultural da população e oferta da disciplina de artes pelo município desde a educação infantil incentiva as habilidades e conhecimentos culturais no processo de desenvolvimento humano.

Durante as entrevistas gravadas, também perguntei ao entrevistado sobre o seu estilo musical preferido. Este poderia citar quantos gêneros quisesse. O objetivo foi perceber se em seu repertório cultural, a influência maior é de estilos mais divulgados em mídias de

comunicação de massa ou se este entrevistado seria aberto a estilos musicais não tão reproduzidos por esses meios. Também se algumas formas populares de músicas estariam presentes em suas citações e se nesse repertório estariam gêneros com similaridade com o ritmo de Congo. Nos entrevistados que identificaram ser de religiões cristãs protestantes, o gênero religioso foi bastante citado. Entre o grupo dos alunos do fundamental I, os estilos mais citados foram o religioso, o sertanejo e o funk. No grupo dos alunos do fundamental II, os mais citados foram de gênero pop, músicas religiosas, sertanejo, eletrônico e o funk. Na EJA, o estilo sertanejo predominou na maioria. Entre os familiares, músicas religiosas e o estilo sertanejo, porém parte dos entrevistados se identificou como eclético. Entre os profissionais, a MPB liderou as citações, seguido por ecléticos e admiradores do rock. Este grupo, que possui um maior grau de instrução que os demais grupos pesquisados, se mostrou mais aberto a músicas populares e gêneros variados. Grande parte dos grupos de alunos e dos familiares, são influenciados por estilos musicais representados pela cultura de massa e de suas respectivas religiões. Gêneros populares genuinamente nacionais como o samba e pagode também foram pouco citados; forró e axé, que até poucos anos atrás tinham bastante destaque na mídia, não tiveram citações. Estes seriam os gêneros populares brasileiros que mais se aproximariam das características culturais do Congo, principalmente pelo uso de instrumentos de percussão. Isso também não quer dizer, que os entrevistados não gostam desses gêneros pouco citados ou nem mencionados, mas que suas preferências artísticas e maior identificação cultural no momento estão nos estilos citados na pesquisa. Os gêneros brasileiros evidenciados no momento são o sertanejo e o funk, que também buscam referências em outros estilos, como nos gêneros pop, rock, hip-hop e eletrônica para estarem competindo a atenção no mercado musical e na mídia.

Em relação aos dados apresentados no questionário sobre hábitos culturais, o município de Vitória se destaca pela quantidade de locais que abrigam formas de expressões culturais, e pela maior proporção de entrevistados que apontaram costumes relacionados à busca por conhecimento ou entretenimento cultural. Cariacica por vezes se iguala aos números da capital ou se destaca em pequena proporção enquanto a oferta dessas manifestações culturais em Igrejas ou Escolas. Alunos de escolas localizadas em próximas a centros comerciais apresentaram semelhanças em relação ao acesso de meios de comunicações, porém diferenças em relação ao acesso a espaços culturais. Os alunos de uma escola de tempo integral mostraram ter mais acesso a determinados tipos manifestações culturais, tanto na escola quanto em outros espaços. Estes também se destacaram na prática de variadas manifestações artísticas e mesmo no envolvimento com grupos tradicionais ou atividades folclóricas em relação aos alunos de outras escolas. O fato da escola estar localizada próxima a sedes de grupos de cultura popular

não significou que esta instituição ou seus alunos tenham contato com as manifestações culturais. Os dados demonstraram que alunos e familiares de escolas até mais distantes tiveram mais acessos ou mais interesse pelas manifestações populares do que os próprios moradores residentes próximos às sedes de grupos ou festas de cultura popular. O conhecimento sobre a manifestação, o envolvimento e identificação cultural com o Congo não depende da localização geográfica e sim da formação e educação cultural do entrevistado.

3.5 Desafios na difusão da Cultura de Congo na escola e na sociedade.

A pesquisa apontou que a manifestação do Congo precisa ser melhor conhecida pelas pessoas. Apesar de um grande número de entrevistados afirmarem que conheciam o Congo, muitos outros, ou mesmo alguns destes, não souberam descrever as características da manifestação. Um considerável número de entrevistados mencionou que nunca assistiu a uma apresentação ou ouvido alguma peça de Congo.

As falas preconceituosas relatadas, e muitas outras que *não* foram mencionadas neste trabalho, evidenciaram que o desconhecimento sobre a manifestação gera muitas interpretações equivocadas, que são assimiladas e reproduzidas sem a devida constatação ou respeito.

Vimos nos dados anteriores que as novas mídias de tecnologias que propiciam a pesquisa de produções musicais e audiovisuais, como aparelhos portáteis e internet, são as preferidas dos entrevistados para ouvirem música e assistirem vídeos. Porém, mesmo com ferramentas de pesquisa disponíveis, muitos não demonstraram interesse por estilos musicais relacionados à cultura popular. A preferência musical e interesse cultural da maioria dos alunos e dos familiares entrevistados está relacionada a estilos repetidamente reproduzidos pelos meios de comunicação de massa.

O rádio é um grande reproduutor de produções sonoras, ainda usado por muitos adultos, mas nem tanto pelas crianças e adolescentes. Porém, dificilmente uma música folclórica ou de manifestação popular tem destaque neste meio. Os conteúdos produzidos ou transmitidos pelas redes de televisão como desenhos, novelas, seriados e filmes são as grandes referências artísticas e culturais para os grupos dos alunos e familiares, conseqüentemente, influenciadores de suas preferências e de formação de opinião. Mesmo com o crescimento do acesso à internet, a mídia televisiva ainda possui um grande poder de influência sobre as classes populares. Entretanto, não são feitas muitas produções de conteúdo que mencionam ou dão destaque a cultura de Congo na televisão. Mesmo programas de entretenimento e noticiários não dão o

devido destaque ao patrimônio capixaba, caracterizando uma invisibilidade dessa manifestação na mídia local. A preferência por elementos da cultura urbana pelas novas gerações é mencionada pelos autores Morigi, Rocha e Semensatto:

Ao retomarmos o enfoque na cultura local, as formas de entretenimento urbanas se impõem como símbolos dessas mudanças nas formas de sociabilidade, consistindo naquilo que é considerado ‘moderno’ e ‘desenvolvido’, em contraposição aos valores e padrões da cultura regional tidos como ‘tradicional’ e ‘conservador’. Nesse contexto, os padrões e valores da cultura urbana tornam-se mais atrativos aos olhos das gerações mais novas: a dinâmica da sociedade de consumo trata a cultura, as suas expressões e as manifestações regionais e locais como se fossem objetos e coisas descartáveis. Dessa forma, os eventos e os acontecimentos culturais configuram-se como entretenimentos regidos pela lógica e pelas vicissitudes do mercado. Essa dinâmica inclui uma intensificada mediatização da cultura, onde o efêmero e a saturação de informações determinam um movimento que se vai distanciando da memória em direção ao esquecimento.³⁴⁴

São inúmeros os desafios para que a cultura de Congo se torne mais visível, conhecida e valorizada. Desse modo, a propagação de informações sobre a manifestação pode amenizar preconceitos. Em um curto prazo, é preciso um maior envolvimento de órgãos públicos. O apoio das prefeituras e suas respectivas secretarias de culturas podem promover essa e outras formas de expressões culturais populares regionais de modo a criar uma empatia e sentimento de pertencimento dessa manifestação pela população. Fatores importantes para identidade cultural de um povo. Valorizando assim o patrimônio cultural imaterial. Também é muito importante um maior destaque desta manifestação popular e patrimônio cultural por meios de comunicação de massa.

Um bom exemplo a ser seguido pelo Congo Capixaba de valorização da cultura popular ocorreu com o Maracatu Rural, que é uma manifestação popular do estado de Pernambuco e que também teve sua origem nas coroações dos Reis de Congo. Esta expressão ganhou muita visibilidade nos últimos anos. Apesar das discussões sobre os impactos da mídia na manifestação, ela se fortaleceu devido a circularidade cultural, onde a assimilação de elementos dessa expressão popular por grupos da cena *pop* pernambucana promoveu a exposição midiática, sentimento de pertença e identificação cultural através de processos de

³⁴⁴ MORIGI, Valdir Jose; ROCHA, Carla Pires Vieira da; SEMENSATTO, Simone; Memória, representação sociais e cultura imaterial. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, n. 14, p.182-191, 2012. Disponível em: <http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero14-2012/artigos/waldir_pt.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2017.

legitimações. A manifestação cultural do maracatu desde então vem sendo utilizada como um símbolo na indústria cultural e de turismo no estado.³⁴⁵

Assim também a manifestação da capoeira ganhou projeção nos últimos anos ao se organizar, fazer parte de eventos e promover apresentações públicas.³⁴⁶ As bandas de Congo também podem promover exposições em locais de grande circulação de pessoas ou mesmo em eventos que concentrem um grande número de pessoas com a intermediação e apoio de órgãos públicos. Estas ações juntamente com as informações veiculadas pelas mídias de comunicação de massa podem levar a manifestação atingir um público que antes a desconhecia.

Assimilar elementos da cultura de Congo em produções culturais de massa contextualizando a manifestação na história de resistência cultural do povo negro, exaltar a alegria de viver, cantar e dançar mesmo com as dificuldades sociais, que são características da cultura do povo brasileiro podem marcar a memória e as lembranças tanto dos participantes quanto dos espectadores. Esta é uma forma de promover o envolvimento das pessoas e o sentimento de pertencimento dessa expressão popular e folclórica local na identidade cultural dos capixabas e torná-la conhecida também em outros locais.

É importante salientar a importância das lembranças para o processo de identidade individual e social. O sentido da identidade consiste nos arranjos e rearranjos constantes dos vestígios, dos fragmentos de acontecimentos passados. A memória é, por natureza, fragmentada. A recriação de um mundo anterior é importante para o fortalecimento das relações sociais, para a constituição de um nós, de um sentimento de pertencimento comum, onde o passado deveria ser visto como algo acabado, porém como um tempo possível de ser ressignificado, a partir do presente em direção ao futuro.³⁴⁷

Nem sempre o interesse do poder público se relaciona a atividades culturais quando estas envolvem custos, entretanto os dois municípios pesquisados possuem leis de incentivo à cultura³⁴⁸ que destinam verba para projetos culturais. Porém, as lideranças das bandas entrevistadas relataram que o desenvolvimento de projetos culturais e de captação de recursos é muito burocrático e complexo. Tornando este um recurso distante e desinteressante. Por isso, as bandas precisam de orientação e apoio das secretarias de cultura, entidades públicas ou

³⁴⁵ OLIVEIRA, Sofia Araújo de. Cultura popular e o maracatu rural: trilhando o caminho do espetáculo. *CULTUR*, Ilhéus, ano 05, n. 01. p. 58-70, 2011. Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano5-edicao1/artigo_5.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2017.

³⁴⁶ FONSECA, Vivian. A capoeira e o mundo do trabalho: embates acerca da profissionalização. *Arquivo Edgard Leuenroth* – Centro de Pesquisa e Documentação Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, v.16, n.28, p. 119-141, 2010. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/viewFile/2586/1996>> Acesso em: 06 ago. 2017.

³⁴⁷ MORIGI; ROCHA; SEMENSATTO, 2012, p. 189.

³⁴⁸ O município de Vitória também concede incentivos fiscais para empresas que financiam projetos culturais. A lei municipal 3730/1991 batizada de lei Rubem Braga é uma das formas de promoção da cultura.

privadas para obterem financiamento para participarem de eventos, apresentações públicas e realização de festejos populares.

Entretanto, a longo prazo, esse trabalho de difusão da cultura de Congo pode se fazer na educação. Garcia ressalta que “[...] a escola e seus atores podem e devem servir-se do folclore como excelente meio de transmissão de conhecimentos, ao mesmo tempo em que revelador da cultura do povo”³⁴⁹. Este processo seria mais lento do que a divulgação em massa, pois atingiria diretamente um público de estudantes formando uma nova geração de conhecedores e possíveis admirados desta manifestação. Também poderia de forma indireta impactar os familiares destes alunos. Os trabalhos relacionados a cultura de Congo perfeitamente atendem as leis relativas a valorização de culturas afro-brasileiras e indígenas contextualizando a história e elementos dessas culturas com a manifestação folclórica capixaba. Também contemplam as diretrizes para a disciplina de Artes enquanto a valorização da cultura popular e folclore. Podendo explorar atividades com diversas linguagens como dança, música, artes plásticas, entre outras.

Cito um bom exemplo relacionado com a cultura de Congo na escola, trabalho este realizado pelo professor de Artes Ricardo Araújo Hilário, de 38 anos da EMEF Heloisa Abreu Judice de Mattos do bairro Bela Vista em Vitória. Esta escola trabalha regularmente com temáticas afro-culturais. Ele comanda uma banda de Congo formada por alunos do ensino fundamental I chamada *Crianças do Congo*. O conjunto usa embalagens de diversos produtos para produzir som. Termo mencionado por ele como *ressignificação* das embalagens. O docente relatou sua história com o ritmo musical e seu trabalho com esta cultura:

Nasci na região de consolação e sempre tive envolvimento com a música. No bairro existe uma escola de samba chamada ‘Pega no samba’. Mesmo com a família evangélica, venho nutrindo essa estética sonora desde criança com os ensaios da escola de samba. Conheci o Congo como manifestação artística já adulto. Um amigo meu mostrou uns vídeos e associei o som da batida do Congo com os sons da minha infância quando brincava batendo nas latas e nos baldes. Vi com interesse o Congo. Vindo de família evangélica percebi que o Congo, como manifestação cultural, patrimônio nosso, algo rico, faz parte de nossa identidade. Percebi que o Congo não é algo pejorativo é algo rico, algo gostoso, que nos alimenta. Que doideira é essa que botaram na minha cabeça! Comecei a pesquisar. Em 2005 fiz minha primeira tentativa sem nenhum planejamento. Dei umas caixas de biscoito lacrada e dava um pedaço de pau e os meninos batiam. Aí ficava um pouco abafado, parecia um bumbo, mas não era o timbre que queria. Passados uns anos vim trabalhar aqui (EMEF Heloísa Abreu). E tinha umas aulas para desenvolver projetos. Pensei em criar um grupo de Congo com uns instrumentos: galão de cloro e galão de óleo diesel. Depois surgiu a casaca com uma garrafinha de Toddy. Não pela marca, mas pelas ranhuras e sulcos na embalagem. E com os palitos de churrasco sai o som peculiar da casaca e aí foi. Começamos a ensaiar. Esta foi uma pesquisa de materiais automática. Nossa proposta não é reciclar. Esse é um termo que para mim já está ultrapassado. Eu prefiro dizer ressignificar. Porque o vasilhame de cloro continua sendo um vasilhame, mas naquele momento ele se torna um tambor. O palito de churrasco e a garrafinha de Toddy

³⁴⁹ GARCIA, 2004, p. 83

continuam sendo embalagens, mas para nós já é ressignificado em um instrumento. O tambor maior é um elemento de contratempo. O menor é o repique. Um elemento de contratempo dentro de um contratempo e as crianças da banda perceberam isso com uma facilidade. Isso me surpreendeu! Muitas vezes tocando com músicos eles não compreendem o que é contratempo, mas as crianças já sabem. Só com um sinal ou olhar as crianças já entendem! É coisa de músico. Ver uma criança de 2º ano fazendo isso não tem o que paga.³⁵⁰

O professor Ricardo também relatou que a banda canta principalmente músicas antigas e cantigas populares infantis no ritmo do Congo. Ao ser perguntado sobre músicas religiosas no repertório do conjunto, o professor respondeu: “As crianças cantam normalmente as músicas religiosas, quem estabelece as relações de preconceito são as famílias”³⁵¹. Mencionou também que alguns familiares retiraram os alunos da banda quando souberam que era Congo. Que ele também tinha preconceito a respeito da manifestação, mas com conhecimento e respeito, ele mudou de opinião.

Esse exemplo mostra que um caminho é trabalhar o Congo na escola como cultura e expressão musical. Priorizando todas as coisas com temas diferentes das composições religiosas. Desassociando a ideia que esta é uma manifestação cultural que expressa somente a religiosidade dos praticantes. Porém respeitando as raízes históricas e culturais da manifestação.

Outro bom exemplo de relacionar elementos da cultura com diversos conteúdos da disciplina de Artes vem do professor Yedo, de 56 anos, também profissional da escola Heloisa Abreu em Vitória. Em seu trabalho, o docente associa elementos da cultura de Congo com conteúdos abordados pela história da Arte:

Em relação ao Congo, eu trabalho, com uma turma de 5º ano, com uma casaca com material reciclado. Outra turma que trabalho a cultura de congo é na 7º série. Em que trabalho história da arte, onde abordo os ícones da arte bizantina e criação dos ícones. Faço uma embolagem onde trago os ícones para os estandartes. Ressignificando para os dias de hoje e produzimos os estandartes no que chamo ‘ícones da paz’. [...] Na idade média o estandarte era a identificação das famílias reais, medievais. Toda casa real tinha um estandarte para identificação e trago isso para a contemporaneidade no estandarte do Congo, como as bandas se identificam e a quem elas homenageiam: São Sebastião ou São Benedito, aí eu faço uma introdução ao estandarte do Congo. [...] No 5º ano o preconceito é muito grande, associam o congo a macumba, daí explicamos que macumba é um instrumento que é utilizado nos terreiros de candomblé tocado para chamar os santos. Então macumba é um instrumento. Nossa população absorve muitos preconceitos, e o preconceito religioso em cima de religiões de matriz africana é muito grande.³⁵²

³⁵⁰ HILÁRIO, Ricardo Araújo Ricardo. *Sobre seu trabalho em relação a cultura de Congo nas aulas de Artes*. Vitória, 07 de dez. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa. 2016.

³⁵¹ HILÁRIO, 2017.

³⁵² SANTOS, Yedo Coelho dos. *Relato sobre a relação da cultura de Congo com conteúdo da disciplina de Artes*. Vitória. 07 de dez. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

Os bons trabalhos apresentados pelos dois educadores desta escola se encaixam na proposta de triangular de ensino das Artes, de Ana Mae Barbosa, onde é ofertado ao aluno o conhecimento sobre o objeto artístico/cultural e a apreciação artística, uma contextualização deste objeto e a prática artística. O relato do professor Yedo aponta, mais uma vez, uma necessidade da implementação da disciplina de ensino religioso no município. Esta contribuiria para abordar a pluralidade religiosa e as principais manifestações religiosas brasileiras, incluindo estudos sobre as religiões de matriz africana, para que os alunos possam conhecer elementos constituintes dessas crenças e suas formas de culto. Promovendo o respeito às diferenças. O diálogo da disciplina de artes com o ensino religioso escolar seria muito importante na abordagem de temáticas afro-culturais. Igualmente um diálogo com a disciplina de história abordaria questões relativas a diáspora do povo africano e evangelização das culturas indígenas.

Sem conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático do acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos.³⁵³

A pesquisa nesta escola demonstrou que o desenvolvimento constante de trabalhos relativos às temáticas afro-brasileiras. Este foi um fator muito importante para abordagem de questões raciais, sociais e principalmente destas culturas, para que a comunidade escolar distinguisse expressões culturais de manifestações religiosas. A fala da gestora desta escola mostra como a abordagem desta temática contribuiu para amenizar conflitos: “Há anos atrás tínhamos muitos casos de preconceito, quando começamos a trabalhar a lei e colocar dentro do currículo isso diminuiu bastante.”³⁵⁴ Este exemplo mostra que a promoção de trabalho referentes as leis de valorização das culturas afro-brasileiras e indígenas devem ser efetivos, constantes e adotadas por outras escolas.

A disciplina de Artes, enquanto responsável por abordar a expressão e a linguagem musical, deve proporcionar aos alunos a fruição de diferentes gêneros e estilos, dentre eles, músicas populares e folclóricas nacionais. Porém, também deve dar o devido destaque na abordagem sobre a musicalidade africana para a compreensão do uso dos instrumentos de percussão e das danças como formas de expressão rítmica. Também das vestes típicas e

³⁵³ BARBOSA, 2001, p.33.

³⁵⁴ COSTA, Rita de Cassia Perini. *Sobre a implementação de temáticas afro-culturais no trabalho institucional da escola*. Vitória. 05 de dez. 2016. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

ornamentos. Estes, não somente pertencentes a rituais religiosos, mas como elementos integradores característicos culturais do povo negro africano.

A pesquisa apontou maior identificação dos adolescentes com produções musicais destinadas ao público de massa. Para se aproximar da realidade cultural dos jovens, uma sugestão seria apresentar gêneros musicais conhecidos ou os preferidos pelos alunos que fazem releituras de cantigas populares ou mesmo de toadas Congo. Também abordar conjuntos que inserem músicas de Congo em seu repertório ou que fazem uso de instrumentos típicos da manifestação na identidade cultural desta banda.

Quando o objeto artístico exprime uma realidade cultural e religiosa próxima daqueles que o apreendem, sua compreensão é fácil. Entretanto, quando se reveste de especificidades, como de uma sintaxe própria e de um determinado estilo, ele estará se distanciando daqueles que não possuem esse acervo cultural, religioso e cognitivo. Consequentemente, poderá não ser compreendido. Se pensarmos nos estilos artísticos e como em cada um novas expressividades são trabalhadas, entendemos as exigências na formação de um olhar-leitor dessas visualidades.³⁵⁵

Outra análise sobre os hábitos culturais foi referente à boa aceitação de todos os grupos a produções de culturais de áudio e vídeo como desenhos animados e videoclipes. Estes podem ser bons recursos para divulgação desta cultura por meio de bandas, órgãos públicos e meios de comunicação. Também em sala de aula o professor de Artes pode trabalhar atividades relacionadas a produções audiovisuais que abordem a temática da cultura de Congo. Cito aqui um bom exemplo de uma animação intitulada *Amor Mascarado*³⁵⁶, realizada por alunos de uma escola rural do município de Cariacica.

Uma observação feita na entrevista sobre hábitos culturais foi que a Escola e a Igreja representam os principais locais de acesso à cultura, os quais foram apontados pelos alunos e seus familiares. Isso mostra a grande influência destas duas instituições na formação cultural e de opinião destes grupos pesquisados. Entretanto, Igrejas e religiões diferentes da católica, por difundir valores referentes às suas doutrinas religiosas podem não dar espaço para a manifestação de Congo em seus rituais e eventos, pelo fato das tradicionais bandas de Congo e a expressão cultural se relacionarem com a devoção a santos católicos. Uma forma desta cultura ser promovida em diferentes religiões seria a assimilação de elementos visuais e musicalidade do Congo no repertório religioso daquelas instituições. Esse caracterizaria uma apropriação

³⁵⁵ PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2004, p. 75.

³⁵⁶ AMOR MASCARADO. Escrito e dirigido por alunos da Escola do Campo e Estação de Ciências Margarete Cruz Pereira. Produzido por Andreia Ramos e Scheila Shunk Cariacica: Instituto Marlin Azul e Semcult. 2013. Animação publicada na internet. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5Adeu7EQIw>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

cultural. Ao perguntar para alguns congueiros se seria possível criar uma toada de Congo com referências à outra religião, a grande parte destes afirmaram que sim.

Alguns grupos e cantores religiosos já produziram músicas resultantes do contato de sua fé com manifestações culturais populares originárias de religião diferentes das suas. Um exemplo dessa mistura é o maracatu gospel. Este fato tem ocorrido com ritmos populares como forró, baião, axé, frevo, entre outros. Mesmo releituras e adaptações religiosas de festas populares como o carnaval e as festas juninas são exemplos destas trocas culturais. Porém essa questão de apropriação cultural é mais complexa e necessitaria de mais análises para discutirmos esse assunto.

Entretanto, a escola, como instituição promotora do ensino, se destaca também pela oferta de atividades relacionadas a expressões artísticas, folclóricas e culturais para as novas gerações. As escolas públicas capixabas, especialmente, por terem caráter laico, devem exercer o papel de promoção de conhecimento a respeito dessa manifestação de cultura popular regional para os alunos, porém sem focar apenas nas questões religiosas.

Outra menção em destaque ao trabalho com a cultura de Congo na escola e as temáticas afro-culturais é o da professora Marilene Alves da Cruz Gonçalves, vencedora do prêmio nacional da categoria Educação Infantil na XIII edição do Prêmio Arte na Escola Cidadã³⁵⁷. O seu projeto *Nós Afros* foi desenvolvido em 2011, ano internacional da afrodescendência. Seu trabalho abordou releituras de obras artísticas, apresentações culturais, jogos e brincadeiras no CMEI Darcy Castello Mendonça - Vitória/ES. Dessa forma, ensinou as crianças a respeitar e valorizar a contribuição dos negros na formação da cultura brasileira. O resultado desse projeto foi registrado e divulgado por meio de um documentário.³⁵⁸

Outro trabalho expressivo que envolveu a cultura de Congo nas escolas foi relatado em entrevista pela professora de música Larissa Schmaedeke Lange, que atua na formação de profissionais da Secretaria Municipal de Educação de Vitória em relação à música. Suas atribuições também envolvem a assessoria, apoio e orientação de projetos das escolas da rede de ensino que envolvam a linguagem musical. Disse ser muito procurada por escolas que trabalham temáticas culturais regionais como o Samba e o Congo. Citou um projeto que não é

³⁵⁷ O Prêmio Arte na Escola Cidadã é realizado pelo Instituto Arte na Escola desde 2000. Seu objetivo é identificar, reconhecer e divulgar projetos modelares na área de Artes em sala de aula. Divulgação do trabalho realizado pela professora disponível em: <http://artenaescola.org.br/premio/projeto.php?id=69485&id_projeto=69488>. Acesso em 19 nov. 2017.

³⁵⁸ XIII PRÊMIO ARTE NA ESCOLA CIDADÃ - Educação Infantil: Projeto Nós Afro. Dirigido por Renata Druck. Produzido por Nelson Encharta, e Cassiano Zuppo. Oficina, 2012. Documentário em formato de vídeo publicado na internet (6:48min), color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ymFSeT3ifs4>>. Acesso em 19 out. 2017.

desenvolvido pela secretaria de educação, mas que é uma parceria da rede de ensino, chamado *Istrumentarte* em que segundo ela:

[...] mestres das bandas de Congo fazem o trabalho de educação musical voltado pro Congo em alguns CMEI's e EMEF's também do sistema municipal de ensino. Ele começou por meio da Lei Rubem Braga e a seguir entrou como uma das ações do circuito cultural promovido pela secretaria de cultura. Então a banda de Congo, o mestre das banda de Congo vai lá na unidade de ensino e trabalha com as crianças, com os instrumentos, com as canções, com a dança.³⁵⁹

Larissa afirmou que os trabalhos relacionados ao Congo são importantes para o conhecimento cultural, da comunidade e quebra de preconceitos. Apontou que, por vezes, encontra dificuldades e barreiras, principalmente com pais de alunos em relação a religiosidade presente na manifestação cultural. A professora relatou também um projeto que culminou com a gravação de um CD e um DVD com músicas em ritmo de Congo:

A gente teve em 2008 uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e a Companhia de Desenvolvimento de Vitória, na figura do Carlos Papel, que é um compositor. Ele lançou um desafio de estarmos promovendo junto aos estudantes de ensino fundamental, na época foi esse o recorte, de a princípio, de um festival de composições, festival de música, em que proporião composições com a temática da cidade de Vitória. Enfatizando a cultura, os pontos turísticos, pontos históricos. E as músicas seriam feitas pelas crianças. A gente evoluiu um pouquinho para uma mostra, não um festival com caráter premiativo. E foram compostas se não me engano dez ou doze faixas pelas crianças e adolescentes do ensino fundamental. E a gente percebeu uma presença muito forte dos ritmos do Samba, do Congo, do Reggae, todos eles de origem africana ou afro-brasileira. O Congo em especial, esteve presente em três ou quatro destas composições, além do Funk também e do Rap. Foi bem interessante. E a temática do Congo estava presente não só no ritmo, mas nas letras. A casaca, o tambor, sempre apareciam nos refrãos das composições.³⁶⁰

Segundo a professora, as letras das músicas foram criadas pelas crianças e que os ritmos se adequaram ao contexto. Os estudantes que optaram por composições em ritmo de Congo, estavam inseridos em escolas de tempo integral, estas por sua vez, contavam com educadores que proporcionavam o contato dos alunos com este gênero musical. O resultado deste projeto, foi gravado ao vivo, onde a crianças tocaram e cantaram junto com conhecidos músicos capixabas. Este foi distribuído para os participantes do projeto. Larissa enfatizou que mesmo atualmente, nove anos após a gravação, os CD's e DVD's do projeto são procurados por educadores da rede de ensino na Secretaria Municipal de Educação, interessados

³⁵⁹ LANGE, Larissa Schmaedeke. *Sobre o projeto Istrumentarte*. Vitória. 20 de nov 2017. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

³⁶⁰ LANGE, Larissa Schmaedeke. *Sobre o projeto o festival de música com composições criadas por alunos da rede municipal de ensino*. Vitória. 20 de nov 2017. Entrevista concedida a Douglas Pinheiro Costa.

principalmente nas faixas em ritmo de Congo, para abordarem essa temática na escola.³⁶¹ O relato da professora aponta a importância de apresentar esta cultura aos alunos e como este contato pode influenciar a formação cultural dos mesmos. Também mostra que boas produções audiovisuais sobre o tema são necessárias e podem ser bons recursos para profissionais da educação.

Ana Maria Ramos³⁶², 60 anos, professora aposentada, foi diretora por muitos anos da escola municipal Rosa da Penha em Cariacica, em sua gestão ela promovia anualmente eventos e atividades culturais na escola destacando a cultura de Congo. Em seu relato ela mencionou que fez parte do grupo de estudos e de incentivadores da cultura popular formado por cidadãos do município que ajudou a organizar e fortalecer as bandas de Congo da região de Roda D'água, grupo este integrado também pelo artista plástico Zuilton Ferreira. Ela contou como foi a atuação do grupo na orientação dos congueiros em relação a organização, estruturação das sedes, disciplina, criação do visual das bandas e formalização dos conjuntos para se inscreverem em projetos culturais. Em sua gestão na escola, ela disse que abria espaço para a manifestação promovendo a aproximação dos alunos interessados com a cultura local. Para isso, convidava congueiros para ministrarem oficinas nas escolas no mês de agosto, mês do folclore. Sobre a aceitação desse trabalho pelos alunos ela relatou:

O aluno que se identifica com a musicalidade, com instrumentos, com a dança, ele vai e participa com entusiasmo. Os demais alunos que não estão participando eles gostam de ver a movimentação, de ouvir os cantos, mas ainda tem aqueles resquícios, isso é macumba, é pemba, essas coisas assim. Que ouvem falar e vão repetindo. É o tal do preconceito das pessoas. Mas, no meu caso, quando estava dentro de sala de aula e conseguia promover oficinas com os alunos com a presença dos congueiros, os congueiros ministrando oficinas para os alunos. Eu conseguia conversar primeiro com eles sobre o Congo. O que significava. É a maior cultura do município. Conversa um pouco para despertar neles, em alguns deles o interesse. E conseguimos que alguns participassem. Fazendo oficinas e culminando na festa folclórica da escola.³⁶³

Segundo ela os alunos se apresentavam na festa sob a orientação dos congueiros. Esta era uma forma dos alunos assimilarem e tomarem posse da cultura. “Isso é nosso! É nossa cultura!”³⁶⁴ Ela mencionou também atividades como produção de peças de artesanato com referências na cultura de Congo e de confecção de máscaras. Em relação da apresentação de bandas de Congo no evento escolar, seu relato mencionou a interação com a comunidade:

³⁶¹ LANGE, 2017.

³⁶² A entrevistada já foi citada no registro da fotografia nº 3 na página 29 deste trabalho de pesquisa.

³⁶³ RAMOS, Ana Maria. *Sobre seu envolvimento com a cultura de Congo e trabalho desenvolvido na escola Rosa da Penha*. Cariacica. 03 de abr. 2017. Entrevista concedida à Douglas Pinheiro Costa.

³⁶⁴ RAMOS, 2017.

Para extrapolar os muros da escola, começamos a fazer como abertura da festa folclórica, a caminhada com uma banda de congo do município pelas ruas aos arredores da escola Rosa da Penha. Então essa foi uma forma que nós encontramos de trazer o Congo para a comunidade. Quebrar as barreiras, esse bloqueio, essa discriminação. Ah é pamba! Ah é macumba! Estavam ali congueiros, passando pelas ruas do bairro, professores, alunos, timidamente, mais já era um início. Alguns pais de alunos chegaram a se envolver, andando junto com o Congo e o que eu achei muito interessante foi à receptividade. Que em vários momentos a gente pode captar pessoas vindo ao ouvir o barulho, a musicalidade do Congo, correr para a janela para poder olhar e aquela iniciativa de pegar um celular ou uma máquina fotográfica e começar a fotografar e nos bares, isso sempre aconteceu no sábado à tarde, nos bares as pessoas que estavam dentro do bar bebendo vem para a calçada e começam a dançar, a olhar e cumprimentar o Congo. Isso é muito legal! A receptividade da comunidade. Que é um trabalho que tem que ser feito sempre. Enquanto estive na direção da escola, eu procurei manter isso. Mas quando muda a direção depende de toda a vontade administrativa de como a direção atual vai conduzir.³⁶⁵

O exemplo de trabalho desenvolvido nesta escola demonstra que também se torna importante as trocas de conhecimento com os produtores culturais e, sobretudo a promoção de apresentações de grupos folclóricos ou de atividades que representam a manifestação de Congo em eventos escolares de modo a atingir os alunos e seus familiares. Ao desenvolver a pesquisa nesta escola, notei que os novos alunos da escola, que não presenciaram estes trabalhos, desconhecem aspectos da cultura de Congo, enquanto os alunos que presenciaram as manifestações e participaram de trabalhos relacionados ao tema lembram com saudosismo das atividades.

Valorizar os diferentes códigos, a variedade de expressão, o pluralismo de manifestações culturais, é obrigação do arte-educador competente. A reflexão sobre qual é a função da Arte-Educação é imprescindível, e essa está diretamente relacionada à concepção que se tem de Arte. A partir do momento em que se trabalha com o sujeito que lê e aprende, se deve pensar maneiras de inseri-los no universo artístico. Isso porque este universo não é aquele julgado como Arte Maior, mas como um universo plural e original em suas expressões.³⁶⁶

Paulo Freire observa que aprendizagem se relaciona com o tempo e a cultura. “Her damos a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura.”³⁶⁷ Que as transformações e adaptações são processos relativos as circunstâncias que acompanham um fato ou uma situação. Neste contexto, as adaptações referentes a cultura de Congo na escola e

³⁶⁵ RAMOS, 2017.

³⁶⁶ MELO, Amanda Cristina Figueira Bastos de; ANDRÉ, Bianka Pires. Arte popular: perspectivas multiculturais para o ensino de Artes Visuais no Brasil. *Revista Digital Art&*, São Paulo, Ano 12, n.15, , p.1-10, 2014. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-16/9.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

³⁶⁷ FREIRE, 1996, p. 41

nas aulas de Artes são permitidas para que possam atingir o objetivo de levar o conhecimento dessa manifestação para os alunos e comunidade escolar.

Desse modo, vimos que a cultura pode se modificar com o tempo e com as circunstâncias. As manifestações artísticas, religiosas e culturais também podem se adaptar e serem contextualizadas de várias maneiras. Estas manifestações podem servir como um excelente recurso de transmissão de conhecimentos. Este trabalho de pesquisa mostrou que os desafios para a difusão da Cultura de Congo capixaba na sociedade e nas escolas apoiadas pela disciplina de Artes são muitos, mas muitos também são os caminhos para iniciar esta jornada.

Caminhamos para a conclusão da presente pesquisa com a esperança de que a mesma frutifique na vida de muitos.



CONCLUSÃO

Esta pesquisa procurou compreender a cultura de Congo em relação a sua origem e história, a religiosidade presente na expressão e as principais características culturais da manifestação folclórica. Apesar da origem religiosa da manifestação o Congo se expressa como uma forma de produção de cultura popular e folclórica, a criação artística se dá através do visual de figurinos dos congueiros e de personagens folclóricos, na produção de instrumentos das bandas, estandartes e demais adereços das bandas, de composição de toadas, na expressão do canto e na dança dos participantes. Também se manifesta com um ritmo musical característico. Em relação a religiosidade dos praticantes há uma linha tênue entre o sagrado e o profano, enquanto alguns congueiros devotos enxergam a manifestação como um louvor aos santos católicos, outros congueiros se atém mais a expressão cultural enquanto uma manifestação popular festiva e alegre ou focada nas tradições de ancestralidade de seus antepassados.

Entendemos que a cultura está sempre em transformação, que pode ser alterada, modificada, sofrer influências e alterações. O hibridismo e a circularidade cultural são fenômenos presentes na manifestação que sofreu influência do contato das três principais matrizes formadoras do povo brasileiro. Herdou a língua e religiosidade do europeu, a musicalidade, valorização da história e ancestralidade dos povos africanos, e dos povos indígenas assimilou instrumentos típicos que a diferenciam de outras manifestações. Vimos também que a cultura de Congo é um patrimônio cultural imaterial capixaba fazendo desta expressão parte da identidade cultural do povo espírito-santense. Esta manifestação também é referência e fonte de inspiração para diversos artistas e produtores culturais.

Apesar da importância cultural da manifestação, muitos entrevistados relataram que ouviram ou vivenciaram situações de preconceitos em relação à cultura de Congo. Observou-se que os preconceitos são gerados por desconhecimento sobre a cultura de Congo. Alguns entrevistados demonstraram não conhecer o Congo ou não souberam apontar as características culturais e históricas da manifestação.

Verificamos que os hábitos culturais dos entrevistados interferem na compreensão e apreciação da cultura de Congo. As produções artísticas e culturais divulgadas em meios de comunicação de massa são muito influentes na formação de preferências dos entrevistados de menor escolaridade e de menor poder aquisitivo, maioria dos alunos e familiares entrevistados nesta pesquisa. Identificamos que informações e produções artísticas que dão enfoque a cultura popular não são muito abordadas e divulgadas por estes meios de comunicação de massa. Pontuamos que a internet é meio muito utilizado pelos entrevistados para apreciarem produções

audiovisuais, que este pode ser um excelente meio de divulgação da cultura, porém demanda produções de qualidade relativas a cultura de Congo ou mesmo que associam a manifestação com a cultura de massa para atrair a atenção e interesse deste público. Para ser mais conhecida não só pelo povo capixaba, mas também a nível nacional, a cultura de Congo deve ser mais promovida tanto pelos congueiros, quanto por setores governamentais. Deve ter o apoio do público e ser incentivada por instituições públicas e privadas.

Vimos também que a igreja e a escola são as instituições mais apontadas pelos alunos e seus familiares como espaços em que mais presenciam atividades artísticas e eventos culturais. Destacamos que a escola é o principal espaço de vivência e de apreciação da cultura popular mencionado por estes entrevistados, acentuando o papel da escola como protagonista na formação artística e cultural dos alunos, atingindo também a comunidade, devendo ser mais oportunizada esse tipo de manifestação cultural e atividades relacionadas à temática na escola.

Através dos relatos dos profissionais que atuam nas escolas, constatamos que profissionais que possuíam identificação e interesse com as temáticas afro culturais se dedicaram com maior empenho no desenvolvimento de trabalhos e atividades relacionados a questões étnicas raciais. Também nas entrevistas com congueiros, alunos, familiares e mesmo com os profissionais, os entrevistados que se auto declararam negros demonstravam orgulho das raízes raciais e culturais. Entretanto, notamos que alguns entrevistados em suas declarações a respeito de cor, raça ou etnia buscaram ocultar suas raízes, demonstrando também não apreciar as formas culturais afro brasileiras como forma de negação da ancestralidade ou mesmo como não identificação cultural.

Notamos que a intolerância e preconceitos a elementos e aspectos culturais africanos e principalmente em relação às religiões de matriz africana, são mais perceptíveis nos adolescentes e nos adultos do que nas crianças. Também foi maior em entrevistados que mencionaram ser membros de denominações cristãs. Ainda mais acentuada nos que afirmaram serem protestantes de linha pentecostal ou neopentecostal. Vemos que a religião cristã exerce muita influência na sociedade brasileira, refletindo o poder da religião também no espaço escolar, mesmo este sendo um espaço laico.

Existe uma deficiência na formação de profissionais da educação em relação a questões étnico-raciais. Fato que ocorre desde a graduação até a capacitação oferecida aos profissionais. Contudo, as diretrizes curriculares nacionais e municipais apontam para a abordagem destas temáticas em todas as disciplinas através de temas transversais e da obrigatoriedade de conteúdos relacionados à história e cultura afro-brasileira e indígena pelas disciplinas de História e Artes. Mesmo com o apoio de materiais e a orientação das secretarias de ensino dos

municípios pesquisados que também oferecerem formações aos profissionais. O interesse e empenho em abordar os temas depende da vontade dos profissionais e da gestão escolar. Fato que está muitas vezes ligado a falta de identificação cultural, religiosidade e preconceitos dos profissionais.

A pesquisa de campo demonstrou que as escolas que trabalham regularmente com temáticas afro culturais conseguem maior envolvimento dos alunos, familiares e mesmo dos profissionais em relação a cultura de Congo na escola. Escolas que não abordam a temática com o empenho necessário contribuem para invisibilidade da história dos povos negros e indígenas, deixando de abordar importantes questões sociais, étnico-raciais, suas contribuições e produções culturais.

A interdisciplinaridade entre as disciplinas de Artes, História e Ensino Religioso é muito importante para a abordagem dessas temáticas afro culturais e indígenas. A união desses campos do conhecimento e das temáticas são necessárias principalmente em discussões referentes ao racismo, tolerância e pluralidade. É importante também que as atividades e eventos promovidos pelas disciplinas ou pela instituição atinjam os familiares dos alunos, impactando a comunidade escolar e levando o conhecimento além dos muros da escola.

As aulas de Artes são muito importantes para apresentar aos alunos as diversas formas culturais existentes no mundo, dentre elas as europeias, africanas, afro-brasileiras e indígenas. Contudo, devemos primeiramente conhecer e valorizar a cultura popular local como forma de autoafirmação do que somos, de como nos relacionamos com nosso território e nossas raízes. Nas aulas de Artes a compreensão do objeto artístico da manifestação popular do Congo também deve seguir os aspectos da abordagem triangular de Barbosa, com a apreciação e análise da obra, sua contextualização histórica e a prática artística para assimilação do conteúdo e expressão da criatividade. A manifestação do Congo é rica em possibilidades de representação de imagens bidimensionais ou obras tridimensionais, assimilações e releituras, composições musicais, produção de instrumentos, de figurinos ou adereços, de expressão de danças, de produção de vídeos, animações e tantas outras formas de expressão.

A valorização desta forma de expressão cultural popular nas aulas de Artes, da educação infantil ao ensino médio é uma maneira não só de divulgação desta manifestação, mas também um dever do profissional consciente do seu papel de educador e de estimulador do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO de bandas de Congo da Serra. *O Congo da Serra*. c2012. Disponível em: <<http://www.abc Serra.org.br/historia.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

ASSOCIAÇÃO de bandas de Congo da Serra. *Festas*. Serra: Associação de bandas de Congo da Serra, c2013. Disponível em: <<http://www.abc Serra.org.br/festas.html>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

AMOR MASCARADO. Escrito e dirigido por alunos da Escola do Campo e Estação de Ciências Margarete Cruz Pereira. Produzido por Andreia Ramos e Scheila Shunk Cariacica: Instituto Marlin Azul e Semcult. 2013. Animação publicada na internet. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5Adeu7EQIJw>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

BAKTHIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento - O contexto de François Rebelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: Ed. Com/Arte, 1999.

BARBOSA, Ana Mae. A importância do ensino das artes na escola. *Revista Época*, reportagem publicada em meio digital. 16 mai. 2016. Entrevista concedida a Beatriz Morrone. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa; RODRIGUES, Alexandre, SISS, Ahyas. (Orgs.) *Africanidades: produções identitárias e políticas culturais*. Vitória: EDUFES. 2013.

BARROS, N. C. de. Antropogeografia: ecologia, cultura e europeização. *Revista de Geografia – Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE*. Recife, v. 29, n. 2, p. 25-33, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/229047>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

BASTOS, Fabíola Martins. *Relações sociais, conflitos e espaços de sociabilidades: formas de convívio no município de Vitória*. 2009. 204 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

BRASIL. *Constituição Federativa da República de 1988*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas emendas constitucionais nos 1/92 a 68/2011 e pelas emendas constitucionais de revisão nº1 a 6/94. Brasília: Senado Federal – Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. *Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm>. Acesso em: 18 jun. 2016.

BRASIL. *Lei nº 8.069/90, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 17 jun. 2017.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 12 de dez. 2016.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 12 de dez. 2017.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 20 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 12 dez. 2017

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Arte*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2017.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais/Secretaria de educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2017.

BRAVIN, Adriana. *A articulação Congopop: projeto, mídia e identidade na produção musical contemporânea no Espírito Santo*. 2015. 140 f. Dissertação (mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Comunicação, imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense - UFF. Niterói, 2015.

BOTTO, Fabio (Dir). *São Benedito – 05 de outubro: Protetor dos negros*. Portal catolicismo Romano: Direção geral de Fabio Botto. São Paulo: Grupo Editorial Sfera. c2010. Disponível em: <<http://irmandadedoshomenspretos.org.br/site/sao-benedito/>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

BOTTO, Fabio (Dir). *São Benedito: Protetor dos negros*. Portal catolicismo romano: Direção geral de Fabio Botto. São Paulo: Grupo Editorial Sfera. c2010. Disponível em: <<http://www.catolicismoromano.com.br/content/view/35/28/>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

BRUYM, Maria José Carmo Alves de; MARTINS, Lizete Caires Barros. *Festa da Banda de Congo de São Benedito de Piranema Cariacica: Transição do século XX ao XXI e sua representação para a comunidade local*. 2010. 72p. Trabalho de conclusão de curso (monografia)

– Graduação da Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Teixeira de Freitas, 2010.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CAPAI, Humberto (coord.). *Atlas do Folclore Capixaba*. Vitória: SEBRAE, 2009.

CAPES. *Tabela de Áreas do Conhecimento*. BRASÍLIA: MEC/CAPES, 2017. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/documentos/documentos_diversos_2017/TabelaAreasConhecimento_072012_atualizada_2017_v2.doc>. Acesso em: 12 dez. 2017.

CERNIAVSKIS, Elvira. *Congo: Fé ou Festa? Eis a questão!* 2010. 37f. Trabalho de conclusão de Curso (Especialização) - Curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.usp.br/celacc/?q=celacc-tcc/356/detalhe>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

CEZAR, Lilian Sagio. Saberes contados, saberes guardados: a polissemia da congada de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v.18, n.38, p. 187-212, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n38/08.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. *Carta do Folclore Brasileiro*. Salvador, 16 dez. 1995. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

COSTA, Eduard Montgomery Meira. *Orixás: Magia Elemental e Espiritualidade nas Religiões Afro-Brasileiras*. São Paulo: AGBOOK, 2011.

CHINELLI, Juliana de Jesus. Reflexão sobre a observação das práticas religiosas como expressões de identidades culturais. *Unitas – Revista Eletrônica de Ciências das Religiões*, Vitória, v. 2, jul.-dez. p. 44-60, 2014. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/view/141>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

CHINELLI, Juliana de Jesus. Reflexão sobre a observação das práticas religiosas como expressões de identidades culturais. *Unitas – Revista Eletrônica de Ciências das Religiões*, Vitória, v. 2, jul.-dez., 2014, p. 44-60. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EIMER, Haroldo. *Considerações sobre multidisciplinariedade e interdisciplinaridade na área*. Brasília: MEC/CAPES, 2012, p. 2. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Interdisciplinaridade_Teologia.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.

FERREIRA, Maria Nazareth, Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares. *Comunicação e Informação - UFG*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 111-117, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/22807>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

FERRETI, R. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. *Revista Pós Ciências Sociais - Periodicos UFMA*. São Luis, v. 11. n. 21, p. 15-34, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/2867/2686>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

FONSECA, Vivian. A capoeira e o mundo do trabalho: embates acerca da profissionalização. *Arquivo Edgard Leuenroth* – Centro de Pesquisa e Documentação Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, v.16, n.28, p. 119-141, 2010. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/acl/article/viewFile/2586/1996>> Acesso em: 06 ago. 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREITAS, Dagmar Alves de. *O Carnaval de Congo de Roda d'Água*. 2007. 189 f. Dissertação de (mestrado) - Curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Administração e Comunicação da Universidade de São Marcos. São Paulo, 2007.

FREITAS, Jaqueline. *Insurreição do Queimado, um marco da luta pela liberdade*. Palmares Fundação Cultural. 2011. Disponível em : <<http://www.palmares.gov.br/?p=9431>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

FRESSATO, Soleni. Jeca Tatu: Uma representação cômica da cultura popular no cinema nacional. In. II ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDICLINARES EM CULTURAS, 2016, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA - CULT - Centro de estudos multidisciplinares em cultura, 2016. p. 1-15. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecul2006/soleni_fressato.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2017.

GARCIA, A. L. A identidade capixaba em questão: uma análise psicossocial. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte: Associação Brasileira de Psicologia Social, v. 16, n. 3, p. 82-90, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n3/a10v16n3.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GOULARTE, Rodrigo da Silva. O conto do vigário e outros contos: Revoltas escravas no Espírito Santo dos Oitocentos. *Revista Eletrônica Discente História.com*, Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Cachoeira, v.1, n. 1, p. 1-13, 2013.

IANNI, Octavio. Dialética das relações raciais. *Estudos avançados*, São Paulo, v.18, n.50, p.21-30, 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100003>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

IPHAN. *Patrimônio material*. Brasília: IPHAN, c2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KODAMA, Katia Maria Roberto de Oliveira; SILVA, Ana Carolina de Souza Silva. Valorização das artes e culturas populares no ensino de artes: uma proposta de educação para promover o pertencimento. *Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente, v.9, n. Especial, 1236-1244, 2012. Disponível em: <<http://www.unoeste.br/site/enepe/2012/suplementos.aspx?area=Humanarum>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LIMA, Daniel Torquato Fonseca de; FONSECA, Ivonildes da Silva; FERNANDES Paula Maria. Desmontando a demonização sobre as religiões afrobrasileiras. In: V COLÓQUIO NACIONAL DA AFIRSE - Secção Brasileira, 2011, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 2011, p. 1-7. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/12319557-Desmontando-a-demonizacao-sobre-as-religoes-afrobrasileiras-daniel-torquato-fonseca-de-lima-ivonildes-da-silva-fonseca-paula-maria-fernandes.html>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

LIMA, Magali. Vila Velha quer o congo como patrimônio cultural imaterial, mas não valoriza um dos principais polos da manifestação. *Século Diário*, Vitória, 24 dez. 2016. Disponível em: <<http://seculodiario.com.br/32065/17/vila-velha-quer-o-congo-como-patrimonio-cultural-imaterial-mas-nao-valoriza-um-dos-principais-polos-da-manifestacao>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

LUPPI, Syria. Festa da Penha: bandas de congo organizam a primeira fincada de mastro. Notícia. *Prefeitura Municipal de Vila Velha*. Vila Velha, 23 jan. 2017. Disponível em: <<http://vilavelha.es.gov.br/noticias/2017/01/festa-da-penha-bandas-de-congo-organizam-a-primeira-fincada-de-mastro-11912>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

MAZÔCO, Eliomar Carlos. *O Congo de Máscaras*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo/ Secretaria de Produção e Difusão Cultural. 1993.

MELO, Amanda Cristina Figueira Bastos de; ANDRÉ, Bianka Pires. Arte popular: perspectivas multiculturais para o ensino de Artes Visuais no Brasil. *Revista Digital Art&*, São Paulo, Ano 12, n.15, p.1-10, 2014. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-16/9.pdf>> Acesso em: 07 ago. 2017.

MELLO E SOUZA, Marina de. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte. Editora da Universidade de Minas Gerais, 2002.

MORIGI, Valdir Jose; ROCHA, Carla Pires Vieira da; SEMENSATTO, Simone; Memória, representação sociais e cultura imaterial. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, Ano 09, n. 14, p.182-191, 2012. Disponível em:

<http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero14-2012/artigos/waldir_pt.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2017.

MOURA, Antônio de Paiva. Turismo e Festas Folclóricas no Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo e PINSK, Jaime (Orgs.) *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 38-39.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil de Hoje: Histórias, Realidades, Problemas e Caminhos*. São Paulo: Global: Ação Educativa, 2006.

NEVES, Reinaldo Santos (Org.). *Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982*. v. 2. Guilherme Santos Neves. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008.

OLIVEIRA, Sofia Araújo de. Cultura popular e o maracatu rural: trilhando o caminho do espetáculo. *CULTUR*, Ilhéus, ano 05, n. 01. p. 58-70, 2011. Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano5-edicao1/artigo_5.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração universal dos direitos humanos*. Rio de Janeiro: UNIC. 2009. p.14-15. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

ORO, Ari Pedro. Intolerância religiosa Iurdiana e reações afro no Rio Grande do Sul. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religiosa afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 33.

OSÓRIO, Carla; BRAVIN, Adriana; SANTANNA, Leonor. *Negros do Espírito Santo*. São Paulo: Escrituras Editora, 1999.

POLLOCK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA. *Diretrizes Curriculares do Município de Cariacica/ES - Ensino Fundamental (6º ao 9º Ano)*. Cariacica: Prefeitura Municipal de Cariacica/ Secretaria Municipal de Educação de Cariacica. 2012. Disponível em: <<http://www.cariacica.es.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/DIRETRIZES-FINAL-6%C2%BA-AO-9%C2%BA-ANO.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA, *Lei nº. 5.477*, de 13 de outubro de 2015. Dispõe sobre a criação da lei municipal de incentivo financeiro à cultura – Lei João Bananeira, Cariacica/ES, e dá outras providências. Cariacica, 13 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.legislacaocompilada.com.br/cariacica/Arquivo/Documents/legislacao/html/L54772015.html>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DA SERRA, *Agenda Cultural*. Serra: SETUR. 2017. Disponível em: <<http://www.serra.es.gov.br/detalhe-da-materia/info/agenda-cultural/7074>>. Acesso em: 13 fev. 2017

PREFEITURA MUNICIPAL DE VILA VELHA, *Lei nº 5820*, de 13 de janeiro de 2017. Declara “Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Vila Velha” a manifestação denominada “Congo”.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. *Diretrizes curriculares para o ensino fundamental*. Prefeitura de Vitória: Secretaria de educação-Sistema Municipal de Ensino de Vitória. Vitória, 2004. p. 75-76.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. *Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos*. Prefeitura Municipal de Vitória/ Secretaria de Educação. SPERANDIO, Adriana (Coord.); CASTRO, Janine Pereira de Castro; FIORIO, Ângela Francisca Caliman. Vitória: Seme. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. *Política de formação continuada para os profissionais da educação da rede de ensino de Vitória*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória/ Secretaria Municipal de Educação/ Subsecretaria Político-Pedagógico/ Gerência de Formação e Desenvolvimento em Educação. 2016.

RIBEIRO, Anderson Santos. *A devoção a São Benedito*. Rio de Janeiro: Imperial Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. c2017. Disponível em: <<http://irmandadedoshomenspretos.org.br/site/sao-benedito/>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

RIBEIRO, Anderson Santos. *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos e a construção do mito da escrava Anastácia*. Rio de Janeiro: Imperial Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. c2017. Disponível em: <<http://irmandadedoshomenspretos.org.br/site/a-irmandade/>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

ROLDI, Ana Paula Dias Pazzagli, *A Educação Ambiental nos encontros do Congo com os cotidianos escolares de uma Escola Municipal da Barra do Jucu, Vila Velha, ES*. 2014.138 f. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, 2014.

SANTOS, Elice Sena. *A invisibilidade da cultura negra na mídia capixaba*. 2015. 4f. Trabalho de conclusão de curso - Disciplina de Formação Social, Econômica, Política e Cultural. Centro de Artes, Departamento de Comunicação Social. Universidade Federal do Espírito Santo. UFES: Vitória, 2015. p. 2. Disponível em: <http://www.academia.edu/17647511/A_invisibilidade_da_cultura_negra_na_midia_capixaba>. Acesso em: 14 mai. 2017.

SANTOS, Erton Kleiton Cabral dos; BARROS, Ana Maria de. Educação e cultura: O papel da arte educação na formação de protagonismo na juventude pernambucana. In: FORUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: Realize Editora, 2009. p. 1-13. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/ppgdh/images/documentos/anamb5.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Selvagens, exóticos, demoníacos: ideias e imagens sobre gente de cor preta. *Estudos afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 275-289, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n2/a03v24n2.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2015.

SANTOS, José Elias Rosa dos. Carnaval de Congo e Máscaras: construção e reconstrução de um ritual. In: I SIMPOSIO INTERNACIONAL E II NACIONAL SOBRE ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES DE FESTAS POPULARES. 2013, Goiânia. *Anais...Goiânia*: LABOTER UFG, 2013, p. 307-329. Disponível em: <https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/Ebook_SIMCA.pdf>. Acesso em: 26 mar.2016.

SANTOS, José Elias Rosa dos. *Processos organizativos e identidade afro-brasileira: a transmissão do Congo em Cariacica/ES*. 2013. 213p. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

SANTOS, José Elias Rosa dos. Processos organizativos, memória e identidade: etnografia e história da transmissão cultural do congo em uma comunidade afro-brasileira-Cariacica (ES). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS. 2011, Vitória. *Anais...Vitória*: UFES, 2011. p. 1-20. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1475>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

SILVA, Patrícia Santos; LOUREIRO, Andressa Maria Rodrigues. Carnaval de Congo de Roda D'água: cultura e memória de um povo. In: II Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação - II EREBD SE/CO/SUL, 2015. p. 161-166. São Carlos. *Anais...* São Carlos: UFSCR, 2015.

SILVA, Vagner Gonçalves. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana*, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.207-236, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v13n1/a08v13n1.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2015.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio. *Revista de Estudos da Religião*, PUC, São Paulo, n. 3, p. 45-75, 2002. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv3_2002/p_soares.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2017.

SOUSA JÚNIOR, José Pereira de. *Irmandades Religiosas: espaços de devoção e disputas políticas na Paraíba oitocentista*. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2009, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: UFC, 2009 p. 1-11. Disponível em: <anais.anpuh.org/?p=16560>. Acesso em: 13 mar. 2017.

SOUZA, Edileuza Penha de. *Tamborizar: história e afirmação da auto-estima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de congo*. 2005. 190 f. Dissertação de (mestrado) - Departamento de Educação no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Teixeira de Freitas, 2005. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2005/eileuza_penha_de_souza.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2016.

SOUZA, Rainer Gonçalves. *O Reino do Congo*. Mundo educação. Portal BOL. Rede Omnia. c2017. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/o-reino-congo.htm>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

SZKLARZ, Eduardo. Os deuses se alimentavam de carne humana. *Super interessante*. São Paulo: Editora Abril, edição especial n. 280, p. 40-45, julho de 2010.

TYLOR, Edward Burnett. *Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and custom*. London: Murray, Vol. I. 1920.

UNESCO. *Patrimônio Cultural Imaterial*. BRASÍLIA: UNESCO, c2016. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>> Acesso em: 26 mar.2016.

VENTORIM, Luciano. *Colonização*. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo. c2015-2017. Disponível em: <<https://es.gov.br/historia/colonizacao>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

VILA, Martinho da. *Madalena do Jucu*. Álbum: O Canto das Lavadeiras. CBS, 1989. Faixa 2 (3:41 min).

VILHENA, Junia de. A violência da cor: Sobre racismo, alteridade e intolerância. *Revista Psicologia Política*, UFMG, Belo Horizonte, v.6, n. 12, p. 1-20, 2006. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/rpp/seer/ojs/viewarticle.php?id=7&layout=html>>. Acesso em: 04 set. 2015.

XAVIER FILHO, José Luiz. Identidade negra no contexto pós-colonial: construção do sujeito negro. In: VII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL – “Escritas, Circulação e Recepções”, 2014, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo -USP, 2014. p. 1-13. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Jose%20Luiz%20Xavier%20Filho.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

XIII PRÊMIO ARTE NA ESCOLA CIDADÃ - Educação Infantil: Projeto Nós Afro. Dirigido por Renata Druck. Produzido por Nelson Encharta, e Cassiano Zuppo. Oficina, 2012. Documentário em formato de vídeo publicado na internet (6:48min), color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ymFSeT3ifs4>>. Acesso em 19 out. 2017.

APÊNDICÊ A - DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS GRAVADAS – TRANSCRIÇÃO PARA NÚMEROS QUANTITATIVOS – QUADRO 1.

SEGUIMENTO:	DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS GRAVADAS - TRANSCRIÇÃO PARA NÚMEROS QUANTITATIVOS															
	ALUNOS DO FUNDAMENTAL I		ALUNOS DO FUNDAMENTAL II		ALUNOS DA EJA		FAMILIARES		PROFISSIONAIS		TOTAL GERAL DOS ENTREVISTADOS					
	VIT	CAR TOTAL	VIT	CAR TOTAL	VIT	CAR TOTAL	VIT	CAR TOTAL	VIT	CAR TOTAL	VIT	CAR TOTAL				
ESCOLAS PESQUISADAS EM:	9	11	20	26	40	66	0	10	10	18	16	34	74	109	183	
TOTAL DE ENTREVISTADOS:							21	32	53	18	16	34	74	109	183	
ENTREVISTADOS QUE AFIRMARAM CONHECER O CONGO CAPIXABA	89%	27%	55%	50%	75%	65%	52%	81%	70%	94%	75%	85%	66%	72%	69%	
GOSTA DE OUVIR CONGO	11%	82%	50%	38%	15%	22%	19%	6%	11%	0%	6%	3%	20%	20%	20%	
NUNCA OUVIRAM O CONGO	78%	18%	45%	38%	68%	69%	24%	41%	35%	83%	63%	76%	55%	50%	53%	
GOSTAM DE OUVIR CONGO	0%	0%	0%	23%	13%	8%	43%	47%	46%	17%	25%	21%	24%	24%	24%	
NÃO GOSTAM DE OUVIR CONGO	11%	0%	5%	0%	5%	1%	14%	6%	8%	0%	6%	0%	2%	5%	3%	
NÃO DECLARARAM OU NÃO FORAM QUESTIONADOS SOBRE ESTE ITEM																
O QUE O CONGO SIGNIFICA/REPRESENTA	MENÇÕES:		MENÇÕES:		MENÇÕES:		MENÇÕES:		MENÇÕES:		MENÇÕES:		MENÇÕES:		MENÇÕES:	
NÃO DECLAROU	1	8	9	3	1	4	1	2	3	1	4	1	2	3	7	
NÃO CONHECE O CONGO	4	1	5	2	4	6	3	2	5	2	6	1	2	15	21	
CULTURA	1	1	2	11	25	36	6	20	28	15	14	29	38	66	104	
RELIGIÃO				2	3	5	2	2	2				2	7	9	
EXPRESSIONO													0	0	0	
DANÇA	1	1	2	3	7	10	1	1	2	1	1	1	6	10	16	
MÚSICA	1		1	1	6	7	2	3	5	2	2	2	5	9	14	
FOLCLORE			2	1	1	1	1	2	2	2	4	6	4	8	12	
CULTURA			1	3	3	3	2	2					0	0	0	
FESTIVIDADE													0	6	6	
ALEGRIA										1	1	1	1	0	1	
RESISTÊNCIA				1	1	1	1	1	1	3	3	3	1	5	6	

APÊNDICÊ B - DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS GRAVADAS – TRANSCRIÇÃO PARA NÚMEROS QUANTITATIVOS – QUADRO 2.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 13/11/2017.

DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS GRAVADAS - TRANSCRIÇÃO PARA NÚMEROS QUANTITATIVOS 2

PREFERENCIA MUSICAL	MENÇÕES:						
NÃO DECLAROU	3	1	2	3	2	1	3
ECLÉTICO	1	4	7	7	2	2	9
MPB	1	3	8	11	7	7	15
SAMBA	1	4	4	5	2	2	3
SERTANEJO	1	1	1	1	1	1	1
PAGODE	2	2	6	10	1	1	2
AXE	2	2	3	5	3	3	3
FORRÓ	2	2	4	6	4	4	3
FUNK	1	1	3	2	1	1	2
ROCK	1	1	3	14	1	1	2
POP	1	1	4	7	1	1	2
ELETRONICA	1	1	2	4	6	1	1
HIP-HOP	1	1	1	1	1	1	1
RAP	1	1	1	1	1	1	1
REGGAE	1	1	1	1	1	1	1
ROMANTICAS	1	1	1	1	1	1	1
MÚSICA ERUDITA	1	1	1	1	1	1	1
JAZZ	1	1	1	1	1	1	1
NEW AGE	1	1	1	1	1	1	1
K-POP	1	1	1	1	1	1	1
RELIGIOSA	4	5	9	2	2	2	22

CLASSE SOCIAL	MENÇÕES:						
NÃO DECLAROU OU NÃO SABIA A CLASSE SOCIAL/FAMILIAR	7	7	5	8	13	1	2
A	1	1	4	1	5	1	6
B	3	2	4	22	26	6	6
C	5	2	13	9	22	2	23
D	6	17	23	0	0	0	0
E	4	2	6	4	2	6	6
	18	16	34	4	2	6	34
	18	47	65	4	2	6	65
	28	27	55	1	1	1	55

APÊNDICE D – PESQUISA SOBRE O HÁBITO CULTURAL DOS ENTREVISTADOS – QUADRO 2.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 13/11/2017.

SEGUIMENTO:	PESQUISA SOBRE O HÁBITO CULTURAL DOS ENTREVISTADOS - RESULTADO PORCENTUAL GERAL DAS ESCOLAS DOS MUNICÍPIOS DE CARIACICA E VITÓRIA												2																	
	ALUNOS						FAMILIARES						PROFISSIONAIS						TOTAL											
	VITÓRIA		CARIACICA		TOTAL		VITÓRIA		CARIACICA		TOTAL		VITÓRIA		CARIACICA		TOTAL		TOTAL DE ENTREVISTADOS											
	EMEF 1	EMEF 2	EMEF 3	EMEF 4	EMEF 5	EMEF 6	EMEF 1	EMEF 2	EMEF 3	EMEF 4	EMEF 5	EMEF 6	EMEF 1	EMEF 2	EMEF 3	EMEF 4	EMEF 5	EMEF 6	EMEF 1	EMEF 2	EMEF 3	EMEF 4	EMEF 5	EMEF 6	VITÓRIA	CARIACICA	TOTAL			
ESCOLAS PEQUISADAS EM VITÓRIA E CARIACICA	9	16	10	24	23	13	35	60	95	2	13	5	9	22	1	20	32	52	5	7	2	10	17	45	32	72	107	179		
ASSISTIR FILMES EM CASA																														
Televisão	67%	44%	80%	88%	61%	77%	60%	75%	69%	100%	100%	80%	78%	86%	0%	95%	81%	87%	60%	57%	60%	100%	100%	60%	59%	73%	66%	69%	77%	74%
Internet	33%	62%	60%	50%	48%	46%	54%	48%	51%	0%	31%	20%	33%	36%	0%	25%	34%	31%	100%	71%	80%	0%	50%	60%	82%	47%	66%	53%	44%	47%
Aparelhos portáteis	22%	0%	40%	17%	4%	8%	17%	10%	13%	50%	0%	0%	11%	5%	100%	5%	9%	8%	0%	14%	40%	0%	0%	30%	18%	13%	19%	14%	11%	12%
ASSISTIR FILMES PROJETADOS																														
Cinema	56%	62%	80%	58%	65%	77%	66%	35%	65%	50%	62%	40%	33%	36%	100%	55%	37%	44%	80%	86%	100%	100%	50%	60%	88%	67%	78%	68%	57%	61%
Escola	100%	31%	30%	42%	35%	46%	49%	40%	43%	0%	31%	0%	11%	9%	0%	20%	9%	13%	40%	71%	20%	33%	50%	30%	47%	33%	41%	40%	30%	34%
Igreja	33%	0%	10%	12%	4%	15%	11%	10%	11%	0%	23%	0%	0%	14%	0%	15%	9%	12%	0%	14%	0%	0%	50%	20%	6%	20%	13%	11%	11%	11%
Outro local	11%	12%	10%	4%	4%	0%	11%	3%	6%	50%	0%	20%	33%	18%	0%	10%	22%	17%	0%	0%	0%	0%	0%	20%	0%	13%	6%	8%	10%	9%
APRESENTAÇÃO DE CANTORES E GRUPOS MUSICAIS																														
Bares e boates	0%	19%	10%	8%	4%	15%	11%	8%	9%	50%	0%	20%	11%	5%	100%	10%	9%	10%	40%	14%	60%	33%	50%	10%	35%	20%	28%	17%	10%	13%
Casa de show	22%	12%	20%	17%	9%	15%	17%	13%	15%	0%	15%	40%	11%	9%	100%	20%	12%	12%	40%	43%	60%	67%	0%	30%	47%	33%	41%	25%	16%	20%
Árena ou Parque	44%	12%	10%	25%	9%	23%	20%	18%	19%	50%	0%	20%	0%	9%	0%	10%	6%	8%	0%	86%	20%	0%	0%	30%	41%	20%	31%	22%	15%	18%
Igreja	44%	37%	40%	37%	43%	38%	40%	40%	40%	0%	62%	0%	44%	59%	0%	40%	47%	48%	0%	43%	0%	0%	50%	40%	18%	33%	25%	35%	43%	40%
Outro local	33%	25%	40%	21%	22%	8%	31%	18%	23%	100%	15%	20%	22%	18%	0%	25%	19%	21%	20%	14%	20%	0%	0%	0%	18%	0%	9%	26%	16%	20%
APRESENTAÇÃO DE ORQUESTRAS E CORAIS																														
Teatro	67%	31%	40%	8%	17%	15%	43%	13%	24%	50%	31%	20%	0%	0%	0%	30%	0%	12%	100%	57%	80%	67%	50%	40%	76%	47%	63%	47%	14%	27%
Casa de show	11%	6%	10%	0%	4%	8%	9%	3%	5%	0%	15%	0%	0%	5%	0%	10%	3%	6%	20%	0%	0%	0%	0%	10%	6%	7%	6%	8%	4%	6%
Árena ou Parque	22%	6%	10%	4%	9%	0%	11%	5%	7%	50%	0%	0%	11%	5%	100%	5%	9%	8%	0%	29%	0%	0%	33%	0%	10%	13%	13%	10%	7%	8%
Igreja	67%	31%	40%	29%	39%	38%	43%	35%	38%	50%	23%	0%	44%	36%	0%	20%	37%	31%	0%	57%	20%	33%	0%	30%	29%	27%	28%	33%	35%	34%
Escola	44%	6%	30%	21%	26%	15%	23%	22%	22%	100%	15%	0%	33%	0%	0%	20%	9%	13%	0%	29%	20%	0%	0%	40%	18%	27%	22%	21%	19%	20%
Outro local	11%	25%	10%	17%	4%	0%	17%	8%	12%	0%	8%	20%	0%	27%	0%	10%	19%	15%	0%	14%	20%	33%	50%	0%	12%	13%	13%	14%	12%	13%

APÊNDICE E – PESQUISA SOBRE O HÁBITO CULTURAL DOS ENTREVISTADOS –
QUADRO 3.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 13/11/2017.

SEGUIMENTO: ESCOLAS PEQUISADAS EM VITÓRIA E CARIACICA	PESQUISA SOBRE O HÁBITO CULTURAL DOS ENTREVISTADOS - RESULTADO PORCENTUAL GERAL DAS ESCOLAS DOS MUNICÍPIOS DE CARIACICA E VITÓRIA												3													
	ALUNOS						FAMILIARES							PROFISSIONAIS						TOTAL						
	VITÓRIA			CARIACICA			VITÓRIA			CARIACICA				VITÓRIA			CARIACICA			TOTAL						
	EMEF 1	EMEF 2	EMEF 3	EMEF 4	EMEF 5	EMEF 6	EMEF 1	EMEF 2	EMEF 3	EMEF 4	EMEF 5	EMEF 6	EMEF 1	EMEF 2	EMEF 3	EMEF 4	EMEF 5	EMEF 6	EMEF 1	EMEF 2	EMEF 3	EMEF 4	EMEF 5	EMEF 6	TOTAL	TOTAL DE ENTREVISTADOS
TOTAL DE ENTREVISTADOS:	9	16	10	24	23	13	35	60	95	20	32	52	17	15	32	72	107	179	72	107	179	72	107	179	72	107
APRESENTAÇÃO DE DANÇAS																										
Teatro	44%	37%	40%	17%	9%	23%	43%	15%	25%	35%	6%	17%	53%	53%	53%	53%	53%	53%	53%	53%	53%	53%	53%	53%	53%	28%
Casa de show	22%	0%	10%	8%	4%	15%	9%	8%	8%	15%	0%	6%	7%	7%	6%	6%	7%	6%	6%	7%	6%	6%	7%	6%	6%	7%
Aréna ou Parque	22%	0%	20%	8%	4%	8%	11%	7%	8%	10%	9%	10%	7%	9%	9%	7%	9%	9%	7%	9%	9%	7%	9%	9%	7%	9%
Igreja	56%	19%	30%	17%	17%	23%	31%	18%	23%	40%	37%	38%	37%	38%	38%	37%	38%	38%	37%	38%	38%	37%	38%	38%	37%	25%
Escola	56%	44%	30%	33%	57%	54%	57%	47%	45%	40%	44%	42%	44%	42%	42%	40%	44%	42%	40%	44%	42%	40%	44%	42%	40%	43%
Outro local	33%	25%	30%	25%	9%	0%	29%	13%	19%	15%	6%	10%	6%	10%	10%	15%	6%	10%	6%	10%	10%	15%	6%	10%	15%	17%
APRESENTAÇÃO DE TEATRO																										
Teatro	44%	56%	50%	17%	9%	8%	51%	12%	26%	45%	3%	19%	60%	60%	72%	60%	60%	72%	60%	60%	72%	60%	60%	72%	60%	32%
Casa de show	11%	0%	0%	0%	0%	0%	3%	0%	1%	5%	0%	2%	0%	2%	3%	0%	2%	3%	0%	2%	3%	0%	2%	3%	0%	2%
Aréna ou Parque	22%	6%	10%	12%	4%	0%	11%	7%	8%	5%	3%	4%	3%	4%	4%	3%	4%	4%	3%	4%	4%	3%	4%	4%	3%	6%
Igreja	56%	19%	40%	33%	30%	46%	34%	35%	35%	35%	31%	33%	31%	33%	33%	31%	33%	33%	31%	33%	33%	31%	33%	33%	31%	31%
Escola	44%	12%	40%	8%	39%	31%	29%	25%	26%	30%	34%	33%	34%	33%	33%	30%	34%	33%	30%	34%	33%	30%	34%	33%	30%	27%
Outro local	11%	19%	20%	8%	13%	8%	17%	10%	13%	5%	12%	10%	5%	12%	10%	5%	12%	10%	5%	12%	10%	5%	12%	10%	5%	11%
APRESENTAÇÃO DE CULTURA POPULAR E FOLCLÓRICA																										
Comunidade	33%	25%	10%	17%	4%	0%	23%	8%	14%	25%	22%	23%	27%	27%	31%	27%	27%	31%	27%	27%	31%	27%	27%	31%	27%	20%
Rua/Locais públicos	33%	12%	40%	37%	26%	8%	26%	27%	26%	35%	9%	19%	47%	53%	53%	47%	53%	53%	47%	53%	53%	47%	53%	53%	47%	29%
Baras e boates	11%	12%	0%	4%	0%	0%	9%	2%	4%	5%	0%	2%	0%	2%	0%	0%	2%	0%	0%	2%	0%	0%	2%	0%	0%	3%
Teatro	22%	44%	10%	0%	4%	8%	29%	3%	13%	20%	0%	8%	13%	16%	16%	13%	16%	16%	13%	16%	16%	13%	16%	16%	13%	12%
Casa de show	11%	0%	0%	0%	0%	0%	3%	0%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	1%
Aréna ou parque	0%	0%	0%	8%	9%	0%	0%	7%	4%	15%	3%	8%	13%	9%	9%	6%	13%	9%	6%	13%	9%	6%	13%	9%	6%	11%
Igreja	22%	0%	0%	8%	4%	8%	6%	7%	6%	15%	12%	13%	3%	8%	8%	15%	12%	13%	3%	8%	8%	15%	12%	13%	3%	8%
Escola	44%	44%	20%	37%	48%	46%	37%	43%	41%	45%	47%	46%	47%	46%	46%	45%	47%	46%	45%	47%	46%	45%	47%	46%	45%	40%
Outro local	0%	6%	10%	8%	9%	0%	6%	7%	6%	15%	6%	10%	18%	13%	13%	15%	6%	10%	18%	13%	13%	15%	6%	10%	18%	8%

APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA – PRATICANTES DO CONGO.

**PESQUISA DE CAMPO ENTRE OS CONGUEIROS
QUESTIONÁRIO / ENTREVISTA
SEGUIMENTO: PRATICANTES DO CONGO**

- QUAL SUA IDADE?
- COMO VOCÊ DEFINE SUA RAÇA/COR?
- VOCÊ RESIDE EM ÁREA URBANA OU RURAL?
- SOMANDO A RENDA DE SUA FAMÍLIA, EM QUAL CLASSE SOCIAL* VOCÊ SE ENQUADRA? (*Definição segundo o IBGE – Salário mínimo vigente em 2016 de R\$880,00)

- CLASSE E - () MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMO – [MENOS DE R\$ 1760,00]
- CLASSE D - () ENTRE 2 A 4 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ENTRE R\$ 1760,00 A R\$ 3520,00]
- CLASSE C - () DE 4 A 10 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ENTRE R\$ 3520,00 A R\$ 8800,00]
- CLASSE B - () DE 10 A 20 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ENTRE R\$ 8800,00 A R\$ 17600,00]
- CLASSE A - () ACIMA DE 20 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ACIMA DE R\$ 17600,00]

- QUAL SUA ESCOLARIDADE?
- QUAL É SUA RELIGIÃO? É PRATICANTE?
- QUAL SUA DEVOÇÃO? (CASO FOR CATÓLICO)
- QUAIS SEUS HÁBITOS CULTURAIS E DE DIVERSÃO MAIS FREQUENTES?

FORMULÁRIO EM ANEXO.

- QUE TIPOS DE MÚSICAS (ESTILOS MUSICAIS OU ARTISTAS) VOCÊ GOSTA DE OUVIR?
- COMO VOCÊ CONHECEU O CONGO?
- A QUANTO TEMPO PARTICIPA DO CONGO?

- O QUE SIGNIFICA OU REPRESENTA O CONGO PARA VOCÊ?
- COMO VOCÊ SE SENTE AO PRATICAR O CONGO?
- O CONGO SE RELACIONA COM SUA COMUNIDADE OU COM SUA HISTÓRIA? QUAIS SÃO AS RELAÇÕES QUE VOCÊ OBSERVA?
- VOCÊ ACHA QUE O CONGO TEM RELAÇÃO OU SEMELHANÇA COM A SUA RELIGIÃO? (SE AFIRMATIVO) QUAIS SÃO ELAS?
- VOCÊ ACHA QUE AS PESSOAS ASSOCIAM O CONGO DIRETAMENTE COM SUA RELIGIÃO?
- VOCÊ PARTICIPA PUBLICAMENTE DOS ENSAIOS OU DAS APRESENTAÇÕES DA BANDA?
- JÁ VIVENCIOU ALGUMA FORMA DE PRECONCEITO POR SER PARTICIPANTE DO CONGO? (SE A RESPOSTA FOR AFIRMATIVA) QUE TIPO DE PRECONCEITO SOFREU? PODE RELATAR SUA EXPERIÊNCIA?
- EM DETERMINADOS LUGARES VOCÊ SE SENTE OU JÁ SE SENTIU CONSTRANGIDO EM SE EXPOR COMO PRATICANTE DE CONGO? (SE A RESPOSTA FOR AFIRMATIVA) EM QUAIS LUGARES SE SENTE OU SE SENTIU MAIS CONSTRANGIDO? PODE RELATAR SUA EXPERIÊNCIA?
- VOCÊ IMAGINA OS MOTIVOS PELOS QUAIS AS PESSOAS TEM PRECONCEITO EM RELAÇÃO AO CONGO OU AOS PRATICANTES?
- COMO VOCÊ ACHA QUE ESSE PRECONCEITO PODE SER COMBATIDO? DE QUE FORMA?
- ALGUM CASO/FATO INTERESSANTE QUE QUEIRA COMENTAR OU ACRESCENTAR?

Observação: Estas são perguntas norteadoras porem ao decorrer da entrevista poderá ser acrescentado outras perguntas de acordo com as respostas para compreender os aspectos em relação ao preconceito.

APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA – ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I.

**PESQUISA DE CAMPO NAS ESCOLAS
QUESTIONÁRIO / ENTREVISTA
SEGUIMENTO:
ENSINO FUNDAMENTAL I**

- QUE IDADE VOCÊ TEM?
 - QUE SÉRIE VOCÊ ESTUDA?
 - QUAL A COR DA SUA PELE?
 - VOCÊ FREQUENTA ALGUMA IGREJA? QUAL?
 - QUAIS SEUS HÁBITOS CULTURAIS E DE DIVERSÃO MAIS FREQUENTES?
- FORMULÁRIO EM ANEXO.
- QUE TIPOS DE MÚSICAS (ESTILOS MUSICAIS OU ARTISTAS) VOCÊ GOSTA DE OUVIR?
 - VOCÊ CONHECE O CONGO CAPIXABA? O QUE VOCÊ CONHECE OU SABE SOBRE O CONGO? (EM CASO NEGATIVO, PERGUNTAR SE NÃO TEVE ACESSO A INFORMAÇÃO ATRAVÉS DA ESCOLA, AMIGOS, EM CASA OU MÍDIA)
 - VOCÊ GOSTA DO RITMO E DA MÚSICA DE CONGO?
 - VOCÊ PARTICIPARIA DE UMA APRESENTAÇÃO DE CONGO? POR QUE?
 - SEUS PAIS DEIXARIAM VOCÊ PARTICIPAR DE UMA MANIFESTAÇÃO DE CONGO EM FESTAS OU NA ESCOLA? POR QUÊ?
 - VOCÊ ACHA QUE O CONGO SE PARECE COM ALGUMA EXPRESSÃO RELIGIOSA? QUAL? POR QUÊ?

- A ESCOLA TEM ATIVIDADES (APRESENTAÇÕES, DANÇAS, MÚSICAS, DESENHOS, PAINÉIS) QUE ABORDAM TEMAS FOLCLÓRICOS (DA CULTURA POPULAR)?
- A ESCOLA TEM ATIVIDADES (APRESENTAÇÕES, DANÇAS, MÚSICAS, DESENHOS, PAINÉIS) QUE ABORDAM TEMAS DE VALORIZAÇÃO E RESPEITO A PESSOAS DE DIFERENTES RAÇAS (COR DE PELE)?
- VOCÊ OBSERVA ALGUM TIPO DE PRECONCEITO (IMPLICÂNCIA) COM ALGUMA PESSOA COM COR DE PELE DIFERENTE DA SUA? O QUE VOCÊ ACHA DESSE COMPORTAMENTO (IMPLICÂNCIA)?
- VOCÊ OBSERVA ALGUM TIPO DE PRECONCEITO (IMPLICÂNCIA) COM ALGUMA PESSOA QUE TEM UMA RELIGIÃO DIFERENTE DA SUA? O QUE VOCÊ ACHA DESSE COMPORTAMENTO (IMPLICÂNCIA)?
- O QUE VOCÊ ACHA QUE PODE ACABAR COM ESSE PRECONCEITO (IMPLICÂNCIA)?

Observação: Estas são perguntas norteadoras porem ao decorrer da entrevista poderá ser acrescentado outras perguntas de acordo com as respostas para compreender os aspectos em relação ao preconceito.

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA – ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II E EJA

**PESQUISA DE CAMPO NAS ESCOLAS
QUESTIONÁRIO / ENTREVISTA
SEGUIMENTO:
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II E EJA**

- QUAL SUA IDADE?
- QUAL SUA ESCOLARIDADE/ SÉRIE?
- COMO VOCÊ DEFINE SUA RAÇA/COR?
- SOMANDO A RENDA DE SUA FAMÍLIA, EM QUAL CLASSE SOCIAL* VOCÊ SE ENQUADRA? (*Definição segundo o IBGE – Salário mínimo vigente em 2016 de R\$880,00)

- CLASSE E - () MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMO – [MENOS DE R\$ 1760,00]
- CLASSE D - () ENTRE 2 A 4 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ENTRE R\$ 1760,00 A R\$ 3520,00]
- CLASSE C - () DE 4 A 10 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ENTRE R\$ 3520,00 A R\$ 8800,00]
- CLASSE B - () DE 10 A 20 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ENTRE R\$ 8800,00 A R\$ 17600,00]
- CLASSE A - () ACIMA DE 20 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ACIMA DE R\$ 17600,00]

- QUAL É SUA RELIGIÃO? VOCÊ FREQUENTA ALGUMA IGREJA? QUAL?
- QUAIS SEUS HÁBITOS CULTURAIS E DE DIVERSÃO MAIS FREQUENTES?

FORMULÁRIO EM ANEXO.

- QUE TIPOS DE MÚSICAS (ESTILOS MUSICAIS OU ARTISTAS) VOCÊ GOSTA DE OUVIR?
- VOCÊ CONHECE O CONGO CAPIXABA? O QUE VOCÊ CONHECE OU SABE SOBRE O CONGO? (EM CASO NEGATIVO, PERGUNTAR SE NÃO TEVE ACESSO A INFORMAÇÃO ATRAVÉS DA ESCOLA, AMIGOS, EM CASA OU MÍDIA)

- VOCÊ GOSTA DE VER OU OUVIR CONGO CAPIXABA?
- QUE TIPOS DE MÚSICAS VOCÊ GOSTA DE OUVIR?
- VOCÊ PARTICIPARIA DE UMA APRESENTAÇÃO DE CONGO? POR QUE?
- O QUE SIGNIFICA OU REPRESENTA O CONGO PARA VOCÊ?
- VOCÊ ASSOCIA O CONGO COM ALGUMA RELIGIÃO? QUAL E POR QUÊ?
- VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE PARTICIPA DO CONGO? COMO VOCÊ SE RELACIONA COM ESSA PESSOA?
- SEUS PAIS APOIARIAM OU APOIAM A MANIFESTAÇÃO DE CONGO NA ESCOLA OU EM FESTAS ESCOLARES? POR QUÊ?
- A ESCOLA TRABALHA TEMAS QUE ABORDAM AS INFLUÊNCIAS DA CULTURA DE ORIGEM AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA? QUAL SUA OPINIÃO SOBRE ISSO?
- VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA TRATA A CULTURA DE CONGO COM PRECONCEITO? POR QUÊ?
- COMO VOCÊ ACHA QUE ESSE PRECONCEITO PODE SER COMBATIDO? DE QUE FORMA?
- ALGUM CASO/FATO INTERESSANTE QUE QUEIRA COMENTAR OU ACRESCENTAR?

Observação: Estas são perguntas norteadoras porem ao decorrer da entrevista poderá ser acrescentado outras perguntas de acordo com as respostas para compreender os aspectos em relação ao preconceito.

APÊNDICE J – QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA – PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E QUADRO TÉCNICO ESCOLAR

PESQUISA DE CAMPO NAS ESCOLAS
QUESTIONÁRIO / ENTREVISTA
SEGUIMENTO:
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E QUADRO TÉCNICO ESCOLAR
(Direção, Professores, Pedagogos, Professores, Estagiários, Bibliotecários)

- QUAL SUA IDADE?
- COMO VOCÊ DEFINE SUA RAÇA/COR?
- VOCÊ RESIDE EM ÁREA URBANA OU RURAL?
- SOMANDO A RENDA DE SUA FAMÍLIA, EM QUAL CLASSE SOCIAL* VOCÊ SE ENQUADRA? (*Definição segundo o IBGE – Salário mínimo vigente em 2016 de R\$880,00)

- CLASSE E - () MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMO – [MENOS DE R\$ 1760,00]
- CLASSE D - () ENTRE 2 A 4 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ENTRE R\$ 1760,00 A R\$ 3520,00]
- CLASSE C - () DE 4 A 10 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ENTRE R\$ 3520,00 A R\$ 8800,00]
- CLASSE B - () DE 10 A 20 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ENTRE R\$ 8800,00 A R\$ 17600,00]
- CLASSE A - () ACIMA DE 20 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ACIMA DE R\$ 17600,00]

- QUAL É SUA RELIGIÃO? É PRATICANTE?
- QUAIS SEUS HÁBITOS CULTURAIS E DE DIVERSÃO MAIS FREQUENTES?

FORMULÁRIO EM ANEXO.

- QUE TIPOS DE MÚSICAS (ESTILOS MUSICAIS OU ARTISTAS) VOCÊ GOSTA DE OUVIR?
- VOCÊ CONHECE O CONGO CAPIXABA? O QUE VOCÊ CONHECE OU SABE SOBRE O CONGO? (EM CASO NEGATIVO, PERGUNTAR SE NÃO TEVE ACESSO A

INFORMAÇÃO ATRAVÉS DE ALGUMA FORMAÇÃO, NA ESCOLA, AMIGOS, EM CASA OU MÍDIA)

- O QUE SIGNIFICA OU REPRESENTA O CONGO PARA VOCÊ?
- VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE PARTICIPA DO CONGO? COMO VOCÊ SE RELACIONA COM ESSA PESSOA?
- VOCÊ CONHECE A LEI 10.639-03 QUE TORNA OBRIGATÓRIO O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA EM TODAS AS ESCOLAS, PÚBLICAS E PARTICULARES, DO ENSINO FUNDAMENTAL ATÉ O ENSINO MÉDIO? A ESCOLA TRABALHA ESSA LEI? QUAL SUA OPINIÃO SOBRE ESSA LEI?
- VOCÊ ACHA QUE O CONGO CAPIXABA TEM RELAÇÃO COM A CULTURA AFRO-BRASILEIRA? QUE RELAÇÃO VOCÊ OBSERVA?
- VOCÊ ACHA QUE O CONGO CAPIXABA TEM RELAÇÃO COM ALGUMA RELIGIÃO? QUE RELAÇÃO VOCÊ OBSERVA?
- VOCÊ IMAGINA OS MOTIVOS PELOS QUAIS AS PESSOAS TEM PRECONCEITO EM RELAÇÃO AO CONGO OU AOS PRATICANTES?
- COMO VOCÊ ACHA QUE ESSE PRECONCEITO PODE SER COMBATIDO? DE QUE FORMA?
- ALGUM CASO/FATO INTERESSANTE QUE QUEIRA COMENTAR OU ACRESCENTAR?

Observação: Estas são perguntas norteadoras porem ao decorrer da entrevista poderá ser acrescentado outras perguntas de acordo com as respostas para compreender os aspectos em relação ao preconceito.

APÊNDICE K – QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA – PAIS OU RESPONSÁVEIS DE ALUNOS

PESQUISA SOBRE A CULTURA POPULAR DO CONGO CAPIXABA

ESTA PESQUISA TEM POR OBJETIVO IDENTIFICAR OS CONHECIMENTOS DOS ENTREVISTADOS SOBRE A CULTURA DE CONGO CAPIXABA. SUA CONTRIBUIÇÃO SERÁ MUITO IMPORTANTE PARA LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE DADOS SOBRE O ASSUNTO.

QUESTIONÁRIO / ENTREVISTA

SEGUIMENTO: PAIS OU RESPONSÁVEIS DE ALUNOS

RESPONDA AS PERGUNTAS DO FORMULÁRIO ABAIXO. NÃO É NECESSÁRIO SE IDENTIFICAR.

- QUAL SUA FAIXA ETÁRIA?

ABAIXO DE 20 ANOS ()	ENTRE 20 A 35 ANOS ()	ENTRE 35 A 50 ANOS ()	ENTRE 50 A 75 ANOS ()	ACIMA DE 75 ANOS ()
--------------------------	---------------------------	---------------------------	---------------------------	-------------------------

- QUAL SUA ESCOLARIDADE?

NÃO ESTUDOU ()	ENSINO FUNDAMENTAL () COMPLETO () INCOMPLETO	ENSINO MÉDIO () COMPLETO () INCOMPLETO	ENSINO SUPERIOR () COMPLETO () INCOMPLETO	POS-GRADUAÇÃO () COMPLETO () INCOMPLETO
--------------------	--	--	---	---

- SOMANDO A RENDA DE SUA FAMÍLIA, EM QUAL CLASSE SOCIAL* VOCÊ SE ENQUADRA?
(* Definição segundo o IBGE – Valores baseados no salário mínimo vigente em 2016)

CLASSE E - () MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMO [MENOS DE R\$ 1760,00]	CLASSE D - () DE 2 A 4 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ENTRE R\$ 1760,00 A R\$ 3520,00]	CLASSE C - () DE 4 A 10 SALÁRIOS MÍNIMOS – [ENTRE R\$ 3520,00 A R\$ 8800,00]	CLASSE B - () DE 10 A 20 SALÁRIOS MÍNIMOS - [ENTRE R\$ 8800,00 A R\$ 17600,00]	CLASSE A - () ACIMA DE 20 SALÁRIOS MÍNIMOS - [ACIMA DE R\$ 17600,00]
--	--	---	---	---

- COMO VOCÊ DEFINE SUA RAÇA/COR? _____
- QUAL É SUA RELIGIÃO? VOCÊ FREQUENTA ALGUMA IGREJA? QUAL?

- QUE TIPOS DE MÚSICAS (ESTILOS MUSICAIS OU ARTISTAS) VOCÊ GOSTA DE OUVIR?

- VOCÊ CONHECE O CONGO CAPIXABA? O QUE SIGNIFICA OU REPRESENTA O CONGO PARA VOCÊ OU QUE VOCÊ CONHECE OU SABE SOBRE O CONGO?

- VOCÊ GOSTA DE VER OU OUVIR CONGO CAPIXABA? _____
- VOCÊ ASSOCIA O CONGO COM ALGUMA RELIGIÃO? QUAL E POR QUÊ?

- VOCÊ PARTICIPARIA DE UMA APRESENTAÇÃO DE CONGO OU DEIXARIA SEU FILHO PARTICIPAR? POR QUÊ?

- VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE PARTICIPA DO CONGO? COMO VOCÊ SE RELACIONA COM ESSA PESSOA?

- QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A MANIFESTAÇÃO DE CONGO NA ESCOLA OU EM FESTAS ESCOLARES? POR QUÊ?

- VOCÊ ACHA QUE O CONGO CAPIXABA TEM RELAÇÃO COM A CULTURA AFRO-BRASILEIRA? QUE RELAÇÃO VOCÊ OBSERVA?

- VOCÊ CONHECE O TRABALHO DA ESCOLA EM RELAÇÃO AOS TEMAS QUE ABORDAM AS INFLUÊNCIAS DA CULTURA DE ORIGEM AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA? QUAL SUA OPINIÃO SOBRE ISSO?

- VOCÊ ACHA QUE A CULTURA DE CONGO É TRATADA COM PRECONCEITO? POR QUÊ?

- COMO VOCÊ ACHA QUE ESSE PRECONCEITO PODE SER COMBATIDO? DE QUE FORMA?

POR FAVOR, PREENCHA O FORMULÁRIO DE HÁBITOS CULTURAIS EM ANEXO. AGRADEÇO MUITO SUA PARTICIPAÇÃO!

DOUGLAS PINHEIRO COSTA – PROFESSOR DE ARTES E MESTRANDO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES PELA FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA.

APÊNDICE L – QUESTIONÁRIO SOBRE HÁBITOS CULTURAIS E DE ACESSO À CULTURA

QUESTIONÁRIO SOBRE HÁBITOS CULTURAIS E DE ACESSO À CULTURA

Nome: _____ Idade: _____

ASSINALE COM (X) OS SEUS HÁBITOS MAIS FREQUENTES. PODE MARCAR MAIS DE UMA OPÇÃO.

<p>• OUVIR MÚSICA. QUAIS MEIOS: () RÁDIO / () TELEVISÃO / () INTERNET / () APARELHOS PORTÁTEIS.</p>
<p>• ASSISTIR VIDEO-CLIPES. QUAIS MEIOS: () TELEVISÃO / () INTERNET / () APARELHOS PORTÁTEIS.</p>
<p>• ASSISTIR DESENHOS ANIMADOS. QUAIS MEIOS: () TELEVISÃO / () INTERNET / () APARELHOS PORTÁTEIS.</p>
<p>• ASSISTIR NOVELAS. QUAIS MEIOS: () TELEVISÃO / () INTERNET / () APARELHOS PORTÁTEIS.</p>
<p>• ASSISTIR SERIADOS. QUAIS MEIOS: () TELEVISÃO / () INTERNET / () APARELHOS PORTÁTEIS.</p>
<p>• ASSISTIR FILMES EM CASA. QUAIS MEIOS: () TELEVISÃO / () INTERNET / () APARELHOS PORTÁTEIS.</p>
<p>• ASSISTIR FILMES POR MEIO DE PROJEÇÃO. QUAIS MEIOS: () SALAS DE CINEMA / () ESCOLA / () IGREJA / () OUTRO.</p>
<p>• LER LIVROS DE LITERATURA (HISTÓRIAS FICTÍCIAS, ROMANCES, POEMAS). QUAIS MEIOS: () LIVROS IMPRESSO / () LIVRO DIGITAL.</p>
<p>• LER HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. QUAIS MEIOS: () IMPRESSO JORNAL / () IMPRESSO REVISTAS / () IMPRESSO LIVRO / () QUADRINHOS DIGITAL.</p>
<p>• ASSISTIR APRESENTAÇÕES COM CANTORES E GRUPOS MÚSICAIS. QUAIS LOCAIS: () BARES E BOATES / () CASA DE SHOW / () ARENA OU PARQUE / () IGREJA / () OUTRO.</p>
<p>• ASSISTIR APRESENTAÇÕES MÚSICAIS COM OSQUESTRAS E CORAIS. QUAIS LOCAIS: () TEATRO / () CASA DE SHOW / () ARENA OU PARQUE / () IGREJA / () ESCOLA / () OUTRO.</p>
<p>• ASSISTIR APRESENTAÇÕES DE DANÇA. QUAIS LOCAIS: () TEATRO / () CASA DE SHOW / () ARENA OU PARQUE / () IGREJA / () ESCOLA / () OUTRO.</p>
<p>• ASSISTIR APRESENTAÇÕES DE TEATRO. QUAIS LOCAIS: () TEATRO / () CASA DE SHOW / () ARENA OU PARQUE / () IGREJA / () ESCOLA / () OUTRO.</p>
<p>• ASSISTIR APRESENTAÇÕES DE CULTURA POPULAR OU FOLCLÓRICAS. QUAIS LOCAIS: () COMUNIDADE / () RUA OU LOCAIS PÚBLICOS / () BARES E BOATES / () TEATRO / () CASA DE SHOW / () ARENA OU PARQUE / () IGREJA / () ESCOLA / () OUTRO.</p>
<p>• FREQUENTAR EXPOSIÇÕES ARTÍSTICAS. QUAIS LOCAIS: () MUSEU / () GALERIAS / () ESPAÇOS CULTURAIS / () ESCOLA / () OUTRO.</p>
<p>• PRÁTICA ALGUMA FORMA DE EXPRESSÃO CULTURAL OU ARTÍSTICA? () DESENHA / () PINTA / () FAZ ARTESANATO / () ESCREVE POEMAS OU HISTÓRIAS / () CANTA / () DANÇA () TOCA INSTRUMENTO MUSICAL / () FAZ TEATRO / () PARTICIPA DE GRUPOS TRADICIONAIS OU FOLCLÓRICOS. PRÁTICA OUTRA ATIVIDADE ARTÍSTICA. QUAL?: _____</p>